

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Edmilson José dos Santos

**A CENTRALIDADE DO QUERIGMA NA
EVANGELII GAUDIUM.
Implicações eclesiológicas e pastorais**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro
fevereiro de 2023



Edmilson José dos Santos

**A centralidade do querigma na Evangelii Gaudium.
Implicações eclesiológicas e pastorais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Antonio Luiz Catelan Ferreira

Orientador

PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi

PUC-Rio

Diogo Marangon Pessotto

PUC/PR

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Edmilson José dos Santos

Graduou-se em Teologia pelo Centro Universitário Assunção em 2008. Especializou-se em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano em 2012. Foi Tutor de Teologia no Centro Universitário Claretiano. Participou do Curso de Especialização para Formadores de Seminários pela Faculdade Dehoniana em 2014. Professor no Instituto de Filosofia da Arquidiocese de Vitória da Conquista-BA.

Ficha Catalográfica

Santos, Edmilson José dos

A centralidade do querigma na Evangelii Gaudium : implicações eclesiológicas e pastorais / Edmilson José dos Santos ; orientador: Antonio Luiz Catelan Ferreira. – 2022.
105 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Ação evangelizadora. 3. Alegria. 4. Evangelii Gaudium. 5. Francisco. 6. Querigma. I. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao Deus Uno e Trino, pelo dom da vida e pelo chamado ao ministério ordenado.

À Arquidiocese de Vitória da Conquista/BA, na pessoa de Dom Josafá Menezes da Silva, Arcebispo Metropolitano, e de todo presbitério, pela confiança e apoio.

Ao meu orientador Professor Doutor Dom Antonio Luiz Catelan Ferreira, pela atenção, incentivo e valiosa contribuição para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, indispensáveis para que este trabalho fosse realizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, ao corpo docente do Departamento de Teologia, na pessoa do Professor Doutor Pe. Waldecir Gonzaga, meu respeito e reconhecimento.

Aos colegas, minha estima e admiração.

Aos professores que compuseram a banca examinadora, pelo apreço a este trabalho.

Ao Papa Francisco, por sua inspiradora Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e por sua postura de pastor com “cheiro das ovelhas”.

Às Irmãs da Sociedade das Filhas do Coração de Maria/RJ, pelo acolhimento e pelo fraterno convívio.

Aos meus amigos e familiares, pela compreensão, incentivo e orações.

Enfim, a todos que me incentivaram na jornada acadêmica, motivando-me a avançar no estudo da ciência teológica, minha profunda gratidão.

Resumo

Santos, Edmilson José dos; Ferreira, Antonio Luiz Catelan. **A centralidade do Querigma na Evangelii Gaudium**. Implicações eclesiológicas e pastorais. Rio de Janeiro, 2023. 105p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A centralidade do querigma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, é o tema desta dissertação. Busca-se apresentar, através da referida Exortação Apostólica, o querigma como uma dimensão inerente à ação evangelizadora, ressaltando a primazia do anúncio de Jesus Cristo e suas implicações no âmbito eclesiológico e pastoral. Para tanto, fez-se necessário explicitar o significado da evangelização querigmática na missão da Igreja, desde o Concílio Vaticano II até o pontificado atual. O tema do querigma, como o anúncio de amor salvador de Deus revelado em Jesus Cristo, perpassa toda a *Evangelii Gaudium* e tem seus desdobramentos em toda ação pastoral, tanto na liturgia e na catequese quanto também no serviço da caridade e na espiritualidade. Desta análise, espera-se a proposição de uma teologia do querigma que explicita a visão de Cristo e da Igreja subjacente ao anúncio. Destaca-se o perfil do Papa Francisco, sua afinidade com as perspectivas do Concílio, bem como as interpelações deste tempo e os desafios da evangelização. Buscou-se adotar a metodologia do documento em análise, agregando à pesquisa a contribuição de teólogos que ajudam a Igreja a discernir sobre o modo mais adequado de realizar o anúncio da fé em meio à mudança de época

Palavras-chave

Ação evangelizadora; Alegria; *Evangelii Gaudium*; Francisco; Querigma.

Abstract

Santos, Edmilson José dos; Ferreira, Antonio Luiz Catelan (Advisor). **The centrality of the Kerygma in the Evangelii Gaudium: ecclesiological and pastoral implications**. 2023. 105p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The centrality of the kerygma in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, by Pope Francis, is the subject of this dissertation. Through the referred Apostolic Exhortation, the aim is to present the kerygma as an inherent dimension of the evangelizing action, emphasizing the primacy of the proclamation of Jesus Christ and its implications in the ecclesiological and pastoral scope. Therefore, it was necessary to make explicit the meaning of kerygmatic evangelization in the mission of the Church, from the Second Vatican Council to the current pontificate. The theme of the kerygma, as the announcement of God's saving love revealed in Jesus Christ, permeates the entire *Evangelii Gaudium* and has its consequences in all pastoral action, both in the liturgy and in catechesis as well as in the service of charity and spirituality. From this analysis, it is expected to propose a kerygma theology that explains the vision of Christ and the Church underlying the proclamation. It highlights the profile of Pope Francis, his affinity with the perspectives of the Council, as well as the interpellations of this time and the challenges of evangelization. We sought to adopt the methodology of the document under analysis, adding to the research the contribution of theologians who help the Church to discern the most appropriate way to carry out the proclamation of the faith in the midst of changing times.

Keywords

Evangelizing action. Happiness. *Evangelii Gaudium*. Francis. Kerygma.

Sumário

1 Introdução	9
2 A evangelização querigmática nos Documentos do Magistério: do Concílio Vaticano II até Bento XVI	13
2.1 O querigma e seu significado no processo da evangelização	14
2.2 Por uma nova evangelização	15
2.3 O Concílio Vaticano II e seu impulso para a renovação da missão da Igreja	18
2.4 <i>Evangelii Nuntiandi</i> : perspectivas da evangelização no mundo contemporâneo	22
2.5 A evangelização como encontro com Cristo no Pontificado do Papa João Paulo II	24
2.5 Bento XVI: A nova evangelização e a transmissão da fé cristã	28
2.6 A Conferência de Aparecida e a formação de discípulos missionários	31
2.7 Síntese conclusiva	36
3 A Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> e a centralidade do querigma.	38
3.1 A Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> : suas fontes e estrutura	38
3.2 O querigma como anúncio da alegria do Evangelho	40
3.3 A nova evangelização na <i>Evangelii Gaudium</i> e sua expressão querigmática	43
3.4 Fundamentos e perspectivas eclesiológicas da <i>Evangelii Gaudium</i>	45
3.4.1 Uma Igreja em saída	46
3.4.2 Uma Igreja mãe misericordiosa	48
3.4.3 Uma Igreja pobre e dos pobres	49
3.5 A Igreja: Povo de Deus evangelizador	52
3.6 Síntese conclusiva	56
4 Elementos do querigma numa perspectiva pastoral à luz da <i>Evangelii Gaudium</i>	58
4.1 Alguns desafios da realidade: interpelações do tempo presente a partir da <i>Evangelii Gaudium</i>	58
4.2 Evangelizar na perspectiva da sinodalidade	62
4.3 Uma catequese querigmática e mistagógica à luz da <i>Evangelii Gaudium</i>	66
4.4 A dimensão social da evangelização	70
4.4.1 Cuidar das fragilidades: o serviço da caridade para com os pobres	73
4.5 Uma evangelização com ardor do Espírito	77
4.5.1 Um esboço sobre a espiritualidade cristã	77
4.5.2 Evangelizadores com espírito	79
4.5.3 A Palavra que abrasa os corações	83
4.6 Chamados a anunciar o Evangelho da esperança viva	86
4.7 Síntese conclusiva	92
5 Conclusão	94
6 Referências bibliográficas	100

Lista de Siglas e Abreviaturas

AG – Decreto *Ad Gentes*

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CTI – Comissão Teológica Internacional

DAp - Documento de Aparecida

DCE – *Deus Caritas Est*

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

DP – Documento de Participação

EA – *Ecclesia In América*

EG – *Evangelii Gaudium*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

FT – *Fratelli Tutti*

GeE – *Gaudete Et Exsultate*

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

LF – *Lumen Fidei*

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

NMI – *Novo Millennio Ineunte*

PF – *Porta Fidei*

RH – *Redemptor Hominis*

RM- *Redemptoris Missio*

SRS – *Sollicitudo Rei Socialis*

SS – *Spe salvi*

VD – *Verbum Domini*

1 Introdução

O tema do anúncio do Evangelho é central para a fé cristã. Desde o mandato da primeira hora: “ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura” (Mc 16.15) até os dias hodiernos, a Igreja sempre procurou compreender e aprofundar o significado do anúncio do Evangelho, através do qual se transmite a mensagem salvífica de Jesus Cristo, fundamento do cristianismo.

O mundo de hoje passa por rápidas e profundas transformações que desafiam a teologia, especialmente no âmbito pastoral, a repensar os métodos e a linguagem para o anúncio da fé. A humanidade encontra-se diante de um novo cenário em que os valores cristãos já não mais se harmonizam com a cultura como em outras épocas. Em circunstâncias assim, não se pode dar por pressuposto e descontado o conhecimento acerca de Jesus Cristo¹. Aqui se coloca o tema da nova evangelização em cuja perspectiva se desenvolve a presente pesquisa.

Em uma realidade marcada por fragmentações em todos os níveis e pelo esmorecimento da fé, enquanto experiência comunitária, faz-se necessário resgatar a centralidade do querigma e rerepresentá-lo com uma disposição e linguagem novas aos diversos interlocutores da missão, inclusive àqueles que receberam o primeiro anúncio, mas, por algum motivo, perderam o entusiasmo da fé. Entende-se por querigma o anúncio integral da Pessoa de Jesus Cristo, cuja encarnação, vida, morte e ressurreição, oferece à pessoa humana o dom do amor salvífico. Trata-se de um anúncio que jamais poderá ser subtraído da ação evangelizadora, sob pena de se esvaziar o próprio conteúdo da evangelização.

No início do seu pontificado, o Papa Francisco presenteou a Igreja com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a alegria do Evangelho no mundo atual. A escolha da referida Exortação como objeto desta pesquisa tem a ver com a profundidade com que o Papa Francisco expõe o tema da evangelização, convidando a Igreja a embarcar numa nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo².

A *Evangelii Gaudium* chegou em um momento de enorme expectativa sobre os rumos da Igreja, após a inesperada renúncia de Bento XVI. Havia o desejo de que a Exortação refletisse o programa pastoral do Papa Francisco, apontando

¹ DAp 549.

² EG 17.

caminhos e motivações novas para a ação evangelizadora em tempos tão desafiadores, em que a identidade da fé cristã é ameaçada, demandando a urgência do anúncio querigmático. Sem deixar de recolher as valiosas contribuições do Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, convocado e realizado por Bento XVI, a *Evangelii Gaudium* imprime o estilo próprio de Francisco, seu modo de conceber a Igreja, seu olhar sobre os reais desafios da evangelização, o seu desejo de convidar toda a Igreja a beber de novo das fontes do Evangelho para recuperar a doce alegria de evangelizar.

A pesquisa que segue tem por escopo apresentar, de forma sistemática, o querigma como uma dimensão essencial na ação evangelizadora, como o expõe a *Evangelii Gaudium*, ressaltando a primazia do anúncio de Jesus Cristo e suas implicações no âmbito eclesiológico e pastoral. Desta análise, espera-se a configuração de uma teologia querigmática que reconduza a Igreja à fonte do Evangelho, isto é, ao encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, donde nasce o discipulado missionário, explicitando a visão de Cristo e da Igreja subjacente ao anúncio, de modo a contribuir efetivamente na qualificação dos processos de iniciação à vida cristã, na formação de discípulos missionários, enfim, na renovação missionária da Igreja.

Para atender ao objetivo geral, a dissertação está dividida em cinco partes, a contar da introdução em curso. O segundo capítulo se propõe a tratar sobre a evangelização querigmática nos Documentos do Magistério a partir do Concílio Vaticano II até Bento XVI. O ponto de partida é a explicitação do que seja o querigma e seus desdobramentos nos processos de adesão à fé em vista da formação da identidade cristã. O Concílio Vaticano II permeará toda a reflexão, dada sua contribuição singular para a renovação da consciência da identidade e da missão da Igreja, principalmente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no Decreto *Ad Gentes* e na, não menos importante, Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. Na esteira do Concílio, situa-se a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, que é uma referência necessária quando se pensa a evangelização na contemporaneidade.

A pesquisa deste capítulo quer também recolher as contribuições do Pontificado de João Paulo II na perspectiva da chamada nova evangelização, principalmente nas reflexões emanadas da Encíclica *Redemptoris Missio* e da Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*. Com a atenção voltada para a identidade da fé, o Papa Bento XVI convoca e realiza o Sínodo sobre a nova evangelização para a

transmissão da fé cristã, que abriu as perspectivas para a configuração da *Evangelii Gaudium*, a ser posteriormente redigida pelo Papa Francisco. Por fim, ainda neste capítulo segundo, retomar-se-á o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, o Documento de Aparecida, ressaltando a sua importância na formação de discípulos missionários no contexto da Igreja deste continente e sua incidência no conjunto da Igreja universal.

O terceiro capítulo tratará especificamente do objeto desta pesquisa, que é a centralidade do querigma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Pretende-se aprofundar os elementos querigmáticos da Exortação em análise, identificando a eclesiologia subjacente ao anúncio do Evangelho para a compreensão da identidade e da missão da Igreja. Para tanto, fez-necessário debruçar-se sobre o conteúdo da *Evangelii Gaudium* para conhecer suas fontes, estrutura e contexto, a relação com o Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, bem como as intuições próprias de Francisco ao propor uma nova etapa da ação evangelizadora na Igreja, sob o impulso do Concílio Vaticano II.

O querigma se caracteriza como a experiência de uma alegria que brota do encontro com Cristo, que revela o amor do Pai; uma alegria a se comunicar como dom. Esta perspectiva estará presente no percurso deste capítulo.

O quarto capítulo, último do desenvolvimento, se propõe a trazer presente os principais elementos do querigma, numa abordagem pastoral, mediante as inspirações da *Evangelii Gaudium*. A leitura da realidade, com suas profundas transformações, é fundamental para a compreensão pastoral do momento presente. Identificar os desafios que interpelam a Igreja a uma postura eclesial mais sinodal faz parte, seguramente, das intenções desta pesquisa. Em se tratando da evangelização querigmática, a catequese ocupa um lugar especial neste processo. Por isso, parte deste capítulo abordará sobre a identidade da catequese, evidenciando seus elementos querigmáticos e mistagógicos, conforme propõe Francisco em sua primeira Exortação Apostólica.

Considerando ser fundamental a promoção de uma evangelização integral, coube neste trabalho acadêmico uma reflexão sobre a dimensão social do querigma para se evitar qualquer postura reducionista da fé no processo da evangelização. Para tanto, valer-se-á também das contribuições da Doutrina Social da Igreja no sentido de apontar a caridade cristã com o coração do anúncio e, portanto, como inerente ao próprio querigma.

Por fim, destaca-se o tema da espiritualidade para a nova evangelização, à luz dos elementos pneumatológico-trinitários da *Evangelii Gaudium*, em vista da proposição de uma espiritualidade da missão. Ao final de cada capítulo, a propósito de conclusão, retomar-se-á as ideias principais desenvolvidas, reafirmando a centralidade do querigma, a atualidade da temática no cenário teológico-pastoral, bem como as perspectivas abertas no percurso da pesquisa para posteriores aprofundamentos.

Esta dissertação é resultado de uma ampla pesquisa de revisão bibliográfica. A temática se alinha a um considerável número de produções do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio cujo foco da pesquisa é a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e, por consequência, o Magistério do Papa Francisco. Por se tratar de um enfoque eclesiológico e pastoral, dá-se uma maior relevância aos documentos pontifícios, especialmente à *Evangelii Gaudium*, o Documento conclusivo de Aparecida, às atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, o Documento 107 da CNBB sobre a Iniciação à vida cristã. Agrega também as contribuições de vários teólogos, apreciadores do Pontificado do Papa Francisco, que ajudam a Igreja a pensar a pastoral e a missão nos dias de hoje. É, pois, nestas perspectivas que se coloca a presente pesquisa, ao cabo da qual se espera extrair elementos teológico-pastorais que contribuam para a eficácia da ação evangelizadora, como pretende toda autêntica teologia.

2

A evangelização querigmática nos Documentos do Magistério: do Concílio Vaticano II até Bento XVI

A missão primordial da Igreja é o anúncio de Jesus Cristo, sem o qual a fé cristã estaria comprometida. Como comunidade de enviados, a Igreja procura levar adiante o mandato de Cristo: “ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura” (Mc 16,15), consciente de que tal tarefa é desafiadora, exigindo dela atenção aos sinais dos tempos, fidelidade às fontes bíblicas e à rica tradição eclesial e comprometimento na ação evangelizadora. Dado esse pressuposto, este capítulo apresenta o tema da evangelização querigmática a partir dos Documentos do Magistério: desde o Concílio Vaticano II até Bento XVI. Parte-se do conceito de querigma, atestado nos relatos do Novo Testamento, uma vez que o primeiro anúncio é fundamental para o despertar da fé e a formação de discípulos e missionários de Jesus Cristo. A temática é situada no contexto amplo da chamada “nova evangelização”, que convida a rever os métodos do anúncio do Evangelho sem prejuízo a seu conteúdo. Nesta perspectiva, compreende-se o papel singular do Concílio Vaticano II para a renovação da consciência da identidade e da missão da Igreja, sobretudo na Constituição *Lumen Gentium* e no Decreto *Ad Gentes*, os quais serão referidos na seção 2.3. Sob o impulso renovador do Concílio, situa-se a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, que servirá de base para uma reflexão mais consistente da Igreja sobre a evangelização na contemporaneidade.

Em seguida, tratar-se-á sobre a evangelização como encontro com Cristo, no Magistério do Papa João Paulo II, destacando a Encíclica *Redemptoris Missio* e a Carta Apostólica *Novo Millennium Ineunte*, do jubileu da encarnação do Verbo, do ano 2000. Aqui o conceito de nova evangelização será melhor explicitado. A seção 2.5 trará presente as contribuições do Papa Bento XVI com o Sínodo sobre a Nova evangelização para a transmissão da fé cristã, cujas conclusões couberam ao seu sucessor, o Papa Francisco. A última parte se referirá ao texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Documento de Aparecida, destacando a sua importância em vista da formação de discípulos missionários no contexto da Igreja deste continente. Todas essas reflexões são fundamentadas nos Documentos do Magistério eclesiástico, valendo-se também das contribuições de grandes estudiosos do campo da teologia que colaboram para

o desenvolvimento do pensamento teológico-pastoral na Igreja do Brasil e da América Latina.

2.1

O querigma e seu significado no processo da evangelização

Anunciar Jesus Cristo é a missão primordial e sempre urgente da Igreja, pois constitui o elemento inadiável da evangelização. É fundamentalmente para evangelizar que a Igreja existe e compreende sua missão no mundo. A inspiradora Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, fruto do Sínodo sobre a Evangelização de 1974, abriu perspectivas para que a Igreja tomasse mais consciência ainda da sua identidade e missão, assumindo para si as palavras do Salvador: Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus (Lc 4,3)³. Desde então, o tema do anúncio do evangelho ganhou relevância nas reflexões do Magistério eclesial e, em cada época, a Igreja se pergunta sobre o melhor modo de realizar tal tarefa, considerando os desafios de cada tempo.

Já o Concílio Vaticano II, na sua perspectiva de estabelecer um diálogo da Igreja com o mundo, fez aflorar a consciência evangelizadora da Igreja ao afirmar que o papel da comunidade cristã consiste em anunciar o Evangelho aos homens do seu tempo, compartilhando das suas esperanças e angústias. Esse constitui o serviço mais importante que a Igreja pode prestar aos cristãos e a toda humanidade⁴.

O centro do anúncio é Jesus Cristo, pois a Igreja não prega a si mesma, senão a Cristo, e este crucificado (2 Cor 2,5; 1 Cor 1,23), assim como Cristo não anunciou a si mesmo, mas o reino do Pai. Deste modo, a motivação para o primeiro anúncio nasce do desejo de favorecer à pessoa um encontro pessoal com Cristo, e, a partir daí, provocar um processo de maturidade na fé que resultará em um discipulado fecundo. Esse primeiro anúncio, também chamado querigma⁵, é a raiz da fé cristã, o fio condutor do processo de evangelização; a mensagem que a Igreja recebeu da pregação dos Apóstolos, na hora primeira da era cristã, e que não cessa de proclamar até os confins dos tempos: “Em Jesus Cristo: morto, ressuscitado, exaltado e

³ EN 14.

⁴ EN 1; GS 1.

⁵ As palavras Kérygma e Kerysso são formadas a partir do substantivo Kerys, que significa arauto, anunciador, pregador. Querigma é um substantivo que indica o que o arauto anuncia, é o conteúdo da proclamação. O verbo Kerysso indica a ação de proclamar. No mundo grego o substantivo querigma é utilizado para indicar as informações trazidas pelo orante, tais como a notificação de um decreto, a notícia do vencedor de uma batalha. PEREIRA, S.C., A formação de discípulos missionários, p. 20.

tornado Senhor, Deus oferece a salvação a toda humanidade” (At 2,22-36; 1 Cor 15,3-5).

Com mais riqueza de detalhes, o subsídio doutrinal 4 da CNBB explicita o conceito de querigma, dentre outros elementos, como o anúncio do nome, do ensinamento, da vida, das promessas do Reino e do mistério pascal de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, que acompanha todo o processo de evangelização⁶. Este anúncio suscita a fé em Jesus Cristo e abre caminho para uma experiência de encontro pessoal e apaixonado por Ele⁷.

Na *Evangelii Gaudium*, objeto desta pesquisa, o Papa Francisco ressalta a centralidade do querigma e a necessidade de uma evangelização querigmática, recordando que o querigma é “o amor pessoal de Deus que se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade”⁸. É o anúncio fundamental que dá resposta à sede de infinito que existe no coração humano. A reflexão a ser desenvolvida pretende aprofundar esses elementos que a *Evangelii Gaudium* expõe com profundidade, trazendo presente as intuições do Papa Francisco e o seu desejo de propor à Igreja o tema do anúncio do Evangelho como fundamental para a renovação da consciência missionária da Igreja.

Como ressalta o Documento de Aparecida, a Igreja deve investir todas as suas energias e as suas melhores ferramentas em prol da qualidade da ação evangelizadora sem “dar nada como pressuposto e descontado. Todos os batizados são chamados a recomeçar a partir de Cristo”⁹, pois muitos perderam o encanto da fé. Daí a urgência de uma evangelização querigmática que suscite e reanime a fé, fortaleça os vínculos com a comunidade eclesial, aprofunde o discipulado e promova na Igreja a consciência missionária. Todas essas reflexões se inserem no processo da chamada “nova evangelização” que este trabalho deseja explicitar.

2.2 Por uma nova evangelização

Antes de qualquer propósito de conceituação, o termo nova evangelização não se apresenta de tão fácil compreensão, como se pode pressupor, já que o núcleo da evangelização, isto é, a proclamação do querigma salvífico, presente nas palavras e nas ações de Jesus, é sempre o mesmo, e é justamente o que garante a

⁶ CNBB, Anúncio querigmática e evangelização fundamental, p. 17-21.

⁷ CNBB, Anúncio querigmático e evangelização fundamental, p. 27.

⁸ EG 128,165.

⁹ DAp 549.

identidade da fé cristã. Sendo assim, o adjetivo “nova” não pode dizer respeito ao conteúdo da verdade cristã, senão ao modo pelo qual a evangelização se realiza, tendo presente as mudanças de contextos¹⁰. O ponto de partida para se falar de uma nova evangelização é a compreensão clara do que seja a própria evangelização, para não se correr o risco de empobrecer ou mutilar o seu conceito, como bem observou Paulo VI. Dada a sua riqueza e complexidade, “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”¹¹. Este é o pressuposto irrenunciável em toda ação evangelizadora da Igreja.

Sobre a origem da expressão nova evangelização, atribui-se ao Papa Joao Paulo II tê-la utilizado pela primeira vez na Assembleia do CELAM, no Haiti, em 1983. No seu discurso aos Bispos da América Latina, João Paulo II convocou toda Igreja, ali representada por seus pastores, a

assumir o compromisso de uma nova evangelização. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão. Só assim, afirma o Pontífice, a comemoração de meio milênio de evangelização neste continente terá seu significado pleno¹².

A perspectiva de uma nova evangelização era latente já no Concílio Vaticano II (1962-1965) com a configuração de uma eclesiologia de comunhão e participação dos batizados na missão da Igreja e de abertura aos sinais dos tempos. A própria Conferência de Puebla (1979) lançou luz ao cenário da nova evangelização quando propôs o tema: Evangelização no presente e no futuro da América Latina, abrindo perspectivas para se pensar a evangelização nos novos cenários deste continente, marcado pela fé, mas também por profundas desigualdades.

A necessidade de uma nova evangelização constitui um desafio para a Igreja, cuja missão é manter sempre viva e atual a mensagem do evangelho, de modo a torná-la significativa para a humanidade em cada época. Sabe-se que o conteúdo da mensagem é o mesmo, mudam os cenários, o contexto sócio-político, os processos culturais, o que, conseqüentemente, exige que a Igreja lance mão de novos métodos para a transmissão da fé.

Durante muitos séculos, a sociedade respirava sob os ares da cristandade, o que configurou um cenário de plausibilidade para a fé cristã e a difusão dos valores do evangelho. A fé, já inserida no tecido social, era aceita por todos. Nesse cenário,

¹⁰ MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p. 13-34.

¹¹ EN 17-18.

¹² JOAO PAULO II., Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM, 09 de março de 1983.

a evangelização se concentrava no ensino da doutrina e nas práticas sacramentais¹³. A sociedade atual é marcadamente pluralista, instável, secularizada, pragmática, dentre outros aspectos. Para a geração hodierna, o discurso cristão é apenas mais um entre tantos outros, e a religião fica relegada ao campo do subjetivo. Não se pode mais dar a fé como pressuposto, o que implica na necessidade de se rever os processos de evangelização. O problema de fundo gira em torno do querigma, isto é, do anúncio da fé cristã aos que esmoreceram na fé e se afastaram da comunidade eclesial, a fim de chamá-los a uma opção livre de fé que lhes proporcione orientação e fundamento para viverem com mais sentido a aventura da existência humana.

Na perspectiva da nova evangelização, a Igreja é constantemente chamada e desafiada a transmitir a integralidade do querigma ao ser humano concreto, inserido num contexto sociocultural que dá moldura ao seu modo de ser, de se expressar, de se relacionar, que determina, enfim, sua própria identidade. Prescindir deste pressuposto seria uma falha irreparável na ação evangelizadora. Deste modo, é sempre plausível um olhar atento aos novos cenários sociais, que permita identificar novas mediações de Deus que sejam mais pertinentes ao ser humano imerso na contemporaneidade. O contato com o mundo e o diálogo com esta sociedade plural não são mais uma ameaça para a Igreja. Ao contrário, como afirma o Concílio Vaticano II,

a Igreja se renova, se mantém viva, se expressa adequadamente, se compreende a si própria, na medida em que exerce sua missão evangelizadora em coerência com os desafios e apelos de uma época, na fidelidade ao legado da revelação¹⁴.

O contexto de profundas transformações, que marca a humanidade e os filhos da Igreja, exige discernimento, abertura ao sopro do Espírito, que é sempre capaz de surpreender, fidelidade criativa, capacidade de escuta, bem como a força do testemunho, para provocar no ser humano de hoje uma nova atração por Jesus Cristo e sua Boa Nova. É sabido que os métodos do passado já não respondem aos anseios do presente. Portanto, a nova evangelização, enquanto estratégia para o anúncio da fé, não está dada; é um caminho contínuo a se fazer, a partir das inspirações do Espírito Santo, da leitura correta dos sinais dos tempos, de uma qualificada catequese de inspiração catecumenal e da valorização das experiências bonitas da fé que configuram a Igreja em sua história bimilenar de serviço à evangelização.

¹³ MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p. 13-34.

¹⁴ MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p. 13-34.

O projeto da nova evangelização foi assumido pela Igreja desde o impulso renovador do Concílio Vaticano II, passando pelos pontificados dos Papas João Paulo II, Bento XVI até o atual Magistério do Papa Francisco, no qual o tema ganhou relevância já na sua primeira Exortação Apostólica. O tema teve seus desdobramentos nas Conferências do Episcopado Latino-americano, com especial destaque à Conferência de Aparecida, como se verá adiante. Não se pode deixar de pontuar as contribuições de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*. Na realidade, esta Exortação Apostólica, fruto do Sínodo sobre a evangelização de 1974, lançou as bases para uma reflexão madura sobre a evangelização, apropriada aos novos tempos, e, por isso, é uma referência segura quando se trata da temática. Como poder-se-á verificar, há um caminho bonito já percorrido pela Igreja, com sombras e luzes, desafios e possibilidades; um caminho construído a partir de um singular desejo: levar a peito o mandato que a comunidade cristã recebeu do próprio Senhor: “ide e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

2.3

O Concílio Vaticano II e seu impulso para a renovação da missão da Igreja

O Concílio Vaticano II (1962-1965), prestes a completar 60 anos de inauguração, foi o maior acontecimento eclesial do século XX e, sem dúvida, um marco importante no processo de renovação da Igreja nestes tempos. Na homilia de Joao Paulo II, por ocasião da beatificação do Papa João XXIII, em 30 de setembro de 2000, afirmou o Pontífice a respeito do perfil daquele que convocara o Concílio:

[...] a rajada de novidade dada por ele não se referia decerto à doutrina, mas ao modo de expô-la; era novo estilo de falar e de agir; era a nova a carga de simpatia com que se dirigia às pessoas [...]. Foi com esse espírito que proclamou o Concílio Vaticano II, com o qual iniciou uma nova página na história da Igreja: os cristãos sentiram-se chamados a anunciar o Evangelho com renovada coragem e com uma atenção mais vigilante aos sinais dos tempos¹⁵.

Com uma cativante simpatia, com um sorriso que lhe era peculiar e, sobretudo, com intuição profética, João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, classificando-o como um novo Pentecostes na Igreja¹⁶, que precisava abrir as janelas para receber novos ventos, isto é, um novo ardor missionário, para melhor responder à sua missão mediante os apelos do mundo contemporâneo.

¹⁵ ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M., As janelas do Vaticano II, p. 23.

¹⁶ MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 42.

Uma das grandes intuições do Concílio Vaticano II foi compreender a Igreja a partir do seu caráter ministerial, sacramental e missionário, enquanto povo de Deus em comunhão¹⁷. Tal compreensão deriva da própria natureza da Igreja, que é “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”¹⁸. Nesta perspectiva trinitária, três conceitos sobre a Igreja se integram e interagem, determinando sua natureza: “Corpo de Cristo, povo de Deus e Templo do Espírito Santo”¹⁹. Não há a intenção aqui em aprofundar cada um deles, mas cabe dizer que estes conceitos permeiam não apenas a *Lumen Gentium*, como também abrange a maior parte dos documentos do Concílio²⁰. Pretende-se aqui ressaltar a noção de comunhão, que afirma a igual dignidade dos batizados como sujeitos eclesiais, e o aspecto da missionariedade abordado no decreto *Ad Gentes*.

A categoria de comunhão vai além da compreensão da Igreja em sua estrutura visível e no seu aspecto institucional, que predominou por muito tempo. A noção de comunhão define a realidade mais profunda da Igreja, que “é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano”²¹. Essa comunhão se expressa no modo de viver dos cristãos e em sua relação com Deus, a partir da mediação sacramental, como também diz respeito à própria compreensão da missão da Igreja no mundo. Daí sua configuração pastoral²². A eclesiologia em chave de comunhão não somente dominou os debates teológicos em torno do Concílio, mas foi um dos seus frutos mais esperados,²³ a expressão mais autêntica e crível de uma Igreja, que é chamada a ser no mundo instrumento da união com Cristo e da unidade de todo o povo de Deus. É da noção de comunhão e mistério que brota a compreensão e o impulso do tema da sinodalidade, cuja reflexão tem iluminado os ambientes eclesiais nos dias atuais, sob a motivação do Papa Francisco.

O decreto do *Ad Gentes* diz respeito à abertura da Igreja ao anúncio do Evangelho de Jesus Cristo a todos os povos. Parte-se da afirmação segundo a qual a Igreja é enviada por Deus ao mundo para ser sacramento universal da salvação: “ser enviada é decorrência da própria catolicidade da Igreja e resposta ao mandato do seu Fundador”²⁴. É a partir de Pentecostes que se configura a natureza

¹⁷ CAVACA, O., *A Igreja, Povo de Deus em comunhão*, p. 103.

¹⁸ LG 4.

¹⁹ LG 3.

²⁰ CAVACA, O., *A Igreja, Povo de Deus em comunhão*, p. 105.

²¹ LG 1.

²² CATELAN FERREIRA, A. L., *Eclesiologia do Concílio Vaticano II*, p. 51-79.

²³ CATELAN FERREIRA, A. L., *Eclesiologia do Concílio Vaticano II*, p. 51-79.

²⁴ AG 1.

missionária da Igreja, quando os dons do Espírito Santo, fruto do mistério pascal de Cristo, são derramados sobre os discípulos, tornando-os testemunhas do Evangelho até os confins do mundo. Desde então, a Igreja compreendeu que sua missão é continuar na história o que Jesus fez.

A natureza missionária da Igreja decorre da sua gênese trinitária, pois ela, a Igreja se origina da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai²⁵. Portanto, a atividade missionária é inerente à Igreja, vem da vontade do Pai que deseja que todos os homens e mulheres respondam positivamente à sua proposta amorosa de salvação²⁶.

Ad Gentes lembra que a atividade missionária da Igreja é sempre atual, o que requer atenção aos sinais dos tempos e a necessidade de uma metodologia. O referido decreto ressalta a importância do testemunho dos cristãos, sobretudo na prática da caridade. Insiste na necessidade de uma adequada iniciação cristã a modo de catecumenato, que suscite uma autêntica conversão do coração²⁷. Outro indicativo se refere à formação da comunidade cristã,²⁸ cujos membros, ao tomar parte na função sacerdotal, profética e régia de Cristo, mediante o Batismo, se tornam sinais da presença de Deus no mundo²⁹.

Todos são responsáveis pela obra da evangelização na Igreja: bispos, sacerdotes, religiosos e leigos. Cada um, de acordo com os dons recebidos do Senhor, deve levar adiante o projeto de Cristo, cultivando uma verdadeira espiritualidade missionária. A esse propósito, afirma *Ad Gentes*:

Dado que a Igreja é toda ela missionária e a obra da evangelização, dever fundamental de todo povo de Deus, eis porque este Santo Sínodo convida a todos à profunda renovação interior para, fazendo-se vivamente conscientes da própria responsabilidade na difusão do Evangelho, tomarem o devido lugar na obra missionária entre os povos³⁰.

O conceito de missão é amplo e complexo. O decreto *Ad Gentes* traz, de um lado, um conceito mais teológico de missão, fundamentado na natureza trinitária, como já foi afirmado, de outro, uma concepção mais territorial, que visa a missão nos países ainda não evangelizados³¹. Um e outro conceito têm em comum o anúncio da fé na pessoa de Jesus Cristo, único salvador da humanidade. Hoje, no

²⁵ AG 2.

²⁶ CONRADO, S., Da missão ao povo para o povo em missão, p. 361.

²⁷ AG 14.

²⁸ AG 15.

²⁹ CONRADO, S., Da missão ao povo para o povo em missão, p. 362.

³⁰ AG 35.

³¹ CONRADO, S., Da missão ao povo para o povo em missão, p. 363-364.

processo da nova evangelização, a ação evangelizadora ganha novos contornos: sem deixar de considerar a importância da missão *Ad Gentes*, há um apelo premente por uma evangelização, com renovado ardor, junto aos que receberam o primeiro anúncio, mas que, por algum motivo, não estão mais testemunhando as razões de sua fé. Não é necessário ir muito longe para se dar conta de que o homem contemporâneo, apesar de todas as ofertas da pós-modernidade, sente de novo a necessidade de ir como a samaritana ao poço para ouvir Jesus que convida a crer nele e a beber de sua fonte, donde jorra água viva (Jo 4,14). Bento XVI relembra essa realidade na sua Carta Apostólica *Porta Fidei*, citado por Conrado em sua reflexão sobre o Decreto *Ad Gentes*³². Nesse cenário, a missão da Igreja consiste em oferecer ao ser humano sedento o frescor do Evangelho, como expressará com entusiasmo o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*.

O decreto *Ad Gentes* serviu de inspiração para uma compreensão mais alargada sobre a atividade missionária da Igreja. O conceito de missão, que integra o compromisso *Ad gentes*, torna-se o paradigma de toda Igreja. Da noção de “missão ao povo, passa-se a noção de um povo em missão”³³. De fato, a Igreja é todo o povo de Deus em espírito de missão. Tal perspectiva será amplamente refletida na Conferência de Aparecida e reverberará no pontificado do Papa Francisco.

O Concílio Vaticano II, sem dúvida, abriu caminhos para o incremento da nova evangelização na contemporaneidade, quando convidou a Igreja a perscrutar os sinais dos tempos à luz do Evangelho, para que ela possa responder com mais propriedade para cada geração às perguntas sobre o sentido da vida³⁴. Há que se perguntar: a que homem a Igreja é chamada a evangelizar, quais são suas aspirações e em que contexto ele vive? Assim sendo, as Constituições *Lumen Gentium e Gaudium et Spes*, do referido Concílio, se complementam no sentido de aprofundar sobre a identidade da Igreja e apontar os horizontes da missão em vista do anúncio de Cristo, cujo mistério da encarnação revela ao ser humano a sua mais profunda identidade e sublime vocação³⁵.

³² CONRADO, S., Da missão ao povo para o povo em missão, p. 364.

³³ CONRADO, S., Da missão ao povo para o povo em missão, p. 366-367.

³⁴ GS 4.

³⁵ GS 22.

2.4

***Evangelii Nuntiandi*: perspectivas da evangelização no mundo contemporâneo**

Não se pode avançar numa reflexão sólida sobre o tema da evangelização na Igreja sem levar em conta a Exortação Apostólica de Paulo VI sobre a evangelização no mundo contemporâneo, a *Evangelii Nuntiandi*, que reúne as contribuições do Sínodo dos Bispos de 1974 e se constitui numa referência importante para uma compreensão mais atualizada do que significa a evangelização, tendo em vista os desafios do mundo contemporâneo e as perspectivas abertas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II ³⁶. Era desejo de Paulo VI que o raiar de um novo tempo, trazido pelo Concílio Vaticano II, tornasse a Igreja mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade destes tempos, ³⁷ procurando, por todos os meios ao seu alcance, fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, na qual ele poderá encontrar respostas às suas interrogações e força para sua aplicação no exercício da solidariedade humana ³⁸.

O Concílio Vaticano II, ao conceber a Igreja a partir da categoria de mistério de comunhão, deixa entender que a Igreja não existe em função de si mesma; ela sabe-se portadora de uma palavra de esperança que dever ser comunicada como serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda humanidade. Para tornar ainda mais inteligível os ensinamentos do Concílio e sua aplicação, pareceu de capital importância, afirma Paulo VI, uma Exortação sobre a evangelização, porque a mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa; é, antes, um dever que lhe incumbe por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens acreditem e sejam salvos ³⁹. Daí emana a emblemática afirmação de Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, reverberada em tantos escritos e pronunciamento do magistério eclesial: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” ⁴⁰.

Mas como se pode definir a evangelização, sendo ela uma realidade rica, complexa e dinâmica? Como exposto acima, a própria Exortação Apostólica em referência traz uma definição, que se mostra bastante adequada, à luz daqueles elementos já presentes nas Constituições *Lumen Gentium e Gaudium et Spes* e no Decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II:

³⁶ TEIXEIRA, F., Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio, p. 520-529.

³⁷ EN 2.

³⁸ EN 3.

³⁹ EN 5.

⁴⁰ EN 14.

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformar a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que faço de novo todas as coisas” (Ap 21,5)⁴¹.

Assim sendo, a dinâmica da evangelização na Igreja consiste em levar a uma perspectiva de mudança pessoal e coletiva dos povos, uma vez que a mensagem a ser anunciada interpela todos os homens e o homem todo, penetrando na concretude da existência⁴². Por isso, tudo o que diz respeito à realidade humana pode ser iluminado pela luz do Evangelho.

Ao pensar a Igreja a partir do paradigma da missão evangelizadora, a *Evangelii Nuntiandi* evidencia ainda mais a relação entre Cristo, a Igreja e a evangelização. A Igreja, que nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze, é constantemente enviada por Jesus para prolongar e continuar no mundo a obra salvadora. Ela é chamada a pregar, não as suas ideias pessoais, mas sim o Evangelho, isto é, a Boa Nova que ela guarda como um depósito vivo e precioso, não para manter escondido, mas para o comunicar⁴³.

O que a Igreja anuncia é o que ela deve por primeiro ouvir, se quiser conservar o frescor do anúncio do Evangelho. A Igreja exercerá sua ação evangelizadora no mundo com credibilidade na medida em que evangeliza a si mesma, consciente de que precisa sentir-se constantemente convocada e reunida em Cristo, para ser sempre de novo enviada por Ele, a fim de manter viva a novidade do anúncio⁴⁴. A obra de Cristo, prolongada na Igreja através da ação evangelizadora, constitui uma só realidade, porque tende a um mesmo fim: comunicar aos homens e mulheres a Palavra que salva, a fim de conduzi-los ao conhecimento de Jesus Cristo e a adesão ao seu projeto mediante a fé. De fato, o fundamento da Igreja é Cristo. Quanto mais a Igreja experimenta Cristo em si mesma, mais eficazmente realiza a sua vocação de oferecer ao mundo a sua mensagem de salvação. É sempre a partir de Jesus Cristo, “o primeiro e o maior dos evangelizadores”,⁴⁵ que a Igreja compreende a si mesma e se constitui como comunidade de evangelizadores⁴⁶. Deste modo, ouvir a palavra da Igreja é ouvir o próprio Cristo, que amou a Igreja e se entregou por ela (Ef 5,25), e constantemente a envia para, em seu nome, levar a Boa Nova do reino de Deus para os homens de todos os tempos⁴⁷.

⁴¹ EN 18.

⁴² EN 18; TEIXEIRA, F., Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio, p. 520-529.

⁴³ EN 15.

⁴⁴ EN 15.

⁴⁵ EN 7.

⁴⁶ EN 13.

⁴⁷ EN 16,13.

Como uma das exigências da evangelização, Paulo VI sublinha a importância do testemunho de vida, antes mesmo do anúncio explícito. Nos primórdios da fé cristã, os seguidores de Jesus eram reconhecidos não apenas pelo que pregavam, mas principalmente pelo que viviam: “se vos amardes uns aos outros, todos conhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,35). O modo de proceder dos cristãos no seio da humanidade, sua capacidade de acolhimento, sua comunhão de vida, o seu esforço em promover a justiça e o bem, constitui, segundo Paulo VI, a proclamação silenciosa, mas muito valorosa e eficaz da Boa Nova, que certamente despertará algum sentimento ou reação naqueles que ainda não acolheram o primeiro anúncio⁴⁸.

O testemunho de vida é um passo importante que, mais cedo ou mais tarde, solicitará o anúncio explícito do Senhor Jesus, pois “não haverá evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”⁴⁹.

Conforme bem intui a *Evangelii Nuntiandi*, a Igreja se compreende a partir do anúncio do Evangelho, por isso ela não deve ter outro desejo, senão o de evangelizar, procurando discernir, em cada momento da história, os sinais dos tempos, para encontrar os canais mais eficazes que façam a Boa Nova de Jesus Cristo ressoar e chegar a todos os que a hão de ouvir.

Dada a riqueza do seu conteúdo, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* abre as perspectivas para a reflexão sobre o tema da evangelização querigmática, objeto desta dissertação, e por isso, será retomada e aprofundada no decorrer da abordagem.

2.5

A evangelização como encontro com Cristo no Pontificado do Papa João Paulo II

A expressão nova evangelização, como já mencionado, foi utilizada pela primeira vez pelo Papa João Paulo II no seu discurso à 19ª. Assembleia do CELAM, no Haiti, em 1983, quando o Pontífice convocou bispos, presbíteros e fiéis ao compromisso de uma nova evangelização: nova no seu entusiasmo, nos seus métodos e nas suas expressões. É como se tratasse de um segundo anúncio, embora

⁴⁸ EN 21.

⁴⁹ EN 22.

na realidade seja sempre o mesmo. Na verdade, é o anúncio de sempre, mas feito com um espírito novo⁵⁰.

A necessidade de uma nova evangelização, de um lado, faz parte do dinamismo do próprio Evangelho, que é por excelência Boa Nova, de outro, é uma resposta da Igreja a um mundo que se encontra em constantes transformações. Ao propor uma evangelização nova em seus métodos e expressões, João Paulo II faz reverberar a mensagem de Puebla e expressa afinidade teológica com o Papa Paulo VI, acolhendo as proposições da *Evangelii Nuntiandi*.

Uma nova evangelização requer evangelizadores fervorosos, sintonizados com seu tempo e contexto, especialmente capazes de testemunhar com a vida o que anunciam, pois o mensageiro também é mensagem. Com razão dizia Paulo VI: “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”⁵¹. Cabe também ao evangelizador a sapiência para discernir se o método utilizado para evangelizar está em congruência com o conteúdo da mensagem, pois o método é apenas o canal adequado que viabiliza a transmissão e o entendimento da mensagem da Boa Nova em determinadas realidades. O método necessariamente precisa ter um fim evangelizador. Uma evangelização nova impõe ainda o desafio de uma renovação na estrutura da Igreja, na sua configuração histórica e institucional, o que a Conferência de Aparecida traduzirá como conversão pastoral, como se poderá verificar adiante⁵².

A grande preocupação do Papa João Paulo II, em todo seu pontificado, foi apontar a centralidade da fé cristã na pessoa de Jesus Cristo. Já na sua primeira carta encíclica, apresenta “Jesus Cristo como o Redentor do homem, o centro do cosmos e da história”⁵³. Na encíclica *Redemptoris Missio*, que trata da validade permanente do mandato missionário, o pontífice recorda que “a tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira para o mistério de Cristo”⁵⁴.

Ao chamar atenção para o tema do anúncio do Evangelho e a transmissão da fé, em consonância com o Decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II, e com a

⁵⁰ JOÃO PAULO II. Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM, 09 de março de 1983.

⁵¹ EN 41.

⁵² BRIGHENTI, A., Nueva evangelización y conversión pastoral, p. 331-365.

⁵³ RH 1.

⁵⁴ RM 4.

Evangelii Nuntiandi, de Paulo VI, a reflexão em curso concentrar-se-á em alguns pontos da *Redemptoris Missio*, sem a pretensão de uma análise exaustiva.

A *Redemptoris Missio*, publicada no dia 07 de dezembro de 1990, proclama a urgência da evangelização missionária, que é o serviço primordial que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira. É na referência a Cristo que o homem compreende a si mesmo e alcança o sentido pleno de sua existência no mundo⁵⁵. Por isso, o anúncio da salvação não é uma tarefa facultativa à Igreja. É, antes, uma mensagem necessária e única, que não poderá ser substituída⁵⁶. O anúncio, portanto, constitui uma resposta à aspiração humana à salvação.

Se ainda persiste a pergunta por que a missão? Responde João Paulo II, porque a nós, como a São Paulo, “nos foi dado anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo” (Ef 3,8). A Igreja não pode esconder nem guardar para si esta novidade e riqueza recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens. Além disso, o exercício da missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações⁵⁷. A missão é sempre um intercâmbio de dons, uma troca de experiências.

O anúncio de Jesus Cristo é inseparável da proclamação do Reino de Deus, pois toda missão de Jesus consistiu em mostrar que, através de suas palavras e obras, o Reino de Deus já se manifesta como dom e sinal concreto do amor de Deus operando no meio dos homens. Salienta João Paulo II que “o Reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito à livre elaboração, mas é, acima de tudo, uma Pessoa que tem um nome e um rosto de Jesus de Nazaré”⁵⁸. Separar o Reino, da pessoa de Jesus, traz o risco de transformá-lo numa meta puramente humana ou ideológica, distorcendo seu verdadeiro sentido. Do mesmo modo, não se pode separar o Reino, da Igreja, uma vez que a Igreja se ordena ao Reino de Deus, do qual é princípio, sinal e instrumento. Para realçar a estreita relação entre Cristo, Igreja e Reino, cabem mencionar aqui as palavras de Paulo VI:

que afirmou existir uma profunda ligação entre Cristo, a Igreja e a evangelização, disse também que a Igreja não é fim em si própria, pelo contrário, deseja intensamente ser toda de Cristo em Cristo e para Cristo, e toda dos homens, entre os homens e para os homens⁵⁹.

⁵⁵ RM 2.

⁵⁶ EN 5.

⁵⁷ RM 11.

⁵⁸ RM 18.

⁵⁹ RM 19.

Por ocasião da celebração do jubileu de 2000 anos da encarnação de Jesus Cristo, João Paulo II convidou a Igreja a avançar na experiência do encontro com Cristo vivo, que dá um novo impulso à vida cristã. É necessário partir sempre de Cristo:

Não se trata de inventar um programa novo, disse o santo padre. O programa já existe, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até a sua plenitude na Jerusalém celeste⁶⁰.

Motivado pelas celebrações dos quinhentos anos do início da evangelização da América, no limiar do novo milênio, através da Exortação Apostólica *Ecclesia In América*, o Papa João Paulo II já convocava a Igreja da América Latina a assumir o projeto da nova evangelização como uma grande oportunidade de falar, com novo entusiasmo, de Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino de homem. É este anúncio que verdadeiramente mexe com os homens, desperta e transforma os ânimos, ou seja, provoca conversão e leva ao testemunho. O primeiro impulso que nasce dessa transformação é comunicar aos outros a riqueza descoberta, como se deu com a samaritana, cujo testemunho levou outros a crer: “nós próprios ouvimos e sabemos que ele é realmente o Salvador do mundo” (Jo 4,42). Nisto consiste, por assim dizer, a pedra de toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e aderido ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra. Em outras palavras, aquele que é evangelizado se torna também um evangelizador⁶¹. Por isso, a missão mais sublime da Igreja é levar, por força do anúncio e do testemunho da Palavra, os homens ao encontro com Cristo⁶². Quisera o Papa que essa fosse a motivação mais importante em toda celebração dos dois mil anos da encarnação do Filho de Deus.

O jubileu do ano 2000 foi, sem dúvida, um tempo de graça e salvação, em que a Igreja pôde abrir as portas ao Redentor e experimentar a força renovadora do amor de Deus e saborear as riquezas imperscrutáveis do mistério pascal de Cristo⁶³. Os encontros com os jovens, as peregrinações a Roma e à Terra Santa, os encontros com as famílias, as experiências ecumênicas, a realização do Congresso Eucarístico Internacional, foram alguns dos eventos marcantes da celebração do ano jubilar, nos quais João Paulo II se fez um peregrino da fé, convidando todos a contemplar o rosto de Cristo e a deixar-se cativar por ele. Os frutos deste memorável

⁶⁰ NMI 29.

⁶¹ PEREIRA, S. C., A formação de discípulos missionários, p. 64; EN 24.

⁶² EA 67-68.

⁶³ JOÃO PAULO II, Abri as portas ao Redentor. Bula de proclamação do jubileu da Redenção, 8.

acontecimento eclesial ainda estão sendo colhidos pela Igreja do terceiro milênio, que continua sendo interpelada pelo Senhor a “avançar em águas mais profundas” (Lc 5,4-6) para responder aos desafios de uma evangelização mais eficaz.

Quanto ao modo mais adequado de realizar o anúncio é sempre o Espírito há o indicar. Afirma Paulo VI que sem a ação do Espírito Santo nunca será possível haver uma autêntica evangelização⁶⁴. Com efeito, o Espírito é o protagonista de toda missão eclesial. Com a sua ação “a Boa Nova ganha corpo nas consciências e nos corações humanos, expandindo-se na história”⁶⁵. Cabe, pois, ao evangelizador, dentre outras coisas, deixar-se guiar pela pedagogia do Espírito; ser fiel na transmissão da mensagem recebida, ser humilde e paciente, ter a consciência de não pregar a si mesmo, mas a Cristo crucificado e ressuscitado, estar sempre apto à escuta e ao diálogo⁶⁶. A longa experiência eclesial atesta que a evangelização nunca foi uma tarefa fácil. Sempre houve desafios dentro e fora das comunidades cristãs a respeito do anúncio do Evangelho, sobretudo em relação ao diálogo com outras religiões e crenças. Aqui caberia abordar sobre o tema da inculturação da fé, que terá seu lugar no interior da pesquisa. Por ora, é oportuno ressaltar que o Espírito sempre estimula a Igreja ao diálogo com todas as tradições religiosas, encorajando-a ao encontro, ao convívio harmônico, na busca de uma mútua colaboração em vista da promoção da verdade, da justiça, do amor e da paz. Verdadeiramente “o diálogo interreligioso é parte do diálogo de salvação iniciado por Deus”⁶⁷, portanto, é uma exigência da ação evangelizadora.

2.5

Bento XVI: A nova evangelização e a transmissão da fé cristã

A XIII Assembleia geral do Sínodo dos Bispos foi convocada pelo Papa Bento XVI, realizada de 07 a 20 de outubro de 2012, com o tema: A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. A realização do Sínodo acontece num momento singularmente significativo para a Igreja católica: o quinquagésimo aniversário do Concílio Vaticano II, o vigésimo aniversário de publicação do Catecismo da Igreja Católica e a abertura do ano da fé, proclamado pelo Papa Bento XVI. É sob esta inspiradora atmosfera eclesial que o Sínodo ocorreu, constituindo-

⁶⁴ EN 75.

⁶⁵ RM 21.

⁶⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, Diálogo e Anúncio, p. 58-59.

⁶⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, Diálogo e Anúncio, p. 67-68.

se numa ocasião propícia para enfatizar sobre a questão da conversão, da chamada à santidade universal, que é uma ideia chave do Concílio Vaticano II, e uma oportunidade de relançar o convite a redescobrir a fé⁶⁸.

O Papa Bento XVI, em sua homilia na abertura da assembleia sinodal, chama atenção para aquilo que é central na evangelização, que é o anúncio de Jesus Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1), mediante uma sincera conversão. A nova evangelização tem, pois, por objetivo ajudar as pessoas que, embora batizadas, vivem sem levar em conta a prática cristã, a terem um encontro com o Senhor, único que dá sentido profundo e paz para nossa existência, para favorecer a redescoberta da fé, fonte de graça que traz alegria na vida pessoal, familiar e social⁶⁹.

A missão que a Igreja recebeu dos Apóstolos, de ir e fazer discípulos em todos os povos, é chamada a confrontar-se com as transformações sociais e culturais que, por vezes, tendem a modificar profundamente a percepção que o homem tem de si e do mundo, repercutindo também no seu modo de crer. Não se trata da negação da fé, mas de uma forma difusa e, às vezes, confusa de vivê-la, cada vez mais distante do compromisso eclesial e social.

O pontificado do Papa Bento XVI foi marcado por um insistente apelo para a Igreja lançar de novo, “nos novos desertos da vida”, a palavra da fé, que convida o homem à amizade com o Filho de Deus, Aquele que dá vida, e vida em plenitude. Deste modo, o Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã traduz a vontade do Papa Ratzinger em relançar na Igreja o fervor da fé e a força do testemunho dos cristãos e das suas comunidades. Não se trata de iniciativas inéditas para a difusão do Evangelho, mas de viver a fé como missão, pois, como dizia João Paulo II, aqui já mencionado: “a missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações”⁷⁰. A fé se fortalece na medida em que se oferece. Foi justamente no pontificado de Bento XVI que se deu a criação de um novo dicastério para dar mais dinamismo à nova evangelização.

O Sínodo aponta para o cerne da fé cristã, que não diz respeito apenas à uma doutrina, a um conjunto de regras morais ou à uma tradição. A fé cristã é encontro real com Jesus Cristo. Na *Deus Caritas est*, Bento XVI já havia assim se expressado: “no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia,

⁶⁸ XIX ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, *Instrumentum laboris* 2.

⁶⁹ BENTO XVI, Homilia na abertura da Assembleia Sinodal sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, 07 de outubro de 2012.

⁷⁰ RM 2.

mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá a vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”⁷¹. É um encontro para o qual nos sentimos atraídos e, enquanto nos atraí, transfigura-nos, introduzindo-nos em dimensões novas da nossa identidade. É um encontro profundamente transformador, porque assume a forma da “*metanoia*”, plasmando em nós a mentalidade de Cristo que, por sua vez, desperta a nossa consciência para a comunhão fraterna em sua Igreja para sermos testemunhas e anunciadores da Boa Notícia⁷².

Em suma, conforme a percepção do Papa Bento XVI, a nova evangelização é, antes de tudo, uma ocasião para avaliar a fidelidade dos cristãos ao mandato recebido de Jesus Cristo; é a oportunidade para voltar, como cristãos e como comunidade, a abeira-nos da fonte da nossa fé, que é Jesus, e a beber do seu manancial de água viva, para readquirirmos novas motivações para a missão⁷³.

O magistério de Bento XVI foi marcado por uma sensível e respeitosa atenção à Tradição viva da Igreja. O próprio Concílio Vaticano II foi recorrente em seus escritos. Para o Papa Ratzinger, o Concílio, a partir de uma justa hermenêutica, torna-se cada vez mais uma grande força para a renovação sempre necessária da Igreja. Sob a ótica da hermenêutica da reforma, a Igreja se compreende como sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo, porém, sempre o mesmo, porque único sujeito do povo de Deus a caminho. Por isso, a Igreja melhor responderá aos desafios do mundo atual tanto mais tiver sua fé ancorada na tradição viva, da qual o Concílio Vaticano se alimenta e expõe⁷⁴.

O pontificado de Bento XVI, em continuidade a João Paulo II, provocou a Igreja a redescobrir os fundamentos da fé, a partir de Cristo, para ser novamente enviada por ele. Porém, foi também um pontificado marcado por muitas tensões internas e externas, sob a acusação, por parte de uma ala mais crítica, de que a Igreja estaria se fechando frente aos novos cenários da pós-modernidade, quando se esperava dela uma postura de abertura e diálogo. O fato é que, em 28 de fevereiro de 2013, o mundo foi surpreendido com a notícia da renúncia de Bento XVI ao governo da Igreja, quando o mesmo alegou fragilidade, devido à idade avançada,

⁷¹ DCE 1.

⁷² XIX ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã, *Instrumentum laboris* 19.

⁷³ PF 3.

⁷⁴ XIX ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A nova evangelização para a transmissão da fé, *Instrumentum laboris* 14.

não mais compatível às exigências físicas e psicológicas que o cargo requer. Assim se expressou o Pontífice na declaração de renúncia apresentado aos Cardeais:

Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo em mim [...]. Por isso, bem consciente da gravidade deste acto, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma [...]⁷⁵.

Coube ao seu sucessor, o Arcebispo de Buenos Aires, na Argentina, Mario Bergoglio, que se tornaria o Papa Francisco, a missão de sistematizar as proposições do Sínodo sobre a nova evangelização e a transmissão da fé cristã, e traduzi-las, dando contornos próprios, através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a alegria do Evangelho, de que tratará o próximo capítulo.

2.6

A Conferência de Aparecida e a formação de discípulos missionários

A V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho ocorreu em Aparecida, no Brasil, de 13 a 31 de maio de 2007, com o tema: Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida, e o lema: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Prestes a celebrar quinze anos de sua realização, é oportuno revisitar o texto conclusivo de Aparecida, uma vez que as Igrejas do continente ainda vivem a fase de recepção e aplicação das propostas desta Conferência, cujo escopo é estimular a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida⁷⁶.

A Conferência de Aparecida centra-se na vocação dos discípulos missionários de Cristo, que se origina do encontro com Jesus Cristo. É desse encontro que a Igreja vive e toma impulso para prestar ao mundo contemporâneo seu melhor serviço, que é dar testemunho de Jesus Cristo e anunciá-lo vivo, ressuscitado e presente na história, como um rosto a ser contemplado, acolhido e confessado no horizonte do terceiro milênio, conforme já indicava o Documento de participação⁷⁷.

⁷⁵ BENTO XVI. Declaração de renúncia ao ministério de Bispo de Roma, 28 de fevereiro de 2013.

⁷⁶ DAp 1.

⁷⁷ DP 39-40.

É importante salientar que a Conferência de Aparecida acontece em continuidade com as outras quatro que a precederam: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito que as animou, os pastores da Igreja buscam dar um novo impulso à evangelização, a fim de que os povos deste continente sigam crescendo e amadurecendo em sua fé, para serem luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida⁷⁸.

O método ver, julgar e agir, já presente em Puebla, é também uma opção de Aparecida para a captação da realidade. Porém, os cenários mudam e a realidade vai ser tornando cada dia mais complexa. Por isso, Aparecida não apenas lançou mão do método ver-julgar-agir, mas procurou explicitar o lugar a partir do qual estava captando a realidade, ou seja, o lugar de discípulos missionários de Jesus Cristo⁷⁹, salientando que os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente as suas vidas, desafiando os discípulos missionários de Jesus Cristo a discernir os sinais dos tempos, à luz do Espírito Santo, para o anúncio de Jesus Cristo, a serviço do Reino⁸⁰.

A realidade aponta mudanças que possuem alcance global⁸¹, com consequências para todos os âmbitos da vida humana, inclusive o religioso. Aparecida assume, para a leitura da realidade do continente, a expressão mudança de época⁸², como se pode observar no número 44:

Seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. Surge, hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos do indivíduo, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família e da morte⁸³.

Segundo a percepção de Aparecida, o continente latino-americano e caribenho ingressou num novo período histórico-cultural em que o cristianismo já não possui a força aglutinadora do sentido existencial; os processos de identificação entre a fé cristã e as culturas dos povos já não ocorrem com a mesma fluidez que em tempos passados⁸⁴. Emergem daí novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de sentir, novas formas de se relacionar. São produtores e atores

⁷⁸ DAp 16.

⁷⁹ AMADO, J.P., O Documento de Aparecida e sua proposta para a Igreja, p. 65-90.

⁸⁰ DAp 33.

⁸¹ DAp 34.

⁸² AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para a Igreja, p. 65-90.

⁸³ DAp 44.

⁸⁴ AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para a Igreja, p. 65-90.

de uma nova cultura⁸⁵. É, pois, neste contexto, marcado fortemente por uma tendência consumista, que se deve, à luz do Evangelho, encontrar caminhos para uma adequada resposta à ação evangelizadora da Igreja no continente latino-americano e caribenho.

Como se pode constatar a partir do diagnóstico da realidade, a fé cristã tende a perder a sua vitalidade, reduzindo-se à práticas fragmentadas de devoção ou a uma participação ocasional nos sacramentos. “A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo”⁸⁶, eis o eixo inspirador da proposta pastoral de Aparecida. Reforçando o que já foi afirmado, o encontro pessoal e comunitário com Cristo é o fundamento do ser cristão e, portanto, a condição para o discipulado missionário.

É preciso recomeçar a partir de Jesus Cristo “sem dar nada como pressuposto e descontado”⁸⁷. Aparecida reafirma a necessidade de uma nova evangelização ao convocar os batizados a recomeçar a partir de Cristo, a reconhecer e seguir sua presença com a mesma novidade, afeto e esperança dos primeiros seguidores. Toda Igreja é, pois, chamada a retornar à escola de Jesus, como eterna discípula do único Mestre: é voltar da fronteira ao centro para depois ser enviada à fronteira⁸⁸. O desafio da nova evangelização consiste, portanto, em recompor a experiência do seguimento a partir de um novo encantamento pela fé. Jesus é quem pode refontalizar e revigorar a Igreja e a experiência do seguimento, isto é, do discipulado, sem o qual não se pode testemunhar o ser cristão verdadeiramente.

A advertência de Paulo a Timoteo: “Lembra-te de Jesus Cristo” (2 Tm 2,8), nunca foi tão necessária à Igreja como nos dias de hoje, em que a fé vem perdendo sua incidência na vida das pessoas⁸⁹. A Igreja da América Latina e do Caribe é, pois, chamada a resgatar, cheio de ímpeto e fervor evangélico, aquela experiência de fé que sempre foi seu patamar de resistência frente aos desafios⁹⁰.

Um tema caro à Aparecida é o da conversão pastoral que, por sua vez, abre perspectivas para a dimensão da missionariedade, para a qual converge toda reflexão da V Conferência. O número 365 convoca a Igreja, com todas as forças, a entrar decididamente no dinamismo da missão, abandonando as estruturas que já não se adequam aos tempos da pós cristandade⁹¹. Por conservação, há de se

⁸⁵ DAp 51.

⁸⁶ DAp 12.

⁸⁷ DAp 549.

⁸⁸ MATTOS, L. A., Aparecida: esperanças e temores, p. 5-27.

⁸⁹ MATTOS, L.A., Aparecida: esperanças e temores, p. 5-27.

⁹⁰ AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para a Igreja, p. 65-90.

⁹¹ DAp 365.

entender a permanência junto às mesmas pessoas, sustentando -lhes a fé, o empenho em desgastar energias para conservar uma cristandade que já se foi; a resistência em realizar a missão sob a ótica da mudança de época, insistindo em repetir modelos culturais anteriores⁹².

Ainda sobre a chamada pastoral de conservação, observa Agenor Brighenti que esses modelo se mostra inadequado aos novos tempos e pouco sensível às interpelações do Espírito, pois pressupõe que os cristãos já estejam evangelizados, quando, na verdade, se trata de católicos sem uma experiência pessoal com Jesus Cristo; não se prioriza os processos de iniciação cristã, dando mais ênfase à sacramentalização sobre a evangelização⁹³.

Na verdade, Aparecida pretende centralizar a pastoral, isto é, o agir da Igreja, em sua identidade profunda, que é a missão. E para isso é necessário desencadear processos de descentramento e renovação das estruturas, de modo que o ardor missionário impregne todas as estruturas da Igreja, convertendo-as em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo, que favoreçam um novo pentecostes, que nos liberte do cansaço, da desilusão e do comodismo⁹⁴. Impregnada do espírito da missão, tudo que a Igreja realiza - na pregação, na liturgia e nos sacramentos e no serviço da caridade – exprimirá a contagiante novidade do Evangelho que provoca nos batizados a alegria do anúncio. É esta alegria não é um sentimento artificial nem estado de ânimo passageiro; ela se baseia na participação do discípulo no amor do Pai revelado em Cristo. Por isso, Aparecida, com palavras de entusiasmo, afirma: “nossa alegria é conhecer Jesus pela fé, segui-lo é uma graça, e transmitir esse tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou”⁹⁵. A Igreja não pode abdicar deste compromisso.

Como a missão é da própria natureza da Igreja e promana da sua configuração trinitária, evangelizar nada mais é para a Igreja do que voltar à sua fonte primeira, pois, como costumava dizer Dom Hélder Câmara: “a Igreja necessita mudar para ser constantemente a mesma Igreja de Jesus Cristo”⁹⁶.

A Conferência de Aparecida chama atenção do discípulo missionário acerca do seu compromisso com a vida, pois a defesa e a promoção da vida se apresentam

⁹² AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja, p. 65-90.

⁹³ BRIGHENTI, A., Nueva evangelización y conversión pastoral, p. 331-366.

⁹⁴ SILVEIRA, I. H.; PEDRO, K., A índole missionária da Igreja na perspectiva de Conferência de Aparecida, p. 360-368.

⁹⁵ DAp 18.

⁹⁶ BRIGHENTI, A., Nueva evangelización y conversión pastoral, p. 331-366.

hoje como uma irrenunciável exigência da missão⁹⁷. Em sua mensagem na abertura da V Conferência, o Papa Bento XVI recordou que “os povos da América Latina e do Caribe desejam a plenitude da vida que Cristo trouxe, e eles têm direito a uma vida plena, própria dos filhos de Deus, com condições mais humanas”⁹⁸. Proclamar a vida nova em Cristo morto e ressuscitado, que comunica o amor vivificante de Deus, é o que a Igreja deve por primeiro anunciar e também escutar⁹⁹.

No serviço à vida plena, ocupa um lugar especial o cuidado dos pobres. Na esteira das conferências anteriores, Aparecida reafirma a opção pelos pobres, recordando que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”, conforme afirmou Bento XVI no discurso inaugural as Assembleia¹⁰⁰. Nos rostos sofredores de nossos irmãos, os discípulos missionários são chamados a contemplar o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles¹⁰¹. Compreendendo a pessoa humana na sua integralidade, a Igreja entende que é seu compromisso atuar em prol da promoção da dignidade humana e da autêntica libertação dos excluídos, sem a qual não é possível estabelecer uma ordem justa na sociedade. Essa promoção humana deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo, a partir da vida nova em Cristo, pois o serviço da caridade é expressão irrenunciável da própria essência da Igreja¹⁰².

Como já foi afirmado, a proposta de Aparecida centra-se na formação de discípulos missionários, cujo fundamento é o encontro com Cristo, que provoca o testemunho de comunhão e a alegria do anúncio¹⁰³. O discípulo missionário é, pois, chamado a seguir Cristo, viver em intimidade com Ele e fazer as opções que Ele fez¹⁰⁴. Ao reafirmar a opção pelos pobres e a defesa da vida, o Documento conclusivo de Aparecida aponta a cristologia da *kenosis*, isto é, da saída de si, do esvaziamento, da gratuidade, do encontro, da alteridade e da missão. Esta concepção de Jesus Cristo leva a Igreja a ser cada vez mais missionária e samaritana, e a identificar-se com os “sem rostos” e os crucificados da história¹⁰⁵.

⁹⁷ AMADO, J. P., Mudança de época e conversão pastoral, p. 301-316.

⁹⁸ BENTO XVI, Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, p. 261-272.

⁹⁹ DAp 348.

¹⁰⁰ DAp 392.

¹⁰¹ DAp 393.

¹⁰² DAp 399.

¹⁰³ DAp 278.

¹⁰⁴ BENTO XVI, Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, p. 261-272.

¹⁰⁵ AMADO, J. P., Mudança de época e conversão pastoral, p. 301-316.

Desta experiência de seguimento, brotam as motivações para a desafiadora e ousada proposta de conversão pastoral que Aparecida propõe.

Apesar de a Conferência de Aparecida ser um evento geograficamente localizado no continente latino-americano para atender aos desafios das Igrejas deste continente, suas conclusões trazem uma característica de universalidade¹⁰⁶. Em primeiro lugar, é preciso considerar a afinidade do Papa Francisco com o texto de Aparecida. Vale lembrar que o atual Pontífice foi o presidente da comissão de redação do documento, quando Arcebispo de Buenos Aires. Por isso, Aparecida reflete o modo como Francisco compreende a ação evangelizadora, como se poderá constatar na *Evangelii Gaudium*. O segundo aspecto é a ligação entre os desafios da evangelização e o contexto que se apresenta diante de nós.

Ao tratar sobre a centralidade de Jesus Cristo na vida e na missão da Igreja e a necessidade da formação de discípulos missionários, Aparecida abre perspectivas para a nova evangelização, apontando o anúncio querigmático como fio condutor de todo este processo e, portanto, como elemento necessário para uma renovação missionária em toda Igreja¹⁰⁷.

2.7

Síntese conclusiva

A fé cristã, desde seus primórdios, compreendeu o querigma como síntese da história de Jesus, iluminada pelo mistério pascal, e, portanto, como um elemento fundamental da evangelização. A Igreja, ao longo dos tempos, através do seu Magistério, tem salientado a importância do primeiro anúncio, discernindo sobre o modo mais adequado de realizá-lo em cada momento da história, nos vários processos de iniciação à vida cristã e de aprofundamento da fé.

O Concílio Vaticano II e os papas que o sucederam abriram caminhos para uma reflexão rica sobre o querigma, considerando a necessidade e os desafios da nova evangelização. Dada a complexidade e a abrangência da evangelização, esta sempre comporta o anúncio do Deus que ama e salva o ser humano na oferta do Filho Jesus Cristo. Envolver-se neste dinamismo, mediante uma resposta da fé, é condição para ser discípulo missionário.

O próximo capítulo tratará especificamente do objeto desta dissertação, que é a centralidade do querigma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa

¹⁰⁶ AMADO, J. P., Mudança de época e conversão pastoral, p. 301-316.

¹⁰⁷ PEREIRA.S. C., A formação de discípulos missionários, p. 73-74.

Francisco, com destaque nos elementos eclesiológicos, em continuidade com as perspectivas de reflexão pretendidas neste trabalho.

3

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e a centralidade do querigma.

Este capítulo tratará especificamente do objeto desta investigação, que é a centralidade do querigma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a alegria do Evangelho, do Papa Francisco. A reflexão se concentrará no conteúdo da Exortação Apostólica em análise, destacando suas fontes e estrutura, a relação com o Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, bem como as intuições próprias de Francisco ao propor uma nova etapa da ação evangelizadora na Igreja, inspirado nas perspectivas da eclesiologia do Concílio Vaticano II.

A *Evangelii Gaudium* põe em relevo o tema do querigma, isto é, o anúncio do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, que proporciona ao cristão uma experiência de uma alegria profunda à qual se deve comunicar. Da alegria do Evangelho, Francisco traça o perfil da ação evangelizadora da Igreja nestes novos tempos, com base na eclesiologia já em curso desde o Concílio Vaticano II, que compreende a totalidade do povo de Deus na missão da Igreja em espírito sinodal.

3.1

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: suas fontes e estrutura

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, publicada no ano de 2013, ainda guarda seu frescor como primeiro documento, de fato, do pontificado do Papa Francisco. Após a renúncia de Bento XVI, em meio às expectativas sobre os rumos da Igreja, coube ao recém eleito Papa Bergoglio a tarefa de redigir esta Exortação, recolhendo as riquezas dos trabalhos do Sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, convocado e realizado pelo Papa Bento XVI, no ano 2012, porém, imprimindo a sua marca própria. O documento, embora explicito o vínculo com o Sínodo, não se propõe a apenas sistematizar seus resultados. Trata-se de propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar uma nova etapa evangelizadora em toda a Igreja, tendo como base o Concílio Vaticano II, especialmente a eclesiologia da *Lumen Gentium*¹⁰⁸.

Além desta referência fundamental, a *Evangelii Gaudium* reflete a larga experiência pastoral do próprio Pontífice: uma espécie de síntese de suas homilias,

¹⁰⁸ EG 17.

audiências e catequeses. O documento também faz referência à *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI. A própria expressão “a doce e confortadora alegria de evangelizar”, utilizada por Francisco, é inspirada na *Evangelii Nuntiandi*, indicando o desejo do atual Papa em reapresentar o tema da evangelização e da missão para a Igreja nos dias de hoje¹⁰⁹. Na linha de Paulo VI, Francisco também entende que a evangelização é inerente à ação de toda Igreja, isto é, sua identidade mais profunda.

A Exortação Apostólica faz referência às Conferências Episcopais, mostrando claramente o desejo do Papa Francisco em dialogar com os episcopados em vista de uma salutar descentralização¹¹⁰. Dentre as Conferências Episcopais, destaca-se a V Conferência de Aparecida, citada em 13 ocasiões no documento. Como já foi dito, as ideias do Documento de Aparecida parecem ressoar quase que espontaneamente na *Evangelii Gaudium*¹¹¹. Isso não por acaso. Vale lembrar que o Papa Francisco conhece bem de perto o Documento conclusivo de Aparecida, visto que ele colaborou na sua redação como presidente da comissão, ainda quando Arcebispo de Buenos Aires, na Argentina.

A introdução apresenta os eixos fundamentais de toda Exortação: a alegria de evangelizar e a nova etapa evangelizadora, sugerindo se tratar de um texto programático do pontificado de Francisco¹¹². Em seguida, o Pontífice indica as questões sobre as quais deseja discorrer em sua Exortação: a transformação missionária da Igreja (primeiro capítulo), na crise do compromisso comunitário: as tentações dos agentes pastorais (segundo capítulo), a evangelização como obra de todo povo de Deus (terceiro capítulo), a dimensão social da evangelização (quarto capítulo), evangelizadores com espírito: as motivações espirituais para o compromisso missionário (quinto capítulo)¹¹³.

Em certa medida, a estrutura geral da *Evangelii Gaudium* abriga em seu interior a método ver-julgar-agir. Olhar e compreender a realidade, à luz da fé, é o primeiro passo para se traçar a ação evangelizadora; é daí que vem o discernimento evangélico para uma leitura correta dos sinais dos tempos. A relação entre fé e realidade constitui a moldura do documento, o método pelo qual Francisco pensa a Igreja e o mundo como grandezas implicadas e de onde são extraídos os desafios para a renovação da Igreja e a transformação do mundo, na perspectiva do Reino

¹⁰⁹ EG 10; MADRIGAL, S., La sinodalidade en la vida y en la misión de la Iglesia, p. 83-84.

¹¹⁰ EG 16.

¹¹¹ MORAES, A., O anúncio do Evangelho na atualidade, p. 38-42.

¹¹² EG 1-13; 14-18.

¹¹³ MORAES, A., O anúncio do Evangelho na atualidade, p. 37-38.

de Deus¹¹⁴. A relação entre Evangelho e mundo, Evangelho e compromisso social, graça e cultura, apontam o potencial renovador da Exortação e o desejo do Papa Bergoglio em apresentar a evangelização como um serviço da Igreja a toda humanidade.

Vê-se, desde a introdução, que o texto possui um estilo prevalentemente pastoral, que refletirá em muitos aspectos a experiência de Francisco como bispo-pastor, seu conhecimento da realidade da América Latina e a sua forma de conceber a Igreja a partir do dinamismo missionário, afirmando a expressão “Igreja em saída”¹¹⁵, que marcará o seu magistério. Com uma linguagem simples e, ao mesmo tempo, com argumentos bem construídos, o texto fala não somente ao intelecto, mas ao coração. Já no seu início, está posta a motivação fundamental da Exortação e a razão do seu nome: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”¹¹⁶. O tema da alegria do Evangelho dá moldura a toda Exortação e, por isso, terá destaque na reflexão em curso.

3.2

O querigma como anúncio da alegria do Evangelho

Já no início da Exortação Apostólica, como já mencionado, o Papa Francisco expressa o seu desejo mais profundo ao escrever o documento: “convidar os fiéis para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria [do Evangelho] e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”¹¹⁷. Deste modo, a *Evangelii Gaudium* coloca a alegria como fator chave para o anúncio e o testemunho do Evangelho nos dias de hoje, tão fortemente marcados pela desesperança, pelo individualismo e pelo comodismo¹¹⁸.

A alegria do Evangelho não é um chamado à festa e a um entusiasmo espiritual delirante; não é um sentimento passageiro, mas o convite a um compromisso urgente de transformação de toda realidade, a começar da Igreja¹¹⁹. É uma alegria que brota do encontro pessoal com Jesus Cristo e, por isso, uma alegria que salva e a qual se deve comunicar.

A Sagrada Escritura, especialmente o Novo Testamento, expõe largamente a respeito da riqueza da mensagem da alegria, como se poderá observar na própria

¹¹⁴ PASSOS, J.D., Exortação *Evangelii Gaudium*, p. 7-20.

¹¹⁵ EG 46.

¹¹⁶ EG 1.

¹¹⁷ EG 1.

¹¹⁸ LIMA, M. L. C., A alegria do Evangelho na *Evangelii Gaudium*, p. 51.

¹¹⁹ PASSOS, J. D., Exortação *Evangelii Gaudium*, p. 7-20.

configuração eclesiológica da Exortação *Evangelii Gaudium*. De imediato, pode-se afirmar que, para Francisco, a Sagrada Escritura é fonte primeira e genuína da fé, por isso, nela se encontra o manancial da perene alegria.

A Exortação faz referência a alguns textos veterotestamentários que exprimem como Israel soube esperar, mesmo em meio às dificuldades, a alegria da salvação, que haveria de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos: “multiplicaste a alegria, aumentando o júbilo” (Is 9,2). Toda criação participa da alegria da salvação: “Cantai, ó céus! Exulte de alegria, ó terra. O Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados” (Is 49,13). Para o profeta Sofonias, o próprio Deus é o centro irradiante de festa e de alegria, que quer comunicar ao seu povo este júbilo salvífico: “Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará; Ele dança e grita de alegria por tua causa” (Sf 3,17)¹²⁰.

A referida Exortação Apostólica sublinha que o Novo Testamento, em cujo centro resplandece gloriosa a cruz de Cristo, retoma a vertente profética e convida insistentemente a alegrar-se por uma salvação já presente desde os primórdios da era messiânica. Lucas inicia seu Evangelho com um alegre anúncio: o “alegra-te” que o anjo dirige a Maria, porque ela encontra graça diante de Deus, que a escolheu para ser a mãe do Salvador (Lc 1,28). Nesta linha, o nascimento de Jesus é concebido como uma grande alegria para Israel e para todo o povo (Lc 2,10), e, por isso, se insere na realização de uma expectativa que se enraíza na mais pura fé judaica¹²¹.

A mensagem de Jesus, por excelência, é fonte de alegria em qualquer situação. Até mesmo no tenso discurso de despedida da última ceia, Jesus assegura aos seus discípulos: “vós haveis de ficar tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. Hei de ver-vos de novo, então o vosso coração se alegrará” (Jo 6, 20-22). É o prenúncio da alegria pascal que será uma alegria plena, que ninguém arrancará do coração dos discípulos. De fato, grande foi a alegria deles ao verem o Senhor Ressuscitado (Jo 20, 20), e foi este o sentimento que os motivou a levar adiante o anúncio da fé. Em síntese, na perspectiva bíblica, a *Evangelii Gaudium* põe em destaque a relação entre a alegria e o agir de Deus, ao afirmar que a alegria está vinculada à salvação, provém da salvação e, de certa forma, é o modo concreto

¹²⁰ EG 4.

¹²¹ EG 5; PERRONI, M., Querigma e profecia, p. 68.

da salvação se realizar. Esta alegria promana do coração transbordante do amor de Deus, a nós manifestado em Cristo Jesus¹²².

A partir da hermenêutica bíblica, a Exortação Apostólica em análise chega a sua afirmação magistral: “A alegria do Evangelho é uma alegria missionária”¹²³. Para Francisco, somente a dimensão jubilosa do Evangelho pode representar o fundo da fé cristã e da sua comunicação¹²⁴. Em outras palavras, a alegria do Evangelho é uma alegria que se comunica como um bem oferecido para dar vida aos outros. Isto é definitivamente missão, afirma o Bispo de Roma¹²⁵. A missão é fonte de alegria para a comunidade cristã, pois através do anúncio do Evangelho novos irmãos são acolhidos no seio da comunidade, e isto é motivo de grande contentamento (At 2,47; 8, 7-8).

A alegria transmitida na missão deve crescer não só nos destinatários, mas nos próprios evangelizadores, pois alerta Francisco: “um evangelizador não deveria ter uma cara de funeral”¹²⁶. O mundo de hoje, tão marcado pela angústia e pelo desespero, necessita receber a Boa Nova dos lábios de evangelizadores cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo. Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, já havia chamado a atenção sobre a falta de fervor espiritual em alguns evangelizadores que, por vezes, se deixam vencer pelo cansaço, pelo acomodamento, pelo esfriamento da alegria e da esperança¹²⁷. Com esta mesma inquietação, o Papa Francisco conclama os ministros do Evangelho a recuperar e aumentar o fervor do espírito, a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas¹²⁸, pois a atividade missionária é o anúncio de uma alegria que indica um horizonte estupendo; é uma alegria profunda e duradoura, que se mantém mesmo no sofrimento, porque fundada na fé e na certeza do amor de Deus por nós¹²⁹.

Como se pode observar, já nas suas primeiras páginas, a *Evangelii Gaudium* expõe o tema da alegria do Evangelho como um projeto a ser trilhado pela Igreja nestes novos tempos. Francisco compreende que somente através de um encontro pessoal com Jesus Cristo é possível experimentar de novo o frescor do Evangelho e a sua suave e reconfortante alegria. Por isso, o Santo Padre convida todo cristão,

¹²² LIMA, M. DE L. C., A alegria na *Evangelii Gaudium*, p. 54-56.

¹²³ EG 21.

¹²⁴ PERRONI, M., Querigma e profecia, p. 70.

¹²⁵ EG 10.

¹²⁶ EG 10.

¹²⁷ EN 80.

¹²⁸ EG 10.

¹²⁹ LIMA, M. DE L. C., A alegria na *Evangelii Gaudium*, p. 59-60.

em qualquer lugar ou situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo [...]. Não há motivo para alguém pensar que este convite não lhe diz respeito, já que da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído. E mesmo quando nos afastamos dos seus caminhos, o Senhor não nos rejeita. Se decidirmos regressar-nos, Ele, qual Bom Pastor, carrega-nos aos seus ombros, permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Que nada possa mais do que sua vida que nos impele para diante!¹³⁰.

Portanto, só no dinamismo de uma alegria que se experimenta e se anuncia, é que a mensagem do Evangelho poderá comunicar-se ao mundo como novidade de salvação. Eis, pois, a tarefa que se impõe à Igreja na sua ação evangelizadora no mundo atual.

3.3

A nova evangelização na *Evangelii Gaudium* e sua expressão querigmática

Afirmou-se anteriormente que é da alegria do Evangelho que brota a proclamação do querigma como novidade salvífica e, por isso, a alegria do Evangelho é o pressuposto para se pensar a nova evangelização e a consequente renovação missionária da Igreja. Na sua primeira mensagem para o dia mundial das missões, no ano 2013, Francisco afirmou que a missão é uma dimensão privilegiada para renovar nossa amizade com o Senhor e, como Igreja, somos chamados a anunciar com audácia o Evangelho. Percebe-se, já nesta mensagem, a preocupação do Pontífice com a comunicação do Evangelho e o seu desejo de acender na Igreja um novo ardor missionário, que a provoque a sair de si mesma para ir ao encontro dos outros, como bem o expõe a *Evangelii Gaudium*. Ainda nesta mensagem, o Papa lembra que anunciar o Evangelho não é um sentimento instantâneo, mas um dever que brota do discipulado e um compromisso constante que anima a vida da Igreja¹³¹.

Não se pode perder de vista que a evangelização tem a sua origem no mandato missionário de Jesus: “ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20). Ao enviar os seus primeiros seguidores, o Ressuscitado confia a toda Igreja a missão de pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé n’Ele se estenda a todos os cantos da terra¹³².

¹³⁰ EG 3.

¹³¹ FRANCISCO, Mensagem para o dia mundial das missões, 20 de outubro de 2013.

¹³² EG 19.

Para Francisco, a chamada nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados, pois ela se dirige primeiramente aos sujeitos da evangelização. Em virtude do Batismo, cada membro do povo de Deus se torna sujeito ativo de evangelização e, por isso, compete-lhe anunciar o amor de Deus que salva. O binômio discípulo-missionário, chave de leitura da Conferência de Aparecida, torna-se a condição de todo batizado que, tendo experimentado verdadeiramente o amor de Deus, se põe a anunciá-lo. “Não digamos mais que somos discípulos e missionários, afirma Francisco, mas que somos sempre discípulos missionários”¹³³. Assim sendo, o fiel que deseja colaborar não ação evangelizadora não precisa esperar uma outorga da autoridade eclesiástica, basta-lhe o desejo de partilhar uma alegria que já transbordou em seu coração.

O desejo do Papa Francisco é que tudo na Igreja seja impregnado do espírito da missão, a fim de que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à sua autopreservação¹³⁴. É o desafio da chamada conversão pastoral que fez parte dos anseios da Conferência de Aparecida.

Para Francisco, a identidade mais profunda da Igreja se assenta no esforço constante de adesão ao que Jesus anunciou e realizou com sua vida, morte e ressurreição. Daí a necessidade de favorecer naqueles que acolhem o anúncio um processo de maturação e aprofundamento da fé como adesão sempre mais consciente à pessoa de Jesus Cristo, com uma finalidade querigmática. Pois o que se espera de quem recebe o anúncio de Jesus Cristo é que se deixe interpelar por ele e seja, por isso, impulsionado para o testemunho. Na realidade, em toda Exortação *Evangelii Gaudium*, Francisco dá a entender que seu ministério de Bispo de Roma se assenta prioritariamente no tema da evangelização: ele chama toda a Igreja a viver a doce e confortadora alegria de evangelizar, difundido o anúncio salvífico da morte e ressurreição de Jesus Cristo com entusiasmo¹³⁵. A partir do anúncio da alegria do Evangelho, o Papa Francisco expressa, por assim dizer, o que seria o programa do seu pontificado e qual a sua compreensão sobre a Igreja, o que aqui se pretende aprofundar.

¹³³ EG 120.

¹³⁴ EG 27; SUESS, P., Missão e misericórdia, p. 27-28.

¹³⁵ PERRONI, M., Querigma e profecia, p. 33-34.

3.4 Fundamentos e perspectivas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*

É possível identificar, já nas linhas introdutórias da *Evangelii Gaudium*, a intenção do Papa Francisco em situar o seu documento na panorâmica do Concílio Vaticano II, em sua fase de recepção. A nova etapa evangelizadora, que a Exortação propõe, tem como referência principal a doutrina da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*¹³⁶. Embora Francisco não tenha tomado parte nos trabalhos do Concílio, como seus antecessores, ele é plenamente filho do Concílio e, por isso, sua visão de Igreja transparece profundamente enraizada nas perspectivas de renovação eclesial abertas pelo Concílio Vaticano II e pela rica teologia que dele se desenvolveu. A valorização das experiências da Igreja na América Latina, a referência à Conferência de Aparecida, refletidas na *Evangelii Gaudium*, vão na direção das exigências de atualização do próprio Concílio, no seu anseio por uma Igreja capaz de confrontar constantemente a si mesma com o frescor do Evangelho, para ser no mundo sinal e instrumento de salvação¹³⁷.

Na perspectiva da *Lumen Gentium*, para Francisco, a Igreja tem sentido enquanto primeiramente lugar do agir de Deus na história, e porque inteiramente referida a Cristo e habitada pelo Espírito. O centro da Igreja não é ela mesma, e sim o Evangelho, que é fonte de alegria para os homens. Deste modo, a Igreja existe como fruto do Evangelho, e só pode viver plenamente sua missão indo ao cerne da Boa Nova, que é o encontro com a Pessoa de Cristo, que é, ao mesmo tempo, encontro com o amor mesmo de Deus¹³⁸.

Segundo o Papa Francisco, “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja”¹³⁹. Ela, a Igreja, dever ser constantemente provocada a sair da autorreferencialidade para assumir um estilo verdadeiramente missionário, como já indicava o Documento de Aparecida¹⁴⁰. A tão citada expressão “uma Igreja em saída”, “uma Igreja que primeireia”,¹⁴¹ tem aqui seu destaque. Uma Igreja configurada a partir do coração do Evangelho é também uma Igreja mãe e misericordiosa, pobre e para os pobres; uma Igreja de discípulos missionários, que sai na frente para se fazer próxima dos mais vulneráveis. A *Evangelii Gaudium* convida, pois, o leitor a sonhar, junto com Francisco, com uma Igreja que ressoe

¹³⁶ EG 17.

¹³⁷ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 16-18.

¹³⁸ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 21-22.

¹³⁹ EG 15.

¹⁴⁰ MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 47-48.

¹⁴¹ EG 20, 24.

verdadeiramente a alegria e o frescor do Evangelho. A seguir serão explicitados brevemente os elementos eclesiológicos de maior relevância aqui mencionados.

3.4.1 Uma Igreja em saída

Todo sentido da Igreja consiste em estar a serviço da implantação do Reino de Deus; ela não é fim em si mesma, senão instrumento de salvação. Seu dever é possibilitar que o Reino de Deus irrompa na história da humanidade através do testemunho dos cristãos.¹⁴² Esse é precisamente o objetivo da evangelização. Ao conceber a Igreja a partir do paradigma missionário e querigmático, Francisco aposta numa Igreja que “primeireia”, que sabe sair da própria comodidade para alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho¹⁴³. E, por isso, uma Igreja que sai na frente, que arrisca com ousadia, não tendo medo do que terá pelo caminho, pois segue, na esperança e na alegria, o caminho que por primeiro Jesus Cristo abriu e percorreu¹⁴⁴.

Pouco antes do conclave que o elegeu Papa da Igreja Católica, o então cardeal Bergoglio teria comunicado, de improviso, aos seus colegas cardeais sua visão de Igreja que conquistou a admiração de todos:

A evangelização é a razão de ser da Igreja. A Igreja está chamada a sair de si mesma e a ir para as periferias não só geográficas, mas também existenciais: as do mistério do pecado, da dor, da injustiça. Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar torna-se autorreferência e então adocece, numa espécie de narcisismo teológico¹⁴⁵.

O próximo papa, como descreve Bergoglio, deveria ser um homem que, a partir da contemplação de Cristo, ajudasse a Igreja a ser mãe fecunda que vive a doce e confortadora alegria de evangelizar. Sem o pretender, o cardeal argentino estava traçando, por assim dizer, seu próprio perfil e o seu programa de governo, o que vem se confirmando nestes tempos de seu pontificado¹⁴⁶.

Uma Igreja em saída implica uma nova postura eclesiológica na qual não se sustenta mais uma pastoral de mera conservação ou uma Igreja autorreferencial, que sinalize a si própria. A Igreja em saída despertará a necessidade de ir a novos areópagos para perscrutar as interrogações do tempo hodierno¹⁴⁷, pois Francisco prefere uma Igreja acidentada, ferida e enlameada, por ter se exposto pelas estradas,

¹⁴² MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 60.

¹⁴³ EG 24.

¹⁴⁴ KUZMA, C., Cantar com Francisco, p. 200-201.

¹⁴⁵ QUEVEDO, L.G., O novo rosto da Igreja, p. 29.

¹⁴⁶ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 29.

¹⁴⁷ KUZMA, C., Cantar com Francisco, p. 200-201.

a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças¹⁴⁸.

O objetivo desta saída não é a conquista de novos territórios nem mesmo a busca de novos fiéis; não se dará também por um embate com o mundo pós-moderno. Trata-se de uma saída de serviço ao Evangelho, que se dará sobretudo pelo testemunho da fé. Em uma homilia na missa celebrada na casa Santa Marta, em certa ocasião, o Papa Francisco, citando seu predecessor Bento XVI, afirmou que “a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração, isto é, por testemunho. E o testemunho provoca a curiosidade no coração do outro em quem o Espírito Santo se encarregará de trabalhar a partir de dentro”¹⁴⁹. Somente uma Igreja que se faz serva dará verdadeiro testemunho da luz que a ilumina, que é Cristo, e, por isso, permitirá transparecer nela mesma a imagem de Cristo que a amou e a quis para si como esposa.

É importante compreender que a Igreja em saída se entende como peregrina, procurando percorrer o mesmo caminho apresentado por Jesus e integrando a sua práxis. É uma Igreja que não vive em função do sucesso, que não busca a glória em si mesma, mas procura viver na humildade e na abnegação, no serviço aos pobres, na identificação com os crucificados do mundo. Se a Igreja não se coloca em saída ao modo de Cristo, isto é, como serva, ela não evidencia o “ardor evangélico, mas o gozo de uma autocontemplação egocêntrica”, alerta Francisco¹⁵⁰. É, pois, desejo do Bispo de Roma que tudo na Igreja tenha a marca da novidade do Evangelho. Daí seu apelo constante por uma conversão pastoral e missionária, já fortemente solicitada desde a Conferência de Aparecida¹⁵¹.

Uma Igreja em saída é, por isso mesmo, uma Igreja de discípulos missionários que aposta na formação e na valorização de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas vivem sua vocação e missão na Igreja e no mundo, em comunhão e solidariedade. Elas são o espaço propício para a iniciação à vida cristã e para uma formação integral e permanente, além de propiciar o crescimento espiritual, por meio da experiência de fidelidade a Jesus Cristo e seu Evangelho nos contextos em que vivem. O estilo de vivência comunitária da fé e a promoção da ministerialidade, que se percebe nas comunidades eclesiais missionárias, oferece

¹⁴⁸ EG 49.

¹⁴⁹ FRANCISCO, Homília na missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta, 03 de maio de 2018.

¹⁵⁰ EG 95, KUZMA, C., Cantar com Francisco, p. 202-203.

¹⁵¹ EG 25.

um referencial concreto para a conversão pastoral e para a própria sinodalidade,¹⁵² como se verificará no seguimento desta dissertação. O complexo mundo urbano depara-se com o afloramento de novos agrupamentos e comunidades, novas modalidades de articulação política e religiosa, dentre as quais se inserem as chamadas comunidades transterritoriais, ambientais, afetivas e virtuais¹⁵³. Estas últimas cresceram muito no decorrer da pandemia da COVID 19. São certamente novos estilos de percepção e vivência da fé que, sem dúvida, desafiam a ação evangelizadora e devem ser enfrentados com lucidez, discernimento e sabedoria.

3.4.2 Uma Igreja mãe misericordiosa

No magistério do Papa Francisco, o tema da misericórdia ocupa o centro das suas reflexões. Para o Pontífice, a misericórdia não é um aspecto acessório do Evangelho; ela exprime algo de fundamental do rosto de Deus que se revelou completamente em Cristo. Por isso mesmo, a misericórdia traduz a centralidade do Evangelho, como se pode constatar nas palavras iniciais do Papa Francisco na *Misericordiae Vultus*, citada por Repole: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nessas palavras a sua síntese”¹⁵⁴.

A partir das atitudes e da práxis de Jesus, enquanto revelador do ser de Deus, pode-se afirmar que “a misericórdia é a carteira de identidade do nosso Deus”, disse Francisco em entrevista a Andrea Tornielli. Entrar em contato com a pessoa de Cristo significa, portanto, ser colocado em relação com o Deus que tem coração para os míseros, especialmente os que estão aflitos por aquela singular miséria da humanidade, incluindo o pecado¹⁵⁵.

No ano jubilar da misericórdia, em 2015, o Papa Francisco afirmou que a credibilidade da Igreja passa pela via da misericórdia “Esta [a misericórdia] é a arquitrave que suporta a vida da Igreja. Toda sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes, no anúncio e testemunho que oferece ao mundo; nada pode ser desprovido de misericórdia”¹⁵⁶.

Uma Igreja mãe deixa-se plasmar pelo Evangelho da misericórdia e, por isso, torna-se mediação indispensável para que o Deus misericordioso alcance a humanidade inteira:

¹⁵² CNBB, Doc. 109,36.

¹⁵³ CNBB, Doc. 94, 56-59.

¹⁵⁴ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 23-24.

¹⁵⁵ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 24-25.

¹⁵⁶ BINGEMER, M. C. L., Exigências éticas da misericórdia, p. 142-143.

É por meio de uma Igreja [mãe] misericordiosa que o Evangelho da misericórdia pode, de fato, alcançar hoje a humanidade, tornando-se audível e experimentável para as mulheres e os homens em carne e osso, a partir de dentro de suas situações de miséria e pecado¹⁵⁷.

Partilhando a riqueza da entrevista de Francisco a Tornielli, Repole cita as palavras do Papa nas quais transparece a fisionomia materna da Igreja:

[...] eu creio que seja o tempo da misericórdia. A Igreja mostra seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai-lhes procurar pelas estradas, lhes recolhe, lhes abraça, lhes cura, lhes faz sentir amados [...]. Tudo isso que a Igreja diz e cumpre, manifesta a misericórdia que Deus nutre pelo homem¹⁵⁸.

É importante ter em conta que a imagem “materna”, apreciada por Francisco para se referir à Igreja, é usada pelo Papa para exprimir a função de mediação que a Igreja tem para que o agir salvífico de Deus continue a alcançar a humanidade. Afinal, é por meio da Igreja que é gerada, com o Batismo, a vida em Cristo, pela qual se alcança o Evangelho¹⁵⁹. Portanto, a Igreja gera novos filhos na medida em faz ressoar o Evangelho de um Deus que tem coração para as misérias humanas e cuida da humanidade miserável e pecadora. Por isso, o apelo à misericórdia é premente no programa pastoral do Papa Francisco.

3.4.3 Uma Igreja pobre e dos pobres

Uma Igreja mãe e misericordiosa é, por isso mesmo, uma Igreja pobre e dos pobres. Francisco deseja uma Igreja pobre para os pobres porque entende, assim como Bento XVI, que “a opção pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”¹⁶⁰. Somente uma Igreja pobre e endereçada, em primeiro lugar aos pobres, aos marginalizados, aos descartados da sociedade, pode se fazer transparência daquele Cristo no qual se encontra a plenitude de todo o Evangelho de Deus¹⁶¹.

Uma das palavras mais fortes e interpeladoras que o Papa Francisco pronunciou no início do seu ministério foi quando expressou o seu desejo por uma Igreja pobre e para os pobres, isto é, uma Igreja mais simples, mais próxima dos pobres, mais despojada. A própria escolha do nome Francisco evoca claramente a

¹⁵⁷ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 33.

¹⁵⁸ REOPLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 33.

¹⁵⁹ REOPLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 34-35.

¹⁶⁰ EG 198.

¹⁶¹ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 32.

identificação com o povo simples e o compromisso com a renovação da Igreja¹⁶², conforme explicou o próprio Pontífice a jornalistas:

Na eleição tinha ao meu lado o cardeal Claudio Hummes, um grande amigo [...]. Ele me abraçou, me beijou e me disse: “Não te esqueças dos pobres” [...]. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis: Para mim, é o homem da pobreza, o homem que ama e preserva a criação; é o homem que nos dá esse espírito de paz, o homem pobre. Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!¹⁶³.

Uma Igreja pobre e dos pobres é chamada a viver a altíssima pobreza de coração, conformando-se à cruz do seu Senhor, para, através dela, jorrar no mundo a riqueza da graça de Deus. É uma Igreja que vive com os pobres, que os escuta, os estima e os compreende, reconhecendo a força salvífica de suas vidas. É, por isso, uma Igreja que pensa a sua ação pastoral a partir dos pobres, inserindo-os como protagonistas nesse processo¹⁶⁴.

O Concílio Vaticano II já se referia aos pobres como os destinatários privilegiados da evangelização. A *Lumen Gentium* afirma que “Cristo foi enviado pelo Pai para evangelizar os pobres”¹⁶⁵; a *Gaudium et Spes* começa dizendo que as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também os sentimentos compartilhados pelos discípulos de Cristo¹⁶⁶. A *Evangelii Nuntiandi* reafirma essa posição¹⁶⁷. A expressão “Igreja dos pobres”, embora não tenha sido inteiramente desenvolvida na aula conciliar, remonta ao contexto do Concílio, quando cerca de 500 padres conciliares, dentre eles, Dom Hélder Câmara, assinaram o denominado “pacto da pobreza” (pacto das catacumbas), introduzindo a temática em alguns textos conciliares. Dez anos após o Concílio Vaticano II, a Igreja da América Latina retoma a temática da opção preferencial pelos pobres, colocando-a no centro das reflexões, sobretudo a partir da Conferência de Medellín. A *Evangelii Gaudium* se insere nesse processo de reflexão quando expõe o desejo de Francisco por uma Igreja pobre para os pobres¹⁶⁸. Este tema terá novas considerações no tópico que tratará sobre a dimensão social do querigma no capítulo seguinte.

¹⁶² QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 67-68.

¹⁶³ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, P. 31-32.

¹⁶⁴ EG 198; CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 90-91.

¹⁶⁵ LG 8.

¹⁶⁶ GS 1.

¹⁶⁷ EN 6.

¹⁶⁸ THEOBALD, C., A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, p. 11-12.

Ao descrever, em linhas gerais, a configuração eclesiológica da *Evangelii Gaudium*, pode-se indagar sobre o que há de novidade na concepção de Igreja apreciada por Francisco. Uma aproximação mais atenta aos escritos e aos pronunciamentos do atual Papa, levar-se-á a deduzir que a Igreja sonhada por Francisco é a Igreja de sempre, fiel à grande tradição, embora com roupas novas, mais simples e despojadas. Francisco fala de uma Igreja humilde e pobre, naquele estilo de viver o Evangelho já presente em São Francisco de Assis, Santa Clara, Charles de Foucauld, Santa Teresa de Calcutá, Santa Dulce dos pobres, dentre outros. A Igreja desejada pelo Papa Bergoglio, sem perder a linha de continuidade com a rica tradição, quer ser sempre mais uma Igreja aberta ao mundo, capaz de ler os sinais dos tempos e de escutar a novidade do Espírito, expandindo o impulso renovador do Concílio Vaticano II¹⁶⁹.

Como já foi acenado, Francisco é o primeiro, dos últimos papas, que não participou do Concílio Vaticano II, mas tem demonstrado, em palavras e atitudes, seu desejo de tornar viva a memória do Concílio, levando adiante seu rico patrimônio teológico, litúrgico, ecumênico e interreligioso. Todo apelo da *Evangelii Gaudium* é para que a Igreja tome consciência da sua identidade e missão a partir do mistério que a envolve, isto é, da sua íntima união com Cristo, mistério que a lança toda inteira para fora de si mesma, como a compreende a *Lumen Gentium*¹⁷⁰. A Igreja se renova na medida em que volta seu olhar para Cristo, de quem deve ser a humilde serva, sendo no mundo instrumento de comunhão para a promoção do Reino de Deus, através do exercício do diálogo, na busca pela fraternidade, na valorização da vida, na luta pela justiça e pela paz.

Certamente o que chama a atenção no modo como Francisco concebe a Igreja é o seu jeito de se exprimir, o estilo de sua linguagem, a sua postura diante da função que exerce. Desde a sua primeira aparição na Praça São Pedro, na noite de sua eleição, ao aparecer com vestes mais sóbrias e ao pedir que o povo rezasse por ele, saudando a todos com um simples “boa noite”, dava acenos de uma novidade de estilo no Bispo de Roma¹⁷¹. Francisco tem a capacidade de falar tanto para os doutos quanto para os mais simples, sem perder a consistência do seu discurso. É um papa que se distingue pela humildade e pelo constante esforço de compreender seu ministério como serviço à humanidade, sobretudo aos mais frágeis. Na proximidade

¹⁶⁹ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 72.

¹⁷⁰ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 73-75.

¹⁷¹ QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 66-67.

às pessoas, no cuidado aos mais simples, na escuta ao povo de Deus, no diálogo com a sociedade plural, na preocupação com a ecologia, o Papa Francisco tem se mostrado um “pastor com cheiro das ovelhas”, chamando toda a Igreja a entrar neste movimento de misericórdia que faz ressoar no mundo o frescor do Evangelho.

3.5 A Igreja: Povo de Deus evangelizador

A partir de uma leitura atenta da *Evangelii Gaudium*, é possível afirmar, tanto implícita quanto explicitamente, que Francisco se refere à Igreja como o povo santo de Deus, na linha eclesiológica do Concílio Vaticano II. Quando a *Lumen Gentium* descreve a Igreja como mistério que se concretiza na história, o faz afirmando que ela, a Igreja, é o povo de Deus¹⁷². Este povo que nasce do dinamismo trinitário é, ao mesmo tempo, um povo peregrino e evangelizador, povo em missão, convocado pelo próprio Deus e chamado a tomar parte na obra da evangelização, mediante a unção batismal¹⁷³.

Prosseguindo na reflexão, é preciso ter claro que a Igreja não é um povo qualquer e nem qualquer povo é a Igreja. Para evitar uma interpretação meramente sociológica e democratizante do conceito povo de Deus, o Concílio Vaticano II se apoiou na ideia central de comunhão. A Igreja primeiramente é povo em comunhão com Deus; este é seu fundamento. Deste modo, a comunhão entre os membros do povo de Deus só se realiza na comunhão com o Deus trinitário¹⁷⁴.

Sem abandonar a ideia de comunhão, mas apoiando-se nela, o Papa Francisco reafirma a centralidade da categoria do povo de Deus, que está enraizada na Escritura, na Tradição e na oração litúrgica. Para este papa, é a imagem de Igreja que mais lhe agrada, como se pode observar em entrevista a Antonio Spadaro, citada por Roberto Repole:

[...] A pertença a um povo tem um forte valor teológico: Deus na história da salvação salvou um povo. Não existe plena liberdade sem pertença a um povo [...] ninguém se salva sozinho, como indivíduo, isolado. O povo é sujeito. E a Igreja é o povo de Deus em caminho na história, com alegria e dores. Sentir-se *cum Ecclesia*, portanto, para mim é estar neste povo¹⁷⁵.

Na percepção de Francisco, com a Igreja se manifesta o desejo de Deus de salvar os homens não isoladamente, mas enquanto pertencente a seu povo, considerando a complexa trama de relações interpessoais que a vida numa

¹⁷² REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 37-38.

¹⁷³ EG 111.

¹⁷⁴ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 38.

¹⁷⁵ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 39.

comunidade humana supõe¹⁷⁶. O Papa traz à luz um entendimento já presente na *Lumen Gentium*, na abertura do capítulo sobre o povo de Deus. Neste sentido, pertencer a este povo significa sair da autorreferencialidade para se abrir à comunhão. Implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade, isto é, anunciar e levar a salvação de Deus a este mundo necessitado de esperança¹⁷⁷. Supõe ainda compreender-se como “povo eleito para a missão”, chamado e enviado para a construção do Reino numa atitude de povo peregrino e evangelizador¹⁷⁸.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco afirma ainda que este povo, que é a Igreja, é “um povo para todos e é um povo com muitos rostos”¹⁷⁹, considerando o dado cultural-antropológico indispensável para a eficácia da ação evangelizadora, uma vez que “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”¹⁸⁰. Bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. É o Espírito Santo que, operando no interior de cada povo, “suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai”¹⁸¹. Tudo isso é benéfico à evangelização e constitui, sem dúvida, uma riqueza para a Igreja.

Numa eclesiologia do povo de Deus, o aspecto da igual dignidade e da corresponsabilidade de todos os cristãos é de suma importância. Afirma Francisco que “em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito” que os torna sujeitos ativos de evangelização. Seria inapropriado pensar num esquema de evangelização que não levasse em conta a totalidade do povo de Deus¹⁸². Por Igreja, Francisco entende a totalidade e a comunhão dos batizados, cuja dignidade é dada por ser filho no Filho, na força da unção do Espírito. É indiscutível a novidade com que o Papa repropõe esse ensinamento, relançando a Igreja às fontes do Concílio:

A nossa primeira e fundamental consagração aprofunda as suas raízes no nosso batismo [...] nos faz bem recordar que a Igreja não é uma elite dos sacerdotes, dos consagrados, dos bispos, mas que todos formamos o santo povo fiel de Deus. [...] Somos, como sublinha bem o Concílio Vaticano II, o povo de Deus, cuja identidade é a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, no coração dos quais demora o Espírito Santo como em um templo¹⁸³.

¹⁷⁶ EG 113.

¹⁷⁷ EG 114.

¹⁷⁸ KUZMA, C., *Cantar com Francisco*, p. 205.

¹⁷⁹ EG 112-118.

¹⁸⁰ EG 115.

¹⁸¹ EG 117.

¹⁸² EG 119-120.

¹⁸³ REPOLE, R., *O sonho de uma Igreja evangélica*, p. 43.

Ao chamar a atenção para o protagonismo de todo batizado na missão da Igreja, reconhecendo a plena dignidade dos fiéis, Francisco não quer com isso diminuir o sentido e a importância dos ministros ordenados dentro do povo de Deus, ao contrário, ele deseja determinar de maneira a ficar ainda mais evidente a razão da função ministerial: eles estão dentro da Igreja para servir pastoralmente ao povo do qual fazem parte¹⁸⁴. Compreendendo o ministério hierárquico na perspectiva de uma Igreja sinodal, o Papa Francisco lembra que “aqueles que exercem a autoridade se chamam ministros, porque, segundo o significado originário da palavra, são os menores entre todos”¹⁸⁵. Cabe aos pastores, especialmente aos Bispos, a tarefa de promover na Igreja a comunhão missionária. Às vezes, eles [os pastores] vão adiante para abrir o caminho, indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes se volta sobre os próprios passos para que ninguém fique atrás, e não poucas vezes se está no meio de todos com sua proximidade misericordiosa para sentir o palpitar das pessoas, o cheiro das ovelhas¹⁸⁶. Por isso, o ministro ordenado deve ser um servidor de todos, e o primeiro a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes na vida da comunidade em prol da evangelização na escuta da voz do Espírito¹⁸⁷.

Para superar a tendência clericalista de uma Igreja autocentrada, Francisco convida toda a Igreja a uma atitude de permanente saída em espírito sinodal. A própria sinodalidade se orienta para a evangelização e, por sua vez, a evangelização deve acontecer na dinâmica sinodal, envolvendo todo povo de Deus – pastores e fiéis – na obra missionária, para o anúncio de Jesus Cristo, sobretudo pelo testemunho de comunhão. É um caminho que estamos a percorrer como Igreja. A disposição para o “caminhar juntos” já é um passo fundamental.

De algum modo, afirma o Papa Francisco, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem levar em conta as nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida¹⁸⁸. Quem experimenta o amor de Deus que salva, não precisa de muita preparação para ir anunciá-lo, não precisa esperar que lhe dê uma delegação especial. Ter encontrado verdadeiramente o amor de Deus é o bastante para ser discípulo missionário. Como já se afirmou anteriormente, em virtude do

¹⁸⁴ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 43.

¹⁸⁵ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 57.

¹⁸⁶ EG 31; REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 44.

¹⁸⁷ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 53.

¹⁸⁸ EG 121.

Batismo, todo povo de Deus recebe a unção do Espírito Santo que dota a totalidade dos fiéis do *sensus fidei*, o instinto da fé, que os ajuda a discernir os sinais de Deus e os capacita a testemunhar e anunciar a Palavra da verdade e da vida. É precisamente o Evangelho da esperança que a Igreja é chamada a comunicar. Por isso, nenhum cristão deveria renunciar ao seu compromisso com o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo¹⁸⁹.

O Batismo faz de todos os membros da Igreja um povo pneumático, isto é, um sujeito habitado pelo Espírito e guiado por ele à plena verdade. Por isso, o povo de Deus tem a capacidade de viver e transmitir a fé, ainda que falte um instrumento conceitual adequado. Aqui o Papa Francisco estabelece uma relação com a piedade popular, enquanto expressão da fé cristã e de uma autêntica vida teologal. Neste universo, os simples e os mais pobres se sentem protagonistas da sua missão. “Trata-se de uma verdadeira espiritualidade encarnada na cultura dos simples”¹⁹⁰. Daí a importância de a piedade popular ser acolhida, entendida e amadurecida na ótica da nova evangelização.

Há diversas formas de realizar o anúncio como é diverso o povo de Deus com seus gestos e expressões. O processo de evangelização não pode prescindir da escuta e do diálogo respeitoso com a outra pessoa e sua cultura para conhecer seus anseios mais profundos. Afinal, “a realidade é sempre maior que a ideia”¹⁹¹. O importante, diz Francisco, é que o evangelizador tenha a disposição permanente de comunicar aos outros o amor de Jesus, e isso pode se dar em qualquer circunstância¹⁹².

Em todo tempo, o Papa Francisco convida a Igreja a olhar para Jesus Cristo para compreender a sua missão na ótica do Evangelho, “a Palavra encarnada e sempre procurando encarnar-se”¹⁹³ na história. Portanto, a Igreja prestará seu indispensável serviço ao Evangelho e à humanidade à medida que ativa os valores do Reino de Deus no mundo, disseminando “o fermento e o sal que tornam presente a história da vida que não morre, a vida que somente brota de Deus e somente em Deus se cumpre”¹⁹⁴. Como peregrina no mundo, a Igreja vive sua missão sempre

¹⁸⁹ EG 119-120.

¹⁹⁰ EG 122-126; REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 54-55.

¹⁹¹ EG 233.

¹⁹² EG 127-129.

¹⁹³ EG 233.

¹⁹⁴ CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 82.

na direção do horizonte mais amplo do Mistério sempre maior, do Mistério do Deus que é, que era e que vem (Ap 1,8)¹⁹⁵.

A tão desejada e urgente renovação missionária começa quando cada membro do povo de Deus se convence de que é um sujeito ativo de evangelização. O resgate da dimensão da sinodalidade na Igreja, nos tempos de hoje, é, dentre outros aspectos, um convite, uma inspiração, um caminho em vista da conversão pastoral, isto é, da própria missão da Igreja. As perspectivas de uma Igreja sinodal no contexto da evangelização serão retomadas no capítulo seguinte. Como declarou Francisco, o mundo em que vivemos e que somos chamados a amar e servir, mesmo com as suas contradições, exige da Igreja potencializar as sinergias em todas as áreas da sua missão. Para isso, faz-se necessário o envolvimento e a cooperação de todo o povo de Deus¹⁹⁶.

3.6

Síntese conclusiva

A *Evangelii Gaudium*, em muitos aspectos, reflete a experiência pastoral do Papa Francisco, sua maneira de conceber a Igreja e, por isso, esta Exortação apresenta, conforme análise de alguns estudiosos do campo, o programa de pontificado do atual Papa. Através de uma linguagem clara e fluente, com palavras simples e, ao mesmo tempo, profundas, o Documento joga luz sobre o tema da evangelização, já tão bem condensado na *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, em continuidade às perspectivas apontadas no Concílio Vaticano II, levadas adiante nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, ao estilo de cada um.

Com a expressão “Igreja em saída, que define o objetivo da Exortação Apostólica, Francisco mostra sua afinidade com a Conferência de Aparecida e seu desejo de convocar toda a Igreja a uma conversão pastoral em vista de uma renovação missionária. A *Evangelii Gaudium* é, portanto, um convite para que todo cristão renove sua motivação de fé a partir do encontro com Jesus Cristo, bebendo da fonte do Evangelho, donde brota a perene alegria. Esta é uma experiência que contagia e que, por isso, provoca nos discípulos e discípulas de Jesus Cristo a força do anúncio salvífico que há de ser comunicada, sobretudo, através do testemunho de vida.

¹⁹⁵ TEIXEIRA, F., Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio, p. 520-529.

¹⁹⁶ PARANHOS, W. S.; PONTE, M. N. Q., A sinodalidade como estilo, p. 11-19.

O próximo capítulo se propõe aprofundar alguns elementos do querigma numa perspectiva pastoral, como os aborda a *Evangelii Gaudium*, dentre os quais: a catequese querigmática, a dimensão social da evangelização, a espiritualidade missionária, considerando os desafios e interpelações deste tempo. A pesquisa segue, pois, seu itinerário reflexivo, bebendo das fontes da *Evangelii Gaudium*, que inspira o discípulo missionário a uma ação que seja cada vez mais ao estilo do Evangelho, isto é, um agir eclesial e, por isso, sinodal.

4

Elementos do querigma numa perspectiva pastoral à luz da *Evangelii Gaudium*

Este último capítulo deter-se-á nos aspectos pastorais da *Evangelii Gaudium*, por isso, terá uma maior densidade. A primeira seção aponta alguns desafios da realidade que interpelam a Igreja, enquanto discípula e missionária, a uma postura de escuta, diálogo e discernimento, em espírito sinodal. A atenção aos sinais dos tempos, com suas profundas mudanças, tornou-se um fato considerável para a hermenêutica pastoral do momento presente. Ganha importância neste capítulo uma abordagem sobre a identidade da catequese a partir da Exortação Apostólica em análise, ressaltando seus elementos querigmáticos e mistagógicos. Compreendendo o querigma na sua abrangência, tenciona-se tratar sobre a dimensão social da evangelização, retomando a reflexão sobre o cuidado dos mais frágeis como exercício da caridade cristã.

A última seção traz presente o tema da espiritualidade para a nova evangelização abordado no último capítulo da *Evangelii Gaudium*. À luz dos elementos pneumatológico-trinitários da referida Exortação, explicita-se a tese principal aqui advogada, que é apontar o encontro com Jesus Cristo como ato fundante do discipulado missionário, e, portanto, como uma realidade que se experimenta e se comunica. Trata-se de pôr em evidência o fato de saber-se salvo, no amor de Cristo, e como essa experiência enche a vida de sentido, reanima a esperança e abre novos horizontes para a missão da Igreja.

4.1

Alguns desafios da realidade: interpelações do tempo presente a partir da *Evangelii Gaudium*

A realidade apontada na *Evangelii Gaudium* é descrita, em seus múltiplos aspectos, a partir do que Aparecida chamou de mudança de época, como exposto no segundo capítulo. Trata-se de mudanças que possuem alcance global, com incidências em todos os âmbitos da vida, inclusive o religioso¹⁹⁷. O Papa Francisco, como alguém muito presente a seu tempo, faz uma leitura lúcida da realidade, e ele o faz a partir do “olhar de discípulo missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo”¹⁹⁸. O Papa deseja refletir, numa perspectiva pastoral, sobre alguns aspectos da realidade que, de algum modo, afetam o dinamismo de renovação

¹⁹⁷ DAp 44; EG 52.

¹⁹⁸ EG 50.

missionária da Igreja. A leitura é feita dentro de um diagnóstico mais amplo que Francisco chama de “crise do compromisso comunitário”, com seus desdobramentos nas relações humanas, na economia, na política, no tecido cultural, na religião e na espiritualidade.

A *Evangelii Gaudium* chama a atenção para as tentações a que os agentes pastorais estão sujeitos neste contexto de mudanças, dentre elas: a afirmação do clericalismo, o enfraquecimento dos vínculos e da pertença comunitária e, conseqüentemente, o esfriamento do dinamismo evangelizador. Diante da amplitude do cenário que a Exortação Apostólica descortina, destacam-se alguns aspectos considerados mais relevantes aos propósitos desta reflexão, aos quais se quer dar mais atenção.

Como se pode constatar, o mundo vive uma viragem histórica, com grandes avanços científicos e tecnológicos que favoreceram muitos progressos à humanidade. No entanto, não se pode negar que, à margem de todo progresso, encontra-se a maior parte dos homens e mulheres que vive precariamente, que luta ao menos para sobreviver, porque em muitos o sonho por uma vida digna já não existe mais, constata Francisco¹⁹⁹. A economia de mercado, que privilegia o lucro em detrimento à pessoa, cria uma cultura da exclusão e do descarte, agravando ainda mais as desigualdades sociais. Lamenta o Papa Bergoglio o fato de que somente pouco mais de um por cento da população mundial possua metade de suas riquezas, enquanto que a grande maioria vive na pobreza e na privação. Tudo isso resultado de um mercado dissociado da moral que se transformou numa complexa engenharia do lucro e da competição²⁰⁰.

Um sistema social injusto faz aumentar ainda mais a violência, porque além de gerar desigualdades, alimenta a corrupção e nela se apoia. As periferias são abandonadas e os pobres não fazem parte do orçamento global. Quando não há um projeto de sociedade na agenda econômica que inclua os menos favorecidos, corre-se um grande risco de que haja um colapso social²⁰¹.

Do ponto de vista cultural, observa-se uma generalizada postura relativista que fomenta a indiferença, ofuscando as aspirações por um projeto coletivo de sociedade. Numa cultura onde cada um se diz portador de uma verdade própria,

¹⁹⁹ EG 52.

²⁰⁰ FRANCISCO., Vamos sonhar juntos, p. 122.

²⁰¹ EG 59.

torna-se difícil a inserção dos cidadãos num projeto comum que vai além dos desejos e benefícios pessoais²⁰².

Em meio ao mundo dominado pela inovação tecnológica, firma-se, cada vez mais, uma cultura digital que acaba por determinar o comportamento das pessoas e os rumos da própria sociedade. O limite entre o real e o virtual é cada vez mais tênue. De alguma forma, o mundo todo está interligado em rede. E a evangelização hoje não pode deixar de considerar o ambiente virtual como uma ferramenta importante para transmissão da fé. Contudo, diante de mecanismos tão potentes de conexão, as relações estão fragilizadas, porque nenhum meio digital pode satisfazer o desejo do ser humano de ter contato com seus semelhantes, nada pode substituir a interação direta com a complexidade que as experiências dos outros oferecem. É preciso ter claro que a comunicação é mais do que conexão; ela é mais fecunda sobretudo quando constrói vínculos de confiança, através da comunhão e da fraternidade²⁰³. Fora deste propósito, a comunicação e seus mecanismos correm o risco de apenas maquiagem a realidade, manipulando as consciências.

Uma das marcas deste tempo, como bem observa Francisco, é o enfraquecimento dos vínculos comunitários, que atinge também o campo da fé. “o individualismo pós-moderno e globalizado oferece um estilo de vida que debilita os vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”²⁰⁴. No campo da religião, este fenômeno é altamente prejudicial, porque reduz a fé ao âmbito do privado, abrindo caminhos para uma espiritualidade sem carne e sem rosto. O Papa Francisco já havia alertado, na *Gaudete Et Exultate*, sobre o perigo do gnosticismo atual, cujos adeptos “preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo”²⁰⁵. Sob a influência de tal mentalidade, cada indivíduo vai construindo seu próprio universo religioso, esvaziando a fé de sua dimensão comunitário-eclesial.

Francisco nota nos agentes pastorais, não raramente, a tendência a uma espécie de relativismo prático e um acentuado individualismo que roubam o entusiasmo evangelizador. Em muitos, até mesmo pessoas consagradas, há uma excessiva preocupação pelo bem-estar pessoal, um zelo exagerado pela boa aparência externa e pouca identificação e comprometimento com a tarefa da

²⁰² EG 61.

²⁰³ FRANCISCO., *Vamos sonhar juntos*, p. 30.

²⁰⁴ EG 67.

²⁰⁵ GeE 37.

evangelização²⁰⁶. Chega a causar perplexidade, observa o Papa, a postura daqueles que parecem dispor de sólidas convicções doutrinárias e espirituais, mas acabam por cair, muitas vezes, em um estilo de vida que os leva a se agarrarem a seguranças econômicas ou a espaços de poder e glória humana, em vez de se doarem aos outros na missão. “Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário”, escreve Francisco²⁰⁷.

Um dos grandes obstáculos ao dinamismo pastoral, apontados na Exortação Apostólica, é o que o Papa Francisco chama de mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, mas, na realidade, busca a glória humana e o bem estar pessoal, em vez da glória do Senhor. É uma maneira sutil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2,21)²⁰⁸. Este tipo de postura, observa Francisco, dá lugar a um elitismo narcisista autoritário que transforma a Igreja num “palco” para o exibicionismo e em espaço para disputa de poder²⁰⁹.

Uma Igreja afetada pelo mundanismo espiritual dá ênfase ao administrativo sobre o pastoral, rege-se pela rigidez das normas e concebe o ministério ordenado como superior e mais importante do que os demais, promovendo um excessivo clericalismo. Neste modelo, não há espaço para o protagonismo dos leigos, pois tudo se concentra na figura do ministro ordenado²¹⁰. Em resposta a essa tentação, o Papa lembra que a natureza do ministério ordenado “não comporta uma exaltação que a coloque por cima dos demais. O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza para estar a serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo”²¹¹. Dito de outra maneira, o ministério ordenado deve estar a serviço do sacerdócio comum de todo povo de Deus. Este entendimento emana da própria eclesiologia do Concílio Vaticano II na qual se fundamenta o Pontífice.

Diante de tantas tentações que tendem a despersonalizar a pastoral e enfraquecer o ardor missionário, Francisco aposta na mística do encontro para a redescoberta da alegria da pertença à comunidade, pois o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com sua presença física que interpela, com seus sofrimentos, com sua alegria que contagia. A relação com o outro gera uma fraternidade mística que sabe ver a grandeza sagrada do próximo,

²⁰⁶ EG 78-79.

²⁰⁷ EG 80.

²⁰⁸ EG 93.

²⁰⁹ EG 94-95 (grifo nosso).

²¹⁰ EG 63, 102.

²¹¹ EG 104.

que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus. Com efeito, “na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura”²¹².

Nos últimos dois anos, agravada pela COVID 19, a humanidade tem vivido uma das suas maiores crises. Diante de tantas vidas perdidas e do colapso do sistema de saúde, nunca o ser humano se sentiu tão vulnerável. Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, publicada em 2020, o Papa Francisco observa com lucidez profética que a pandemia despertou na humanidade a consciência de “somos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco. Fez-nos recordar de que ninguém se salva sozinho, de que é possível salvar-nos juntos”²¹³. Por isso, deseja o Papa que esta crise, pela qual o mundo passa, deixe lições e apelos profundos na consciência do ser humano, de modo a já não mais existir “os outros”, mas apenas “um nós”²¹⁴. A humanidade ainda precisa avançar muito para efetivar a ética da fraternidade e da solidariedade.

Para superar o desafio da autorreferencialidade, faz-se necessário “colocar a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo”²¹⁵. É a proposta de Francisco por uma Igreja sinodal de comunhão, participação e missão de todos os batizados na ação evangelizadora. “O caminho da sinodalidade é o que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”, afirmou o Pontífice²¹⁶. A *Evangelii Gaudium* já contém essa inspiração. É da espiritualidade de comunhão, que brota da essência do Evangelho e constitui da identidade da Igreja, que se poderá traçar um novo caminho para a evangelização que melhor responda aos desafios dos tempos atuais.

4.2 Evangelizar na perspectiva da sinodalidade

O tema da sinodalidade passou a ser a pauta principal do programa pastoral do Papa Francisco. Porém, não se trata de um termo novo que o Pontífice quis adotar por modismo. É preciso ter em conta que a Igreja era sinodal desde seus primeiros passos quando os discípulos caminhavam com Jesus ressuscitado de Jerusalém a Emaús e regressam a Jerusalém depois de reconhecer sua presença no partir do pão (Lc 24,13-36). Daqui brota a compreensão mais significativa sobre

²¹² EG 88, 92.

²¹³ FT 32.

²¹⁴ FT 35.

²¹⁵ EG 97.

²¹⁶ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 1.

sínodo, que é aquela de caminhar juntos, fazer um caminho compartilhado, na companhia de Jesus, o Senhor vivo, que acompanha sua Igreja pelas estradas da vida²¹⁷.

A grande novidade de Francisco é sua decisão de converter a sinodalidade em práxis eclesial, pondo em evidência a visão de Igreja que a sustenta, ou seja, a eclesiologia do Povo de Deus que o Concílio Vaticano II formulou, segundo a qual todos os batizados são corresponsáveis na vida e na missão da Igreja. Em seu discurso por ocasião do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, no ano 2015²¹⁸, o Papa convida a redescobrir a sinodalidade como a específica forma de viver e operar (*modus vivendi et operandi*) da Igreja, povo de Deus, que manifesta e realiza sua vocação à comunhão no caminhar juntos, no ato de reunir-se em assembleia e na participação de todos os seus membros em sua missão evangelizadora²¹⁹.

O Pontificado de Francisco recoloca no centro da atenção eclesial o discurso sobre a sinodalidade, que se torna agora fundamental para sua visão de Igreja, desde sempre impregnada da novidade eclesiológica do Concílio Vaticano II, sobretudo no que diz respeito à sua concepção da Igreja como a totalidade do povo de Deus chamado a tomar parte na missão²²⁰. Deitando suas raízes nesta compreensão de Igreja, como povo de Deus que caminha junto em espírito de comunhão, a sinodalidade, de acordo com Francisco, é a realidade constitutiva da Igreja, e como a própria Igreja, ela se orienta para a evangelização. Evangelizar, nesse sentido, é um modo sinodal, e por isso eclesial, de a Igreja operar no mundo, um modo profético de serviço à humanidade²²¹.

Um dos entraves ao dinamismo da evangelização nos tempos atuais, como descrito no tópico anterior, é o que o Santo Padre nomeia como autorreferencialidade, o que, por sua vez, alimenta na Igreja uma espécie de “mundanismo espiritual”, no entender de Francisco. É quando a Igreja pensa ter luz própria e vive buscando a glória humana e o bem-estar pessoal, em vez da glória do

²¹⁷ POSADA, I. C., Redescubrir la sinodalidade eclesial, p. 105-131.

²¹⁸ Por ocasião do quinquagesimo aniversário do Sínodo dos Bispos, em 17 de outubro de 2015, o Papa Francisco proferiu o discurso sobre a sinodalidade no qual afirmou que “o caminho da sinodalidade é o que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. A Comissão Teológica Internacional (CTI) conduziu um importante estudo sobre o tema, aprofundando, dentre outros aspectos, o discurso do Papa. CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 1.

²¹⁹ POSADA, I. C., Redescubrir la sinodalidade eclesial, p. 105-131; CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 6.

²²⁰ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 77.

²²¹ CZERNY, M., Uma Igreja que caminha junto, p. 67-88.

Senhor²²². Esse tipo de postura acentua ainda mais o clericalismo, contra o qual o atual Papa tem se posicionado veementemente, classificando-o como uma perversão eclesial²²³.

A sinodalidade vai na contramão de uma Igreja autocentrada, porque se apoia na noção de comunhão, chave eclesiológica do Concílio Vaticano II. O conceito de comunhão exprime a substância do mistério e da missão da Igreja, sublinhando a comum dignidade de todos os batizados, com a multiforme riqueza dos seus carismas e ministérios no exercício da missão da Igreja²²⁴. Neste sentido, o princípio de comunhão assume a forma e o escopo da própria sinodalidade. Todos os fiéis são ungidos pelo Espírito Santo que os capacita a, conjuntamente com os pastores, colaborar na obra da evangelização e na tomada de decisões na comunidade eclesial. Assim o Papa expressa o que é propriamente sinodal do *sensus fidei*: ele se caracteriza como um “olfato” para discernir as novas estradas que o Senhor abre para a Igreja²²⁵.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta recíproca, em cada um tem algo a aprender. “Trata-se de uma escuta teologal e eclesial que significa mais do que ouvir”²²⁶. Fiéis e pastores, cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, expressa Francisco²²⁷. Na escuta de todos, ouve-se a voz do Espírito para discernir com sabedoria o que Ele diz à Igreja nos tempos de hoje.

É desejo de Francisco, já expresso na *Evangelii Gaudium*, que tudo na Igreja seja impregnado da novidade do Evangelho em vista do dinamismo missionário. A sinodalidade, por sua própria natureza, já coloca a Igreja em estado de missão, o que requer a coragem de romper com certas estruturas de mera conservação para assumir um estilo decididamente missionário, como já propunha Aparecida, ao se referir à conversão pastoral²²⁸, sobre a qual o capítulo anterior fez menção. Nesse sentido, o que é propriamente sinodal não é apenas o fato de caminhar juntos; é caminhar juntos como povo convocado e enviado em missão, como irmãos que se escutam reciprocamente e se colocam à escuta do Espírito. Portanto, se não houver a clareza de que a missão ao mundo como serviço ao Reino da vida “é o verdadeiro,

²²² EG 93.

²²³ CZERNY, M., Uma Igreja que caminha junto, p. 67-88.

²²⁴ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 6.

²²⁵ CATELAN FERREIRA, A. L., A sinodalidade eclesial no Magistério do Papa Francisco, p. 390-404.

²²⁶ CATELAN FERREIRA, A. L., A sinodalidade eclesial no Magistério do Papa Francisco, p.390-404.

²²⁷ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 77-78.

²²⁸ DAp 370.

único e essencial princípio e fim da Igreja”²²⁹, o debate sinodal pouco ou nada adiantará.

Observa-se nas reflexões de Francisco duas características fundamentais e complementares da sinodalidade. A primeira é o seu dinamismo. A sinodalidade é um processo que visa mudanças. A segunda é a percepção de que este processo, por envolver a ampla participação dos batizados, tende a construir um “nós” mais inclusivo, uma identidade eclesial mais rica. “Não é fácil pô-lo em prática”²³⁰, observa o Papa, mas já é alvissareira a disposição em caminhar juntos, na mesma sintonia do Espírito, apostando no dinamismo da eclesialidade.

A sinodalidade convida a Igreja a vislumbrar um futuro com melhores possibilidades para se viver mais eficazmente a missão recebida de Cristo. Esta nova aurora para a Igreja já começa quando se desencadeiam processos de escuta, diálogo e discernimento. Conforme cita Czerny, as palavras do Papa Francisco na abertura do Sínodo sobre a juventude, em 2018, se aplicam a todos os processos sinodais na Igreja:

Esforcemo-nos, pois, por procurar “frequentar o futuro” e por fazer deste Sínodo não só um documento, mas sobretudo propósitos pastorais concretos, capazes de realizar a tarefa do próprio Sínodo, que é fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, enfaixar feridas, entrançar relações, aprender um do outro, e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações [...] a visão dum futuro repleto da alegria do Evangelho²³¹.

O grande testemunho que a Igreja pode dar ao mundo é a vivência do amor fraterno, já apreciada nos primeiros discípulos do Ressuscitado: “eles eram um só coração e uma só alma” (At 4,32). Uma Igreja que caminha junto, compartilhando as alegrias, as esperanças e as angústias uns dos outros pelas veredas da história, poderá ajudar também a sociedade a se edificar na fraternidade e na concórdia, gerando um mundo mais pacífico e harmônico.

Não se pretende que o Sínodo sobre sinodalidade, que está em curso na Igreja, seja apenas um evento, porque o evento pode ser passageiro. Mas do que isso, deseja o Papa que a sinodalidade seja compreendida e acolhida como um processo, um caminho que não poderá mais ser interrompido. Verdadeiramente um estilo, um jeito de ser da Igreja. Um caminho que só se pode efetivamente fazer caminhando, de mãos dadas e corações unidos, na partilha dos dons, na alegria da presença do

²²⁹ PARANHOS, W. S; PONTE, M. N. Q., Sinodalidade como estilo, p. 11-19.

²³⁰ CZERNY, M., Uma Igreja que caminha junto, p. 67-88.

²³¹ CZERNY, M., Uma Igreja que caminha junto, p. 67-88.

Ressuscitado que “nos revela as Escrituras e parte o pão para nós”²³². A sinodalidade é verdadeiramente o apelo que o Espírito de Deus faz à Igreja nestes tempos em que ela é chamada a testemunhar, com renovado ardor missionário, o Evangelho de Cristo.

4.3

Uma catequese querigmática e mistagógica à luz da *Evangelii Gaudium*

Esta é uma etapa especial da dissertação em que se põe em relevo o tema da catequese, que é fundamental no panorama da evangelização na Igreja. É claro que não se pretende apresentar aqui um tratado sobre a catequese, dada a amplitude e a complexidade do tema. A atenção se volta para a identidade da ação catequética a partir de dois dos seus traços característicos apontados pelo Papa Francisco em *Evangelii Gaudium*: o querigma e a mistagogia, a fim de se identificar que papel a catequese deve desenvolver na missão da Igreja, considerando os novos desafios da evangelização.

A *Evangelii Gaudium* dá a compreender a importância do querigma como aquele anúncio primeiro, isto é, principal, a que sempre se tem de voltar a ouvir e a transmitir²³³. Mas também a referida Exortação afirma que o primeiro anúncio deve desencadear um caminho de formação e de amadurecimento, visto que o escopo da evangelização é possibilitar a cada pessoa um itinerário de resposta e crescimento no amor de Cristo, que deve refletir na caridade fraterna, na dinâmica da vida eclesial e no compromisso sociotransformador. O que se espera no transcorrer do processo é que a pessoa que recebeu o anúncio vá progressivamente assimilando sua existência a Cristo, numa busca constante pela santidade que se requer dos filhos e filhas de Deus²³⁴.

Nesse processo de aprofundamento da fé, a catequese tem um papel fundamental não apenas como um momento posterior ao primeiro anúncio, mas sempre partindo dele, pois “nada há de mais sólido, mais profundo, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”, afirma Francisco²³⁵. É em vista do aprofundamento do querigma que a catequese desenvolve seu itinerário, estando sempre pronta a transmitir aquela palavra que sacia o anseio de infinito que existe no coração humano. “Esta palavra deve ressoar na boca do catequista sempre como o primeiro

²³² MISSAL ROMANO. Oração Eucarística VI-C, p. 854.

²³³ EG 163.

²³⁴ EG 160-162.

²³⁵ EG 165.

anúncio: Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”²³⁶.

O entendimento sobre a catequese aqui advogado advém do impulso renovador do Concílio Vaticano II, quando a catequese passa a ser compreendida no contexto amplo da evangelização e não simplesmente como manual e compêndio da doutrina cristã a ser ensinado. O Diretório Geral para a Catequese (1997) descreve a catequese como “formação orgânica e sistemática da fé que vai além do tradicional ensinamento [...]. Trata-se de educar ao conhecimento e à vida de fé, de tal maneira que o homem no seu todo, se sinta fecundado pela Palavra de Deus”²³⁷. Percebe-se aqui a relação essencial da catequese com o processo de iniciação cristã integral que favoreça à pessoa um caminho de maturidade na fé até chegar à plena apropriação do mistério e, deste modo, participar efetivamente da vida cristã, dando testemunho da fé no mundo. A catequese é assim entendida como um momento essencial no dinamismo evangelizador e, portanto, encontra-se no centro da missão eclesial²³⁸.

Considerando as circunstâncias atuais, em que a adesão à fé não se dá mais pela pertença sociológica, torna-se ainda mais necessário compreender a catequese no contexto da chamada nova evangelização, realçando sua função querigmática em todas as suas etapas e momentos, tanto em referência às pessoas batizadas que não mais vivem as exigências do Batismo quanto àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram²³⁹. Para quem se afastou da fé da Igreja, cabe sempre um “segundo” primeiro anúncio, segundo não no sentido quantitativo, mas qualitativo, pois diz respeito sempre àquele anúncio principal da fé cristã que todos têm o direito a receber como partilha da alegre experiência de encontro com Jesus Cristo vivenciada pelos seus discípulos²⁴⁰.

Sabe-se que atividade catequética em si é muito vasta e assume diversas formas no âmbito pastoral, através da liturgia, da pregação, dos itinerários catecumenais, da comunicação midiática etc²⁴¹. Contudo, em todas as modalidades da catequese, deve-se ter em conta a centralidade do querigma que, segundo Francisco, requer hoje certas características:

²³⁶ EG 164.

²³⁷ MORAES, A., A catequese hoje, p. 266.

²³⁸ MORAES, A., A catequese hoje, p.267.

²³⁹ MORAES, A., A catequese hoje, p. 268; EG 14.

²⁴⁰ CNBB, Doc. 107, 154; CNBB, Doc. 109, 37.

²⁴¹ MORAES, A., A catequese hoje, p. 269.

Que exprima o amor salvífico de Deus como prévia à obrigação moral e religiosa, que não se imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas²⁴².

O que o Papa quer deixar a entender é que a atividade catequética é sempre um serviço de resposta e amadurecimento da fé, que é sempre dom inefável de Deus. A catequese deve usar todos os seus recursos para propiciar à pessoa o encontro com a proposta interpeladora de Deus, de modo a provocar nela uma resposta livre e madura ao seguimento de Jesus Cristo²⁴³. Isso exige do evangelizador não somente habilidades pedagógicas, mas também capacidade de escuta e diálogo e, sobretudo, intimidade com Cristo²⁴⁴.

Outra característica da catequese, evidenciada na *Evangelii Gaudium*, é a iniciação mistagógica que, para Francisco, significa “a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da vida cristã”²⁴⁵. Aqui a catequese se expressa como um serviço pastoral-litúrgico que, em interação com a comunidade eclesial, compreende e integra o conhecimento do mistério com a celebração da fé e a vivência eclesial, de maneira a envolver progressivamente toda a realidade humana do catequizando na experiência de Cristo e da Igreja²⁴⁶. Para tanto, faz-se necessário que o anúncio da Palavra na atividade catequética disponha de uma ambientação adequada e de uma motivação atraente, bem como do uso de símbolos eloquentes, a fim de conduzir todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta²⁴⁷. O que se espera é que o iniciado nos mistérios gradativamente conheça o que crê, creia no que celebra e viva o que crer e celebra. Assim o processo terá chegado ao nível de maturidade desejada.

A catequese mistagógica, como evento eclesial situado e motivado pela pertença eclesial na Igreja local, deve inserir na transmissão da fé o rico universo simbólico das artes, a dimensão do belo, para poder chegar ao coração do homem e fazer resplandecer nele a verdade e a bondade do Ressuscitado. Por isso, segundo Francisco, “é preciso ter a coragem de encontrar novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da fé”²⁴⁸, de maneira a acolher, purificar e elevar toda a realidade

²⁴² EG 165.

²⁴³ MORAES, A., A catequese hoje, p. 270.

²⁴⁴ EG 165.

²⁴⁵ EG 166.

²⁴⁶ MORAES, A., A catequese hoje, p. 166.

²⁴⁷ EG 166.

²⁴⁸ EG 167.

que o catequizando traz consigo. Aqui se coloca à catequese o grande desafio da inculturação da fé, que é fundamental para que a mensagem transmitida alcance a pessoa na sua singularidade, no seu contexto vital, gerando nela a consciência de pertença comunitária e de participação na missão de Cristo para a salvação do mundo²⁴⁹.

Tanto a mistagogia quanto o anúncio querigmático são elementos que configuram o processo de iniciação à vida cristã, conforme propõe a metodologia do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA). Este documento, atendendo aos anseios do Concílio Vaticano II, renovou o processo do catecumenato, integrando, harmonizando e exprimindo de forma clara e pedagógica os diferentes níveis que se implicam mutuamente no processo: o nível antropológico, teológico, ritual-sacramental e pastoral. Por isso, o RICA é a referência principal quando se pensa uma catequese integral, com a participação e o envolvimento da própria comunidade cristã²⁵⁰.

O Documento de Aparecida insiste na urgência de assumir o processo de iniciação cristã como um dos pilares fundamentais da evangelização, fazendo a seguinte observação: “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”²⁵¹. Trata-se não somente de dominar conteúdos, mas dispor de uma metodologia que torne a mensagem atraente e envolvente. Daí a necessidade de uma formação permanente dos agentes da catequese, com embasamento bíblico, teológico e pastoral, que os capacite para o exercício de uma “catequese adulta”, isto é, uma catequese mais qualificada e mais eficaz nos seus fundamentos e nos seus métodos.

Ao tratar sobre a catequese, enquanto anúncio irrenunciável do querigma e iniciação mistagógica, a *Evangelii Gaudium* chama a atenção para a importância da catequese na missão eclesial. Investir na atividade catequética como uma prioridade pastoral traz um enorme benefício à ação evangelizadora.

Como toda ação da Igreja, também a catequese é convidada a deixar-se interpelar pelas transformações culturais que tornaram a fé e sua transmissão problemáticas. Não cabe mais repetir fórmulas do passado nem tampouco fazer uma passagem apressada a um modelo catequético que não beba da fecunda riqueza do

²⁴⁹ MORAES, A., A catequese hoje, p. 271-272.

²⁵⁰ CALANDRO, E. A. Processos de iniciação à vida cristã e resiliência, p. 115-116.

²⁵¹ DAp 287.

Concílio Vaticano II²⁵². É importante a clareza de que a transmissão da fé deve se dar dentro de um processo sempre vivo e dinâmico no qual interagem o Espírito Santo e a Igreja, conduzindo a comunidade cristã ao amadurecimento da fé e, por conseguinte, a uma experiência de discipulado mais consciente e fecunda. Hoje a catequese se depara com um desafio novo de lidar com os ambientes digitais no processo de transmissão da fé. Este novo cenário eclesial exige dos catequistas e demais evangelizadores o domínio das linguagens e ferramentas do universo virtual e, ao mesmo tempo, a capacidade de não perder de vista a inspiração primeira dos processos de iniciação cristã, que é o despertar da fé para o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, a promoção do discipulado missionário, a inserção na comunidade de fé e o engajamento na transformação da sociedade²⁵³. A inspiração catecumenal é o rosto evangelizador da Igreja e, por isso, reconduz a comunidade cristã a sua natureza original, que é ser querigmática e missionária, visto que o anúncio de Cristo é a expressão da mais profunda identidade da Igreja.

4.4 A dimensão social da evangelização

Partindo do pressuposto de que a noção de evangelização é uma realidade rica, complexa e dinâmica, que não comporta fragmentações, o capítulo IV da *Evangelii Gaudium* trata sobre a dimensão social da evangelização, ressaltando que o “querigma possui um conteúdo inevitavelmente social”²⁵⁴, pois na essência do Evangelho está a caridade, isto é, o apelo à vida fraterna e ao cuidado do outro, dado o reconhecimento da singular dignidade do ser humano.

O compromisso social brota da própria fé trinitária. Confessar a fé no Pai que, por amor a cada ser humano, enviou o seu Filho, cuja entrega na cruz redimiu a humanidade comunicando o seu Espírito, significa crer que a salvação que Deus oferece no amor do seu Filho e na potência do Espírito atinge a pessoa não como indivíduo isolado, mas como pertencente a um povo, a um grupo social. Significa dizer que a salvação compreende a pessoa no mais concreto de sua existência. Partindo do princípio de que o Filho de Deus assumiu a natureza humana, toda realidade alcançada por esse mistério terá a marca redentora do amor de Cristo que tudo transforma para a glória do Pai. Com base nestes pressupostos, Francisco afirma existir “uma íntima conexão entre evangelização e promoção humana, que

²⁵² MORAES, A., A catequese hoje, p. 274-275.

²⁵³ CNBB, Doc. 107, 109-110.

²⁵⁴ EG 177.

se deve exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora”²⁵⁵. Daí deriva uma primeira e fundamental reação na vida de quem aceita o primeiro anúncio: “desejar, buscar e cuidar dos outros”²⁵⁶.

Na realidade, a Igreja, em sua rica doutrina social, já afirmara, em várias ocasiões, haver laços profundos entre evangelização e promoção humana: laços de ordem antropológica, teológica e evangélica, de modo que, segundo escreveu Paulo VI, “é impossível aceitar que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas graves, agitados sobremaneira hoje em dia, pelo que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo”²⁵⁷. Desconsiderar isso seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre a caridade para com o próximo. O ensino social da Igreja sempre quis se fazer claro ao dizer que a evangelização não seria completa, se não tivesse em conta o recíproco apelo que continuamente se fazem o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem, pois nada do que é propriamente humano é alheio ao mandato de caridade, implícito ao Evangelho²⁵⁸.

Em fidelidade à doutrina social da Igreja e com uma postura crítico-profética, o Papa Francisco enxerga no Evangelho, isto é, nas palavras e na práxis de Jesus, um profundo apelo para a prática da fraternidade e da justiça, afirmando que “o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência”²⁵⁹. Dessa natureza missionária, brota inevitavelmente a caridade e a compaixão efetivas para com o próximo. Deste modo, a Igreja vive mais efetivamente sua missão quando sai de si própria para servir ao irmão, sobretudo o mais vulnerável, a exemplo do bom samaritano (Lc 10-25-37), consciente de que em cada irmão está o prolongamento da encarnação permanente do Filho de Deus para cada um de nós²⁶⁰.

A Igreja é chamada a anunciar não uma ideia, mas o Verbo encarnado, que, de algum modo, uniu-se a todo homem, como sabiamente expõe o Concílio Vaticano II: “trabalhou com mãos humanas, agiu com vontade humana, amou com coração humano: semelhante em tudo a nós, exceto no pecado”²⁶¹. No centro da mensagem de Jesus está o anúncio do Reino de Deus que, em síntese, é a

²⁵⁵ EG 176-177.

²⁵⁶ EG 178.

²⁵⁷ EN 31.

²⁵⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 66; EG 181.

²⁵⁹ EG 179.

²⁶⁰ EG 179.

²⁶¹ GS 22.

benevolência incondicional de Deus para com os humanos, manifestação de seu supremo amor por cada ser humano, especialmente os mais vulneráveis²⁶².

Jesus Cristo fala do Reino com sinais bem concretos, mostrando que sua realização vai além do nível puramente espiritual, pois trata-se de um projeto que abarca tudo: o mundo, o ser humano, a sociedade. A perspectiva do Reino amplia os horizontes da missão da Igreja, que é constantemente chamada a anunciar o Reino de Deus e sua justiça em todas as dimensões da existência: “toda a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19), pois “o Pai deseja recapitular em Cristo todas as coisas, as do céu e as da terra”, afirma o Apóstolo (Ef 1,10).

Nas ações de Jesus, o Reino de Deus se manifesta por meio de sinais extraordinários que mostram que o tempo de Deus chegou: “os cegos veem, os paralíticos andam, os surdos ouvem” (Mt 11,5). Neste tempo, está fundada a esperança cristã, que sempre gera dinamismo e novidade na história, e contém o impulso da utopia, o desabrochar para aquela esperança do Reino escatológico, “quando passar o mundo pecador e toda criatura humana for transfigurada: aí não haverá mais sofrimento nem luto, a morte será rompida, e Deus será tudo em todos”²⁶³.

Com base nos pressupostos teológicos da dimensão social da evangelização, Francisco afirma que os princípios sociais interagem com a fé, uma vez que a Igreja encontra-se inserida no mundo, isto é, nos espaços públicos e na sociedade como um todo. Assim “já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e que serve apenas para preparar almas para o céu”²⁶⁴, como defendem algumas correntes religiosas e políticas, com nuances de gnosticismo. Não se pode permitir, argumenta o Papa Bergoglio, que a religião seja relegada para a intimidade secretas das pessoas, sem nenhuma influência na vida social dos cidadãos. Isso seria esvaziar a fé do seu potencial de transformação e de sua característica de eclesialidade, quando, na verdade, “uma fé autêntica comporta sempre o desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela”²⁶⁵. Quem possui uma fé madura deseja sempre fazer um caminho compartilhado com os irmãos.

²⁶² SCHILLEBECKX, E., Jesus, a história de um vivente, p. 136.

²⁶³ BOFF, L., Jesus Cristo libertador, p.43.

²⁶⁴ EG 182.

²⁶⁵ EG 183.

De fato, a Igreja não poderia viver autenticamente sua missão no mundo se não se deixasse afetar pelos problemas que atingem os cidadãos, uma vez que os discípulos de Cristo devem compartilhar as alegrias, as angústias e as tristezas dos homens e mulheres de todos os tempos, pois “tudo o que é verdadeiramente humano, ressoa-lhes no coração”, como bem intuiu a *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, aqui já citado²⁶⁶. Somente uma fé encarnada fará desabrochar a novidade do Reino, cujo influxo vai sutilmente transformando a história em lugar de fraternidade, de justiça, de paz e de dignidade para todos.

Situando a ação evangelizadora num contexto mais amplo, a *Evangelii Gaudium* quer deixar entender que a dimensão social não é apenas consequência da fé assumida; ela está no coração do Evangelho, ou seja, é inerente à estrutura do próprio querigma²⁶⁷, de modo que a evangelização, enquanto anúncio do Reino de Deus presente na pessoa de Jesus, comporta necessariamente o compromisso com a causa da justiça e da paz social, a inclusão dos pobres, a promoção do bem comum e da dignidade humana.

4.4.1

Cuidar das fragilidades: o serviço da caridade para com os pobres

Na missão da Igreja em promover a caridade, ocupa um lugar especial o serviço aos pobres, uma vez que o próprio Cristo se fez pobre (2 Cor 8,9) e sempre se aproximou dos marginalizados²⁶⁸. Como lembra o Documento de Aparecida, já aqui citado, a opção pelos pobres decorre da fé cristológica e, por isso, “os cristãos são chamados a contemplar, nos rostos sofredores dos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles”²⁶⁹. Nesta mesma Conferência, o agora Papa emérito Bento XVI recordou, em seu discurso, que “a Igreja é convocada a ser advogada e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu”²⁷⁰.

Em *Evangelii Gaudium*, Francisco afirma que os pobres evangelizam pelos que são, pois experimentam Cristo sofredor nas suas próprias dores. Por isso:

A nova evangelização é o convite para reconhecer a força salvífica de suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus

²⁶⁶ GS 1.

²⁶⁷ EG 177.

²⁶⁸ EG 186.

²⁶⁹ DAp 393.

²⁷⁰ DAp 395.

amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus quer nos comunicar através deles²⁷¹.

Todos os cristãos são chamados a cuidar dos mais frágeis da terra, afirma Francisco²⁷². As novas formas de pobreza e os rostos sofredores de Cristo, identificados desde Puebla, só aumentam, em meio a um modelo econômico excludente e sem coração. O Pontífice elenca algumas das várias situações de fragilidades que tocam profundamente o seu coração de pastor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os idosos, os migrantes, as mulheres que sofrem maus-tratos e violência, os nascituros, as vítimas do tráfico humano²⁷³. Além das vidas humanas expostas às dolorosas formas de fragilidades, há também as constantes ameaças à vida do planeta que comprometem o equilíbrio e a harmonia da criação. Tudo isso está no horizonte da reflexão em andamento, porque diz respeito à missão da Igreja de zelar pela dignidade humana e pelo bem do mundo em que vivemos²⁷⁴.

É preciso olhar a situação da pobreza a partir do contexto social e político mais amplo para identificar suas causas estruturais. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco chama a atenção para o imprescindível papel da verdadeira política para gerar processos de fraternidade e justiça para todos. Ele convida a revalorizar “a política, que é uma sublime vocação, uma das formas preciosas de caridade, porque visa o bem comum”²⁷⁵. Esta caridade política supõe superar toda mentalidade individualista, porque se apoia na coletividade, visando o bem comum de todas as pessoas, ao considerar sempre a relação identitária entre a pessoa e o povo a que ela pertence. Nesta perspectiva, a política tende a contribuir para o equilíbrio social e político e para a construção de um mundo melhor, porque, iluminada pela caridade, se coloca a serviço do “homem todo e de todos os homens, para o pleno desenvolvimento dos povos e nações”, como a concebe a Doutrina Social da Igreja²⁷⁶.

A caridade política se distingue pelo cuidado especial aos menos favorecidos, garantindo-lhes ações de afirmação à sua dignidade e aos seus direitos fundamentais. “os políticos são chamados a cuidar das fragilidades dos povos e das pessoas”, afirma Francisco:

Cuidar das fragilidades quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio de um modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à cultura do

²⁷¹ EG 198.

²⁷² EG 209.

²⁷³ EG 209-213.

²⁷⁴ EG 215-216.

²⁷⁵ FT 180.

²⁷⁶ FT 182; SRS 32-33.

descarte [...] significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade²⁷⁷.

Infelizmente este modo de conceber a política está bem distante do que se vê na prática. É fato que a política, no modo como ela se apresenta, é movida mais pela ganância do que pela caridade, mais pelo desejo de poder do que pela consciência de serviço ao bem comum. Isso decorre de processos políticos contaminados pela corrupção nos seus variados níveis, o que só revela o lado mais perverso da atividade política e daqueles que têm o papel de governar.

Sendo o cristão também um cidadão inserido no tecido social, é seu dever contribuir para o exercício da boa política. Francisco lembra que é uma obrigação moral participar na vida política²⁷⁸. A Igreja sempre tem uma palavra a iluminar essa desafiadora realidade, não visando outro fim senão afirmar a inviolável dignidade da pessoa humana acima de quaisquer outros interesses e projetos de poder.

A pandemia da COVID 19 aprofundou ainda mais as desigualdades sociais, apontando as contradições de um modelo político-econômico que privilegia o lucro em detrimento à vida. Disto resulta uma grande massa de vulneráveis que não têm acesso às condições para uma vida digna. Não há outro caminho para superar tão gigantesca crise a não ser pela vida da solidariedade, na tomada de consciência de que somos um “nós”, precisamos uns dos outros, pois ninguém pode se salvar sozinho. E a solidariedade, como a entende o Pontífice, vai além dos atos de generosidade e assistencialismo; é o convite a abraçar a realidade em que somos unidos por laços de reciprocidade. É fazer com que, à mesa, haja lugares para todos, especialmente para os pobres²⁷⁹. Ainda de acordo com Francisco, a opção pelos pobres supõe amizade, convívio, proximidade e encontro, pois não basta apenas dar de comer ao pobre, é necessária a sensibilidade para compreender que o pobre tem dignidade para se sentar à mesa, sentindo-se família. Nisto se expressa o primado da caridade cristã e o sinal concreto de que o Reino dos céus está entre nós²⁸⁰.

É fato que o mundo de hoje se encontra ferido e a humanidade desolada diante de uma das maiores crises da história recente. Além do vírus da COVID, há que superar ainda o “vírus” da indiferença, da divisão e da intolerância. São realidades que desafiam o anúncio do Evangelho. Para avançar na construção de um povo em

²⁷⁷ FT 188.

²⁷⁸ FRANCISCO., *Vamos sonhar juntos*, p. 117.

²⁷⁹ FRANCISCO., *Vamos sonhar juntos*, p. 117-121.

²⁸⁰ EG 198; FRANCISCO., *Vamos sonhar juntos*, p. 123-124.

paz, justiça e fraternidade, segundo Francisco, há que se respeitar quatro princípios que orientam o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. São eles: o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece ao conflito, a realidade é mais importante do que a ideia, o todo é superior às partes²⁸¹. Não se pretende aqui discorrer sobre cada um deles, mas apenas tecer um comentário que aponte as perspectivas de reflexão que o Papa Francisco propõe a partir dos quatro princípios mencionados na *Evangelii Gaudium*, mediante os quais é possível fazer uma leitura pastoral mais dinâmica e uma interpretação mais aprofundada dos fenômenos sociais.

Francisco, em diversos dos seus discursos, fala sobre a importância do diálogo no anúncio do Evangelho. De fato, só é possível iniciar processos, dá atenção à realidade, construir a unidade, mediante longos e constantes diálogos. Os diálogos são abertos por natureza; eles perdem a fluidez quando há a intenção retórica de convencer o interlocutor a ir em determinada direção. O verdadeiro diálogo emerge da alteridade, pois consiste na aposta de que algo novo pode surgir quando há autêntico encontro e disposição recíproca de aprender e de descobrir em comum o que é bom e o que é belo no processo das relações²⁸². “O diálogo é o nosso método, diz o Pontífice aos Bispos dos Estados Unidos, não por astuciosa estratégia, mas por fidelidade àquele que não se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor” (Mt 20,1-16)²⁸³. O diálogo é, por isso, via necessária para gerar comunhão e propiciar a cultura do encontro. Na compreensão de Francisco, os quatro princípios citados acima, se observados na ação da Igreja, poderão contribuir na promoção da sinodalidade, no fortalecimento dos ministérios e na construção de processos de inclusão e acolhida.

Enfim, a Igreja está a serviço de “uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se”²⁸⁴; uma Palavra que possui um dinamismo próprio, não redutível a uma mera ideia ou conceito. Trata-se do Evangelho encarnado cuja riqueza incorpora todos. É o anúncio da verdadeira paz, que cimenta e harmoniza as relações em meio à conflitualidade²⁸⁵. É intrínseco ao Evangelho o critério de totalidade, por isso ele “não cessa de ser Boa Nova enquanto não for anunciado a

²⁸¹ EG 221.

²⁸² PIMENTEL, A. M., O tempo é superior ao espaço.

²⁸³ CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 91.

²⁸⁴ EG 233.

²⁸⁵ EG 229.

todos, enquanto não fecundar e curar todas as dimensões do homem, enquanto não unir todos os homens à mesa do Reino”²⁸⁶.

O magistério do Papa Francisco convida a Igreja a apreciar, com espírito novo, as riquezas da sua doutrina social, que é como um “baú” onde a Igreja sempre tira coisas novas para irradiar no mundo a alegria do Evangelho, que é sempre boa notícia de libertação, anúncio de paz e justiça para todos.

Consciente do valor inviolável da vida, a Igreja, no estilo do bom samaritano, tem o compromisso de promover a cultura do encontro, da proximidade e do cuidado, ciente de que sempre é tempo de cuidar, tanto da vida humana quanto da vida do planeta, pois diante da atual crise socioambiental, torna-se ainda mais necessário o entendimento de que uma evangelização integral deve estar a serviço de uma ecologia integral. Portanto, a intrínseca relação entre evangelização e dimensão social explicita ainda mais a força do querigma, que é o anúncio do amor salvífico de Cristo em vista da vida em abundância. Na medida em que a Igreja evangeliza o social, ela colabora na construção de uma cidade mais humana, isto é, mais conforme com o Reino de Deus²⁸⁷, revelando no mundo o amor redentor de Cristo. Deste modo, o Evangelho despontará como “luz que brilha no cimo do monte”²⁸⁸ e a Igreja poderá então renascer.

4.5 Uma evangelização com ardor do Espírito

Antes de tratar sobre a espiritualidade para uma nova evangelização inspirada na *Evangelii Gaudium*, convém explicitar, de modo conciso, o conceito de espiritualidade cristã, situando-o nestes tempos de profundas mudanças.

4.5.1 Um esboço sobre a espiritualidade cristã

Hoje já não se tem mais dúvida de que uma autêntica teologia precisa beber constantemente das fontes da espiritualidade. A experiência espiritual, conforme afirma Gutierrez, “é o terreno no qual a reflexão teológica aprofunda suas raízes”²⁸⁹. Isso requer da teologia cada vez mais um esforço de articulação entre rigor científico e mistagogia, pois “o discurso sobre o Mistério do amor de Deus não pode

²⁸⁶ EG 237.

²⁸⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 62-65.

²⁸⁸ EG 237.

²⁸⁹ COSTA, A. S., *Teologia e espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca*, p. 323-348.

ser uma *doctrina sine corde*”, usando uma expressão de Agostinho²⁹⁰. Impossível falar da paixão de Deus desapaixonadamente. Aquele que faz um discurso sobre Deus é afetado por inteiro pelo fascínio do seu mistério, de modo a já não mais falar sobre Deus senão a deixar que o próprio Deus fale. Neste sentido, a espiritualidade mantém a teologia na sua vocação própria, impedindo-a de fugir ao seu objeto específico²⁹¹.

Parece plausível tomar a categoria de “encontro” para uma noção correta da colaboração recíproca que deve haver entre teologia e espiritualidade. De fato, como cita Costa, a espiritualidade, entendida como transformação e descoberta de si, dá-se sempre no encontro, é uma atividade constantemente provocada e sustentada por um outro que convoca a pessoa a sair de si mesma e penetrar a fundo na aventura da encarnação. No centro desta experiência repousa sempre o encontro com alguém que é a fonte contínua da realidade²⁹².

Compreende-se aqui a espiritualidade, no seu sentido mais profundo, como a vida vivida sob o influxo do Espírito (*pneuma*) de Deus. Não se trata de algo que a pessoa possui, mas de um novo modelo de crescimento que vai configurando a vida pessoal e comunitária daqueles que foram procurados, convertidos e cuidados ternamente por Cristo ressuscitado. Deste modo, a espiritualidade é vivida essencialmente na relação, no descentramento de si, na plenitude do encontro com Deus, que se dá no dinamismo da comunidade eclesial²⁹³.

O fundamento da espiritualidade cristã é a vida trinitária. Do mistério da comunhão da Trindade, o cristão é convidado a compreender sua espiritualidade como vida vivida sob o influxo do Espírito Santo, no seguimento a Jesus Cristo, para realizar a vontade do Pai. Assim sendo, uma experiência religiosa ou espiritual só é autenticamente cristã à medida que é iluminada e vivificada pelo dinamismo do Deus Trinitário, que é essencialmente comunhão. Mais do que um conjunto de ações religiosas e práticas devocionais, a espiritualidade cristã se entende como estilo de vida no amor e para o amor, segundo o Espírito de Deus, portanto, um amor expansivo que atravessa as relações humanas, passando pela família e a comunidade, até atingir a sociedade e o cosmos. Alguém que vive assim, ou seja, quem vive segundo o Espírito, reconhece que não tem o centro em si, mas em Deus,

²⁹⁰ BOFF, C., Teologia e espiritualidade, p. 112-141.

²⁹¹ COSTA, A. S., Teologia e espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca, p. 323-348.

²⁹² COSTA, A. S., Teologia e espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca, p. 323-348.

²⁹³ COSTA, A. S., Teologia e espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca, p. 323-348.

existindo para a Trindade e para os outros. Isso significa viver na e pela graça de Deus, que é a plenitude da existência cristã²⁹⁴.

A humanidade vive uma mudança de época em que a fé se reduz ao âmbito subjetivo, ativando mais as emoções e o bem-estar pessoal do que a reflexão e o compromisso comunitário. O desafio que se impõe é o de buscar o essencial na vivência da fé²⁹⁵. Não é uma tarefa fácil propor um estilo de viver a fé mergulhado na profundidade do Evangelho frente a um cenário de práticas religiosas rasas, que não refletem o modo genuíno de viver a fé das primeiras comunidades cristãs cujo testemunho de comunhão e caridade fraterna eram a marca de sua espiritualidade. Todavia, há um aspecto a ser considerado: em tempos de mudanças, emergem novos sujeitos e, certamente, um novo perfil de crente, um novo jeito de conceber a religião, um novo tipo de religioso que não mais se adequa ao modelo institucional da religião. Conhecer bem este contexto para saber dialogar com ele é fundamental para propor a espiritualidade cristã como redescoberta para uma vivência mais autêntica da fé. Este é certamente o momento oportuno para fazer ressoar de novo aos nossos ouvidos o “*Duc in altum*”, as palavras com que Jesus convidou Pedro a “fazer-se ao largo” para a pesca, avançar em águas mais profundas (Lc 5,4)²⁹⁶. É a partir destas perspectivas que o Papa Francisco pretende traçar o perfil espiritual ou místico do evangelizador que melhor atenda ao espírito da nova evangelização, como se verificará a seguir.

4.5.2 Evangelizadores com espírito

No último capítulo da *Evangelii Gaudium*, Francisco traz algumas reflexões sobre o espírito da nova evangelização. Nele exprime uma pneumatologia missionária cujos elementos explicitam a relação entre o Espírito Santo, a Igreja e a missão, considerando o Espírito Santo como agente principal da evangelização e alma da Igreja evangelizadora²⁹⁷. Daí a necessidade de uma abertura dócil e destemida à ação do Espírito Santo para que a atividade evangelizadora seja eficaz²⁹⁸. O Pontífice pretende, com estas reflexões, convidar o evangelizador a

²⁹⁴ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, U. G., Deus-Amor, p. 136-144.

²⁹⁵ AMADO, J. P.; GARCIA RUBIO, A., A espiritualidade cristã em tempos de mudança, p. 20.

²⁹⁶ NMI 1.

²⁹⁷ EG 261.

²⁹⁸ MAÇANEIRO, M.; PESSOTO, D. M., A pneumatologia missionaria de Papa Francisco, p.551-590.

redescobrir as motivações profundas da sua condição de discípulo missionário para viver a missão com alegria, entusiasmo e ardor do espírito.

Para Francisco, a primeira e mais fundamental motivação não é outra senão o Espírito Santo. Evangelizadores com espírito são aqueles que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo²⁹⁹, aqui designado como a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Nesse sentido, uma evangelização com espírito é uma evangelização impregnada do Espírito Santo, já que ele é a alma da Igreja evangelizadora, reforçando o que já foi citado. Logo, nenhuma motivação será suficiente, se não arder nos corações o fogo do Espírito³⁰⁰.

Para mostrar a primazia do Espírito na ação evangelizadora, o referido Papa faz menção ao evento de Pentecostes (At 2,1-39). É o Espírito Santo que provoca a saída missionária dos Apóstolos, ao ser derramado sobre eles, conferindo-lhes ousadia (*parresia*) para o anúncio intrépido da salvação. Por isso mesmo, pode-se descrever a evangelização sonhada por Francisco como um novo Pentecostes³⁰¹. O Documento de Aparecida já chamava a atenção para a necessidade de formar discípulos numa espiritualidade missionária que “se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência”³⁰². É o Espírito Santo que configura a fisionomia missionária da Igreja e, conseqüentemente, seu princípio de catolicidade.

A espiritualidade é o elã da vida missionária, ela garante o equilíbrio entre a vida interior e o compromisso histórico-social, evitando intimismos e fragmentações que mutilam o Evangelho, provocando uma ruptura da fé com as exigências da caridade e com a lógica da encarnação³⁰³. Na história da Igreja, desde os primeiros cristãos, são inúmeros os testemunhos de homens e mulheres que foram incansáveis no anúncio do Evangelho, porque movidos pelo fervor e pela alegria do espírito. O Papa Francisco, em sintonia com Paulo VI, destaca a resistência ativa e a perseverança dos santos como estímulo aos cristãos de todos os tempos, chamados a “conservar a doce e confortadora alegria de evangelizar, mesmo quando é necessário semear entre lágrimas”³⁰⁴. Os santos são, para a Igreja,

²⁹⁹ EG 259.

³⁰⁰ EG 261.

³⁰¹ MAÇANEIRO, M; PESSOTO, D. M., A pneumatologia missionária de Papa Francisco, p. 551-590.

³⁰² DAp 284.

³⁰³ EG 262.

³⁰⁴ EG 10, 263; EN 80.

uma escola de espiritualidade, pois em suas vidas, enraizadas no amor a Cristo e no exercício da caridade, pode-se ler a “gramática” do Espírito Santificador.

O amor que recebemos de Jesus é a motivação fundamental para evangelizar. Nisso consiste a certeza de que somos salvos por Ele e a razão para anunciá-lo³⁰⁵. No encontro com o Filho, experimentamos o amor do Pai manifestado no Espírito Santo: eis aqui a fonte da ação evangelizadora, porque a acolhida deste amor recupera para o ser humano o sentido da vida, e não há como conter o desejo de comunicar essa experiência às outras pessoas³⁰⁶. O encontro com Jesus Cristo, que comunica o amor salvador de Deus como uma realidade que se experimenta e se anuncia, é, pois, a ideia basilar da *Evangelii Gaudium*, a tese em torno da qual se desenvolve a presente dissertação.

De acordo com Francisco, tudo em Jesus é proveitoso e precioso para a vida do ser humano. Nada que emana dele pode ser desperdiçado. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário e descobrimos que “fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno”³⁰⁷. Nisto se manifesta o discipulado missionário e o fundamento de toda ação eclesial, como expõe o episcopado brasileiro nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015:

Não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos diante de Jesus Cristo. Em atitude orante, contemplativa, fraterna e servidora, somos convocados a responder, antes de tudo, a nós mesmos: quem é Jesus Cristo? (cf. Mc 8,27-29). O que significa acolhê-lo, segui-lo e anunciá-lo? O que há em Jesus Cristo que desperta nosso fascínio, fez arder nosso coração (cf. Lc 24,32), leva-nos a deixar tudo (cf. Lc 5,8-11) e, mesmo diante das nossas limitações e vicissitudes, a afirmar um incondicional amor a Ele (CF. Jo 21,9-17)?³⁰⁸.

Ser discípulo de Jesus é, antes de tudo, uma graça. Ele atraiu com amor os seus, escolhendo-os sem nenhum mérito pessoal. Daí nasce o discipulado como a experiência de encontro com Aquele que nos amou por primeiro (1 Jo 4,19). Seguir Jesus como discípulo missionário significa procurar o que Ele procura e amar o que Ele ama, sentindo-o vivo na tarefa missionária. Procurando o que Jesus procura e amando o que Ele ama, o discípulo estará movido por aquela motivação mais profunda, o sentido primeiro e último de todo o resto, que é a glória do Pai (Ef 1,16). Eis aqui o motivo por que evangelizamos: “para a maior glória do Pai que nos

³⁰⁵ EG 264.

³⁰⁶ MAÇANEIRO, M; PESSOTO, D. M., A pneumatologia missionária de Papa Francisco, p. 551-590; EG 8.

³⁰⁷ EG 265.

³⁰⁸ CNBB, Doc. 94, 4.

ama”³⁰⁹. Este jeito de se expressar revela muito sobre o modo de pensar a missão de um papa jesuíta.

O encontro com Jesus liberta o discípulo da autorreferencialidade, colocando-o na direção do outro, nosso irmão. É uma experiência geradora de comunhão que afeta de tal maneira a consciência do evangelizador a ponto de fazê-lo sentir que “a missão é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo”³¹⁰. A identidade cristã não se compreende fora da pertença eclesial, sem a identificação com o povo.

O sentir-se povo, para o cristão, não é apenas um dado sociológico; faz parte do dinamismo da própria missão. Afirma Francisco:

somos como que marcados a fogo pela missão no coração do povo; é algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Não é um peso que nos desgasta, mas uma opção livre que nos enche de alegria e nos dá uma identidade³¹¹.

E o Papa vai mais a fundo em sua reflexão ao dizer que “estamos neste mundo justamente porque somos uma missão nesta terra”³¹², de modo que a existência humana só é plena no encontro, na relação, na gratuidade, na capacidade de procurar o bem do outro antes de qualquer interesse pessoal.

A pedagogia de Jesus, como anunciador do Reino, introduz o discípulo no coração do povo. Jesus gostava de estar no meio das pessoas. Nunca dispensava de “mãos vazias” quem dele se aproximava. “Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10,21)³¹³. Deixou-se ser tocado e ungido por uma pessoa de má fama (Lc 7,36-50); sentou-se à mesa para comer com publicanos e pecadores, respondendo com atitudes de misericórdia ao moralismo dos fariseus (Mt 9,9-13). Teve uma atitude extraordinária ao conversar com uma mulher junto ao poço de Sicar (Jo 4,13-14), rompendo as barreiras do preconceito de gênero e de religião, para se revelar como fonte de água que jorra para a vida eterna, isto é, dom de vida nova que enche de sentido a vida de quem nele crê. Enfim, em todos os encontros, Jesus deixava nas pessoas a marca indelével do amor de Deus e o convite a uma experiência de vida nova. Tudo isso permite afirmar que para Jesus a paixão pelo Pai e a paixão pelo Reino, que é oferta salvífica de vida plena para o ser humano, são uma só realidade.

³⁰⁹ EG 267.

³¹⁰ EG 268.

³¹¹ EG 273, 269.

³¹² EG 273 (grifo nosso).

³¹³ EG 274.

Desenvolver na relação com o outro atitudes de gratuidade, proximidade e amor, é reconhecer que “cada pessoa é digna da nossa dedicação, porque cada ser humano reflete algo da glória de Deus e é objeto de sua infinita ternura³¹⁴. O amor ao próximo revela a mais profunda realidade de Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que “está nas trevas e nas trevas caminha” (1 Jo 2,11). Por isso, Francisco afirma que “cada vez que encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus”³¹⁵. Somente o amor é capaz de derrubar os muros da indiferença, da intolerância e do preconceito e encher o coração humano de rostos e de nomes, dando plenitude à vida. Portanto, não pode existir caminho para o Deus revelado em e por Jesus Cristo, se não houver amor (cf. 1 Jo 4,7). Sendo assim, qualquer proposta religiosa e projeto pastoral que não brotem do amor e não levem a ele devem ser vistos com suspeita pelo discípulo missionário³¹⁶.

4.5.3 A Palavra que abraça os corações

Tudo o que diz respeito à espiritualidade cristã tem sua inspiração originada da Palavra de Deus. Referimo-nos à Palavra eterna que Deus pronunciou de modo humano: “o Verbo se que fez carne” (Jo 1,14). Esta é boa nova, o anúncio que atravessa os séculos, a eterna novidade³¹⁷. “Toda evangelização está fundada sobre esta Palavra, que deve se tornar cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial”³¹⁸. Por isso, a Igreja só exerce autenticamente a sua missão quando se deixa evangelizar, escutando por primeiro aquilo que ela é enviada a anunciar.

Na *Verbum Domini*, Bento XVI fala da relação vital que existe entre Cristo, Palavra do Pai, e a Igreja, afirmando que “o rosto da Igreja como realidade se define pelo acolhimento do Verbo de Deus que, encarnando, colocou sua tenda entre nós” (cf. Jo 1,14)³¹⁹. Através de sua palavra, Deus continua seu diálogo ininterrupto com a Igreja e por meio dela “introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua plenitude” (cf. Cl 3,16)³²⁰. Com razão, a Constituição dogmática *Dei Verbum* qualifica a Igreja como “uma comunidade

³¹⁴ EG 274.

³¹⁵ EG 272.

³¹⁶ CNBB, Doc. 94, 15.

³¹⁷ VD 1; EG 11.

³¹⁸ EG 174.

³¹⁹ VD 50.

³²⁰ VD 51.

que escuta e anuncia a Palavra de Deus”³²¹, de modo que a Igreja vive do Evangelho e dele recebe toda inspiração para o seu agir no mundo.

A Palavra de Deus deve impregnar toda a vida da Igreja, mas é sobretudo na liturgia e na catequese que ela ocupa um lugar especial. Em *Evangelii Gaudium*, Francisco expõe uma rica reflexão a respeito da homilia, sobre a qual se faz aqui uma brevíssima menção. Ele fala da homilia como parte integrante da liturgia da Palavra, através da qual se estabelece o momento mais alto do diálogo entre Deus e seu povo no contexto eucarístico³²². O Papa utiliza a linguagem materno-eclesial para referir-se à homilia como uma conversa de mãe, um diálogo cordial no qual “o pregador tem a belíssima e difícil missão de unir os corações que se amam: o do Senhor e os do seu povo”³²³. Requer-se do pregador não apenas o conhecimento linguístico ou exegético do texto sagrado, sem dúvida necessário, mas sobretudo uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus, em atitude dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade³²⁴. Assim “a homilia pode ser realmente uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento”³²⁵.

A catequese, nas suas diversas etapas, é um momento importante da animação pastoral da Igreja onde se pode sapientemente descobrir a centralidade da Palavra de Deus³²⁶. Ao se tratar aqui sobre os elementos do querigma e da mistagogia na catequese ficou ainda mais evidente que a catequese é substancialmente um anúncio da Palavra e está centrada nela³²⁷, e que, por isso, a Palavra de Deus é fundamental no processo de iniciação à vida cristã e conseqüentemente na formação de discípulos missionários.

Todo o itinerário catequético de inspiração catecumenal brota da Sagrada Escritura e da liturgia e, por essa razão, é capaz de educar para o aprofundamento e para a escuta pessoal e comunitária da Palavra³²⁸. É fundamental, diz Francisco, que “a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé”³²⁹. Por isso, o estudo da Sagrada Escritura deve ser sempre mais

³²¹ VD 51; DV 1.

³²² EG 137.

³²³ EG 139-143.

³²⁴ EG 149.

³²⁵ EG 135.

³²⁶ VD 74.

³²⁷ EG 166.

³²⁸ CNBB, Doc. 109, 90.

³²⁹ EG 175.

promovido e oportunizado a todos os fiéis. Na realidade, para o Pontífice, não basta apenas conhecer o conteúdo do anúncio; é necessário também saber transmiti-lo numa linguagem capaz de chegar aos corações das pessoas. A catequese com seus múltiplos recursos tem um papel de suma importância nesse processo.

A *Evangelii Gaudium* também recomenda a *lectio divina* como “uma modalidade para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito”³³⁰. É um tipo de leitura que requer tempos prolongados de oração e escuta para permitir que o texto sagrado, por si mesmo, nos ilumine e renove. A *lectio divina* faz parte do rico patrimônio espiritual da Igreja. A grande tradição patrística, conforme cita *Verbum Domini*, sempre recomendou abeirar-se da Sagrada Escritura em diálogo com Deus, isto é, acompanhado da oração. Para Agostinho, a oração acontece sempre na dinâmica de um diálogo com Deus que brota da Palavra: “quando lê, é Deus que te fala; quando rezas, és tu que falas a Deus”³³¹. Orígenes defende que a inteligência das Escrituras, mais do que o estudo, requer a intimidade com Cristo e a oração, pois a via privilegiada para o conhecimento de Deus é o amor³³². Quando acolhida na fé, a Palavra, qual chama de amor ardente, é capaz de fecundar o coração, fazendo-o arder como brasa queimando por dentro.

Tão importante quanto a leitura pessoal é a “leitura orante comunitária que evite o risco de uma abordagem individualista, tendo presente que a Palavra de Deus é dada precisamente para construir comunhão”³³³. É na comunhão eclesial que o texto sagrado deve ser sempre abordado, “porque o sujeito vivo da Sagrada Escritura é o Povo de Deus, a Igreja”³³⁴, especialmente a assembleia eucarística, na qual a Palavra proclamada abre os olhos da inteligência e do coração para reconhecer a presença de Cristo no pão partido no altar, que é pão de comunhão³³⁵.

A leitura orante requer o cultivo do silêncio. O silêncio interior é o espaço de onde brota a eficácia da Palavra, pois é aí que opera o Espírito Santo com seus dons para colocar nos lábios do evangelizador as palavras que ele sozinho não poderia encontrar³³⁶. Daí a importância do silêncio, como bem expressou Bento XVI na mensagem para o 46º dia mundial das comunicações sociais, no ano 2012:

³³⁰ EG 152.

³³¹ VD 86.

³³² VD 86.

³³³ CNBB, Doc. 109, 91.

³³⁴ CNBB, Doc. 109, 91; VD 86.

³³⁵ VD 86 (grifo nosso).

³³⁶ EG 151.

[...] Temos a necessidade daquele silêncio que se torna contemplação, que nos faz entrar no silêncio de Deus e assim chegar ao ponto onde nasce a Palavra, a Palavra redentora. Desta contemplação nasce, em toda a sua força interior, a urgência da missão, a necessidade imperiosa de “anunciar o que vimos e ouvimos, a fim de que todos estejam em comunhão com Deus” (1 Jo 1,3)³³⁷.

É preciso valorizar e fomentar as experiências das comunidades eclesiais de base, isto é, as comunidades eclesiais missionárias, como lugar privilegiado da escuta, da partilha e da vivência da Palavra de Deus.

Elas oferecem ambientes e meios para a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente, tanto por meio das celebrações litúrgicas quanto através do estudo da Sagrada Escritura, da reflexão teológica e dos círculos bíblicos³³⁸.

Nelas se percebe mais claramente o estilo sinodal da Igreja na efetiva participação dos cristãos leigos e leigas em sua vocação e missão na Igreja e na sociedade. Há que se considerar também os ambientes digitais como os novos canais para o anúncio da fé. São certamente desafios novos que se colocam no horizonte da evangelização, que devem ser enfrentados com sabedoria e discernimento.

Em suma, é necessário um esforço constante de toda a Igreja em ajudar o povo de Deus a avançar na profundidade da Sagrada Escritura para haurir dela os tesouros da Palavra revelada e a inspiração para a vivência comunitária da fé e para o compromisso com a obra da missão. Assim não restará mais dúvida de que “Deus falou por meio de sua Palavra, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-Se a Si mesmo”³³⁹. Por isso, o crente pode dizer com segurança: “Fala, Senhor, que teu servo escuta” (1 Sm 3,10); a quem iremos? Só tu, Senhor, tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68).

4.6

Chamados a anunciar o Evangelho da esperança viva

A espiritualidade, como vida mergulhada na profundidade do Espírito que animou Jesus Cristo em sua missão, abre o horizonte mais amplo da fé, descortinando aquela certeza que comunica a alegria plena, que supera todo pessimismo e desconfiança: “Jesus Cristo vive verdadeiramente. Somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Ele, o Senhor ressuscitado e glorioso, é a fonte

³³⁷ BENTO XVI. Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Silêncio e Palavra, 20 de maio de 2012.

³³⁸ CNBB, Doc. 109, 36 (grifo nosso).

³³⁹ EG 175.

profunda da nossa esperança”³⁴⁰. É no mistério pascal de Jesus que o amor do Pai é plenamente revelado³⁴¹. Nele se exprime a totalidade do amor salvador, que é o conteúdo fundamental do querigma, tão bem explicitado em toda a *Evangelii Gaudium*.

Para Francisco, há que se voltar sempre a proclamar que Cristo vive, caso contrário, “vã seria a nossa pregação” (1 Cor 15,14). “Sua ressurreição contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltou a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição”³⁴². Daqui brota uma esperança viva, a esperança que não desilude³⁴³.

A esperança, aqui posta em reflexão, não é apenas uma característica que se pode ter e desenvolver através do esforço próprio; ela é, antes de tudo, uma atitude de fé. Seu fundamento está fora de nós mesmos, a saber, em Jesus Cristo, fonte da nossa esperança (CI 1,27). É uma virtude que surge para o ser humano como resposta a uma graça capaz de despertar nele uma busca de sentido, uma razão para a sua própria existência. Ter esperança significa esperar, confiar, perseverar. Numa palavra, “esperança equivale à fé”³⁴⁴. Por isso, a fé já contém a razão da esperança, o germe da ressurreição, que é o sentido último da existência cristã. As palavras de Francisco apontam para este horizonte:

A fé significa [...] acreditar n’Ele, acreditar que nos ama verdadeiramente, que está vivo, que é capaz de intervir misteriosamente, que não nos abandona. Significa acreditar que Ele caminha vitorioso na história “e, com Ele, estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis” (Ap 17,14). A ressurreição de Cristo produz por toda parte rebentos deste mundo novo [...], porque Jesus não ressuscitou em vão. Não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva!³⁴⁵.

O que impulsiona a pessoa que crê a caminhar em missão, mesmo em meio aos dramas da história, é a certeza do amor de Deus, que oferece em Cristo o dom da salvação. “É na esperança que fomos salvos”, afirma Bento XVI, citando Romanos 8,24³⁴⁶, e nela podemos enfrentar o tempo presente com segurança. A esperança cristã move o ser humano na direção de um futuro escatológico, rumo à uma plenitude de vida que já se começa a vislumbrar e experimentar, ainda que parcialmente, na dinâmica da história presente, que é o lugar onde se manifesta o

³⁴⁰ EG 275.

³⁴¹ MAÇANEIRO, M; PESSOTO, D. M., A pneumatologia missionária do Papa Francisco em *Evangelii Gaudium*, p. 551-590.

³⁴² EG 275-276.

³⁴³ FRANCISCO, A esperança cristã, p.49.

³⁴⁴ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão esperança, p. 56.

³⁴⁵ EG 278.

³⁴⁶ SS 1.

Reino de Deus como força de ressurreição e garantia de “um novo céu e de uma nova terra” (Ap 2,1).

Sendo a esperança sustentada na fé e nutrida no amor salvador de Deus, pode-se afirmar que a espiritualidade cristã é sempre uma espiritualidade teologal, que busca a unidade entre fé-esperança-caridade. As três dimensões atuam conjuntamente no processo da maturidade cristã. A fé sem esperança torna-se tibia; a esperança sem fé torna-se uma utopia vazia e sem sentido. O que torna a fé operante e a esperança vivificada é o amor³⁴⁷. Por isso, a fé, a esperança e a caridade, neste contexto, devem ser compreendidas teologicamente sempre inter-relacionadas.

A esperança traduz a abertura do homem para o amanhã, donde espera um sentido de plenitude em relação ao que vive hoje³⁴⁸. Aqui aparece um elemento distintivo dos cristãos, o fato de estes terem um futuro e, embora não conhecendo em detalhes o que os espera, sabem que sua vida não acaba no vazio. Isso permite dizer que o cristianismo não era apenas uma comunicação de conteúdos até então ignorados. A mensagem cristã não era só informativa, mas performativa. Esclarece Bento XVI:

[...] o Evangelho não é apenas a comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi escancarada. Quem tem esperança vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova³⁴⁹.

Por essa razão, a fé cristã descortina no horizonte da existência uma esperança viva que desvela ao ser humano, redimido em Cristo, o sentido pleno de sua história, isto é, a vida em abundância que ultrapassa os limites da própria morte. Coube ao cristianismo, por vocação e missão, levar esta boa notícia até os confins da terra.

É de grande importância recordar que só se vive plenamente a fé cristã como comunidade que se alimenta de esperança. Ninguém se salva sozinho, isolado de um corpo eclesial e social. A salvação pressupõe o êxodo da prisão do eu para a comunhão do nós³⁵⁰. Por isso, a nossa esperança é sempre, essencialmente, também esperança para os outros. Desta maneira, o que se espera será esperado por todos e para todos: será verdadeiramente esperança para nós, uma esperança que fortalece os vínculos e anima a vida eclesial³⁵¹.

³⁴⁷ RECH, H. T., *Apostar na esperança*, p. 373-384.

³⁴⁸ KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 58.

³⁴⁹ SS 2.

³⁵⁰ SS 14.

³⁵¹ KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 65.

Uma comunidade de fé, que se apoia na esperança e se alimenta da mesa do Senhor, torna-se uma fonte de irradiação do Reino, combatendo as forças da morte: “num mundo de trevas, leva a luz; num mundo de ódio, leva amor; num mundo de violência, promove a paz; num mundo de morte, leva a vida”³⁵². Agindo assim, a comunidade cristã atende às exigências de uma vocação pública, a que ela é chamada, para dizer ao mundo o que é essencial; ela deve ser sinal, força e esperança de transformação. Sua missão é colocar a história na perspectiva do Reino para que nele se manifestem concretamente os sinais da vida em abundância, isto é, os dons da salvação da vida nova em Cristo³⁵³.

O sentido último da existência humana, a grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as ilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos ama, e ama ainda agora, até o fim, até a plena consumação (cf. Jo 13,1;19,30). Ainda de acordo com o Papa Ratzinger, é a experiência deste amor incondicional que traz ao ser humano a certeza que o faz exclamar: “Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem o presente, nem o futuro [...] nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,38-39)³⁵⁴. Somente quem é atingido por esse amor redentor sabe o que significa a palavra esperança e em que consiste propriamente a vida, a vida da fé, isto é, a vida verdadeira que, inteiramente e sem ameaças, em toda a sua plenitude é simplesmente vida. E esta vida só é possibilitada ao gênero humano na relação com Jesus Cristo, o vivente, aquele que não morre, porque é a própria vida e a plenitude do amor. Por isso, como a comunidade de João, podemos dizer que “acreditamos no amor” (1 Jo 4,16). Neste amor que não se subtrai à morte para manifestar o quanto nos ama, é possível crer³⁵⁵. Verdadeiramente somente o amor é digno de confiança.

É sempre impulsionada pelo amor de Cristo que a Igreja deve agir. É deste amor que brota a esperança que não decepciona; aquela esperança como dom do Espírito: “o amor de Deus derramado em nossos corações” (Rm 5,5). O protagonismo da missão da Igreja vem do Espírito Santo. É ele que continuamente realiza nos corações dos fiéis as maravilhas operadas desde o início da pregação do Evangelho. Por isso, o Papa Francisco convida-nos a “uma decidida confiança no

³⁵² KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 63 (grifo nosso).

³⁵³ KUZMA, C., O futuro de Deus na missão da esperança, p. 64.

³⁵⁴ SS 26-27.

³⁵⁵ LF 16.

Espírito Santo”³⁵⁶ para manter vivo o ardor missionário. O Espírito Santo sabe muito bem como direcionar a Igreja em cada momento da história. O acento pneumatológico da *Evangelii Gaudium* reforça a percepção de Francisco sobre a renovação missionária da Igreja como um novo Pentecostes, como já aspirava a Conferência de Aparecida, sobre a qual se tratou no capítulo primeiro: “Esperamos em novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da acomodação; uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança”³⁵⁷. Só assim será possível um novo ímpeto evangelizador, uma nova expressão querigmática da Igreja.

Da esperança de saber-se amado e salvo, brota uma alegria incontida. O segredo para sermos “alegres na esperança” (Rm 12,12) é saber que em cada circunstância, mesmo nas mais adversas, o amor de Deus não esmorece³⁵⁸. A alegria como dom do Espírito, que enche o coração de quem se encontra com Jesus Cristo, é a ideia-chave da *Evangelii Gaudium*, a grande inspiração programática do Papa Francisco, como modestamente se procurou aprofundar no percurso desta reflexão. Os novos tempos da evangelização precisam ser marcados por um novo fervor do espírito, pela doce e reconfortadora alegria de evangelizar. Este é um anseio compartilhado por Francisco e Paulo VI, de uma riqueza singular, com a marca de dois homens muito presentes a seu tempo e capazes de uma leitura lúcida e profética da realidade. Tanto em *Evangelii Gaudium* quanto em *Evangelii Nuntiandi* encontra-se uma espécie de síntese do que se poderia chamar de um novo elã da evangelização:

Recuperemos e aumentemos a fervor do espírito, a suave e reconfortadora alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós – como para João Batista, para Pedro e para Paulo [...] e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja – um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo³⁵⁹.

Essa nova etapa da evangelização requer do evangelizador, antes de tudo, o testemunho do encontro vivo com Cristo, que enche a vida de alegria e esperança. Nada pode ser dado por suposto quando se tem em vista apresentar e testemunhar o primeiro anúncio. Isso significa que o querigma é sempre uma urgência. A Igreja

³⁵⁶ EG 280.

³⁵⁷ DAp 362.

³⁵⁸ FRANCISCO, A esperança cristã, p. 60.

³⁵⁹ EG 10; EN 80.

deve investir todas as suas energias para qualificar o processo de iniciação à vida cristã, capacitando seus catequistas e demais agentes de pastoral com uma sólida formação bíblica, teológica e pastoral. Tudo isso em vista de uma fé amadurecida, enraizada em seu fundamento, que é Jesus Cristo, uma fé que se aprofunda e se torna operante na experiência do seguimento e no compromisso com a missão da Igreja.

Em tempos de ‘espiritualidades’ rasas e difusas, o anúncio da fé cristã vê-se diante de grandes desafios. O importante é reavivar sempre a motivação primeira que fundamenta a vocação cristã: a certeza de saber-se amado e salvo por Deus, mediante a oferta de Jesus Cristo, enviado na força do Espírito Santo. Em Jesus, contemplamos “a identidade do amor do Pai que ilumina a vida do homem a partir de um encontro transformador”³⁶⁰. É este rosto vivente, no qual refulge a plenitude da vida e do amor, que o cristão é chamado a contemplar e apresentar ao mundo. Verdadeiramente a evangelização é a tarefa mais nobre que a Igreja é chamada a exercer no mundo em vista da salvação do gênero humano e do estabelecimento da fraternidade universal. Por isso, proclama o Vaticano II:

Nenhuma ambição humana move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido³⁶¹.

Portanto, a Igreja nunca pode dar por esgotada a sua missão de anunciar e testemunhar a palavra que Jesus lhe confiou, pois “o Evangelho é a Boa Nova da alegria de um Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos”³⁶². Por isso o Evangelho não deixará de ser Boa Nova enquanto não deixar a marca indelével do amor de Deus em todas as dimensões do ser humano. É esta inquietude missionária que o Papa Francisco deseja fazer sentir em toda a Igreja, provocando-a a sair de si mesma para ir às periferias geográficas e existenciais - onde se manifestam as diversas formas do sofrimento humano - como testemunha do Evangelho e servidora da humanidade.

³⁶⁰ MAÇANEIRO, M; PESSOTO, D. M., A pneumatologia missionária de Papa Francisco em *Evangelii Gaudium*, p. 551-559.

³⁶¹ GS 3.

³⁶² EG 237.

4.7 Síntese conclusiva

Diante do exposto neste último capítulo, propõe-se, a modo de conclusão, a reflexão que segue. A *Evangelii Gaudium* provoca no leitor um novo encantamento pelo Evangelho e uma ardente paixão pela missão. A eficácia do anúncio é resultado de uma profunda experiência de encontro vivo com Jesus Cristo. Daí a necessidade e a urgência de uma catequese de inspiração catecumenal, em suas diversas etapas, que integre o ritual e o existencial, a serviço da formação permanente de discípulos missionários. Não se pode avançar na ação evangelizadora sem um olhar atento à realidade para escutar os seus clamores. O conteúdo do anúncio é o mesmo, porém a forma de comunicá-lo precisa dialogar com o novo contexto em que se encontra o ser humano de hoje, a fim de que o Evangelho seja acolhido como novidade. A situação em que se encontra a humanidade e os efeitos da sociedade pós-moderna permitem dizer que o mundo de hoje já não mais respira sob uma atmosfera predominantemente cristã como em outros tempos, o que requer a urgência do anúncio de Jesus Cristo em toda ação pastoral e evangelizadora.

O querigma toca todas as dimensões da vida, porque comunica a verdade fundamental da fé cristã, configurando toda a existência da pessoa no mistério de Cristo e da Igreja, de modo a torná-la testemunha fiel do Evangelho e promotora da comunhão. A resposta ao discipulado, mediante o acolhimento do querigma, é uma experiência de gratuidade, animada pelo Espírito, que é sempre o protagonista da missão da Igreja. Somente a partir de um novo encontro com o Evangelho vivo, a Igreja redescobrirá a alegria da evangelização. Por isso, exclama Francisco: “Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário nem a alegria da evangelização!”³⁶³.

O Papa Francisco é um homem movido pela esperança. Seu olhar sereno transmite a alegria de viver. Para ele, a existência humana é a maior dádiva do Criador. Viver profundamente a aventura da vida, apesar dos percalços, é uma grande virtude. Graça maior ainda é ter a existência mergulhada no mistério do amor de Cristo, que morreu e ressuscitou como oferta de salvação em favor dos homens. Deixar-se ser encontrado e transformado por Cristo torna a vida do cristão um transbordamento de amor, uma eterna novidade. Na missa do primeiro domingo do Advento, do ano de 2021, celebrada com os novos cardeais criados no consistório daquele ano, Francisco alertou para o perigo de ser um cristão

³⁶³ EG 80,82.

adormecido, sem impulso espiritual, sem ardor no coração, sem entusiasmo na missão, sem paixão pelo Evangelho. E acrescentou:

Sem ímpeto de amar a Deus, sem esperar a sua novidade, tornamo-nos medíocres, tíbios, mundanos. E isto corrói a fé, porque a fé é o contrário da mediocridade: é desejo ardente de Deus, audácia contínua em converter-se, coragem de amar, é caminhar sempre adiante³⁶⁴.

É, pois, impulsionada por este amor, que preenche e transborda, que a Igreja leva adiante a mensagem de salvação, fonte da verdadeira alegria.

³⁶⁴ FRANCISCO. Homilia na missa do primeiro domingo do advento com os novos cardeais, 28 de novembro de 2021.

5 Conclusão

A ação evangelizadora, onde se forma o coração do pastor, é o lugar, por excelência, do fazer teológico, no qual a Igreja é constantemente desafiada a dar uma resposta de fé e solicitada a dar testemunho do anúncio de Cristo, sempre atenta aos sinais dos tempos. Esta inquietação, sem dúvida, provocou a escolha para o tema da pesquisa aqui percorrida. A inspiração de fundo emanou do Magistério do Papa Francisco. Embora Francisco não seja o Papa dos grandes tratados teológicos, sua performance pastoral, sua capacidade de leitura da realidade, como se pôde apreciar na *Evangelii Gaudium*, conduzem a teologia à sua fonte, explicitando a razão de ser da própria Igreja, aquilo que a renova constantemente e que está no centro da fé, que é o encontro com Jesus Cristo, para D'Ele tornar-se discípulo e partir em missão.

A hipótese formulada e assumida, a partir da análise da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, foi a de identificar e explicitar a centralidade do querigma na referida Exortação, sua relevância e atualidade no debate teológico, bem como a sua indispensável urgência nos processos de iniciação à vida cristã, tendo por finalidade abstrair elementos que qualifiquem a ação evangelizadora, colaborando efetivamente na formação de discípulos missionários. O anúncio querigmático dá identidade à fé da Igreja, porque nele está o seu nascedouro, a sua expressão profética, a sua fisionomia missionária. O que move a Igreja é crer e saber-se portadora de uma mensagem fundamental: Em Jesus Cristo, Deus oferece a cada ser humano o seu amor salvador. Por isso, a cristologia e a eclesiologia se implicam mutuamente no anúncio querigmático a serviço do dinamismo da evangelização.

A análise feita, desde o Concílio Vaticano II, não deixou dúvidas de que o tema da evangelização, incluindo necessariamente o querigma, sempre foi a pauta mais importante do Magistério eclesiástico, e por que não dizer, a preocupação primeira da teologia no seu indispensável serviço à pastoral.

A necessidade de enfatizar de novo o tema do querigma no debate teológico-pastoral é solicitada por esse novo contexto, caracterizado por “mudança de época”, em que a fé cristã não tem mais aquela força aglutinadora no conjunto da existência humana, como ocorria em outros tempos. Esse cenário reclama pela urgência do anúncio de Jesus Cristo, sem dá-lo como pressuposto. Emana daí o desafio do primeiro anúncio ou mesmo de um “segundo” primeiro anúncio, considerando as pessoas que aderiram à fé, mas a deixaram esmorecer por algum motivo. Estas

perspectivas foram apontadas no decorrer da pesquisa aqui desenvolvida e contribuíram para o alcance dos objetivos pretendidos.

A passagem, ainda que breve, pelos pontificados de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI revela em seus documentos uma sensível preocupação com o modo como a Igreja pode melhor responder à sua missão, dado os novos desafios. Entre eles há um entendimento comum ao afirmar uma evangelização com espírito novo, que reveja seus métodos e linguagem, sem prejuízo ao conteúdo genuíno da fé cristã, que é a proclamação da Pessoa de Jesus Cristo, na totalidade da sua vida, como o apresentam os Evangelhos e a fé da Igreja.

O Concílio Vaticano II, que está celebrando 60 anos em que foi inaugurado, continua sendo, não sem razão, a referência principal para a Igreja refletir sobre a sua natureza e missão. O Concílio, como lembrou o Papa Francisco, é um convite para a Igreja redescobrir o rio vivo da Tradição, que a mergulha nas profundezas do amor de Cristo, fazendo-a compreender-se como mistério de graça gerado pelo amor³⁶⁵. Após 60 anos, o referido Concílio ainda encontra-se em sua fase de recepção na Igreja. Muitos dos seus ensinamentos ainda não foram implementados na práxis pastoral. Suas perspectivas e seus objetivos continuam abertos e vigorosos para o diálogo da Igreja consigo mesma e com o mundo. Portanto, retomar as inspirações do Concílio é fundamental para a renovação da consciência missionária da Igreja.

A Exortação Apostólica sobre a alegria do Evangelho bebe das fontes da eclesiologia do Vaticano II, além de refletir as profundas motivações da *Evangelii Nuntiandi* e do Documento de Aparecida, no que se refere ao tema do anúncio do Evangelho nos tempos de hoje. A citada Exortação traduz o estilo pastoral do Papa Francisco e sua visão de Igreja, desde sempre ancorada nas perspectivas de renovação do Concílio, tanto no que diz respeito ao que a Igreja pensa sobre si mesma na sua relação com o mistério de Cristo quanto sobre o que ela é chamada a dizer ao mundo enquanto servidora da humanidade.

Em tempos marcados pelo esfriamento da fé e do ardor missionário, apresentar o Evangelho como a Boa Nova da alegria é extremamente necessário. É no contato pessoal com Jesus Cristo que o ser humano experimenta a alegria da salvação, que o liberta do medo, da tristeza, do vazio e da falsa sensação de segurança, felicidade e bem-estar pessoal que sutilmente impõe a sociedade de

³⁶⁵ FRANCISCO. Homilia na missa pelo 60º aniversário do início do Concílio Ecumênico Vaticano II, 11 de outubro 2022.

consumo. É esta alegria, como dom da salvação, que caracteriza o discipulado de Cristo, colocando a Igreja em estado de missão para que ela possa testemunhar o Evangelho com novo entusiasmo.

A partir das perspectivas da *Evangelii Gaudium*, há uma vasta produção teológica que muito tem contribuído no campo teológico-pastoral, especialmente na tarefa de trazer para as bases da comunidade eclesial as proposições do Papa Francisco, através de uma linguagem mais dinâmica. No que se refere especificamente ao querigma, a catequese tem um papel fundamental enquanto lugar, por excelência, do primeiro anúncio e do aprofundamento da fé em todos os níveis. Uma catequese de inspiração catecumenal é, por sua natureza, querigmática e mistagógica, contribuindo efetivamente na formação de discípulos missionários. Por isso, investir na atividade catequética como uma prioridade pastoral traz um grande benefício à ação evangelizadora.

As últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil procuram repercutir, de algum modo, as inspirações da *Evangelii Gaudium* e também da Conferência de Aparecida, sobretudo quando apresentam como metas prioritárias da evangelização a Igreja em estado permanente de missão e lugar da iniciação à vida cristã. O Documento 107 da CNBB traz as ressonâncias de uma catequese a serviço do querigma e da mistagogia para formar cristãos adultos na fé, como propunha a Exortação Apostólica. Há um constante esforço da Igreja em responder aos desafios da chamada cultura urbana, cada vez mais abrangente e complexa, demandando dos evangelizadores criatividade no anúncio, capacidade de escuta e espírito de comunhão.

Os tempos atuais são marcados por uma acentuada crise do compromisso comunitário, com bem interpreta Francisco. É um novo jeito de conceber a fé e a espiritualidade não mais como pertença eclesial nem como compromisso transformador, mas simplesmente como uma busca por compensação pessoal. Este é o cenário da cultura pós-moderna que desafia a ação evangelizadora.

Para superar a tentação de esvaziar o conteúdo da evangelização das exigências da caridade, a *Evangelii Gaudium*, no espírito da Doutrina Social da Igreja, aponta as consequências práticas do querigma, que provoca, em quem o acolhe, o despertar do compromisso para cuidar dos outros, no estilo do bom samaritano. As exigências da caridade e da justiça, inerentes ao Evangelho, libertam a fé da esfera subjetiva, ampliando-lhe os horizontes. O Papa Bergoglio reafirma a necessidade de uma evangelização integral, que faça com que o anúncio

de Jesus Cristo alcance todas as dimensões da existência humana, de modo a contribuir na formação de um ser humano mais sensível ao próximo, mais comprometido com a causa do bem comum e mais consciente do seu papel de cuidar da vida do planeta, nossa casa comum. Depreende-se, assim, que a cristologia subjacente ao anúncio é aquela da *Kenosis*, isto é, do esvaziamento, da gratuidade, da saída-de-si, da missão. Desta visão, concebe-se uma Igreja mais samaritana e missionária, que se identifica com os vulneráveis da história, na condição de quem serve.

Todas estas reflexões se justificam no que a Igreja crê e ensina ao sustentar, respaldada em sua tradição, que o princípio fundamental da fé cristã não se baseia em uma ideia ou discurso; mas no encontro com a Pessoa de Jesus Cristo; é a proclamação de um acontecimento que muda a vida das pessoas e os rumos da história. Afinal, o objetivo da evangelização é somente um: proporcionar à pessoa o encontro vivo com Jesus Cristo, na força do Espírito, inserindo-a na vida eclesial em vista da promoção do Reino de Deus. Portanto, a fé comporta um compromisso pessoal, comunitário e sociotransformador.

Muitas perspectivas abertas na *Evangelii Gaudium* convergem para o modelo de Igreja sinodal proposto por Francisco. Uma Igreja entendida como a totalidade do povo de Deus, convocado e enviado em missão, que se dispõe a fazer um caminho compartilhado, sob a guia do Espírito Santo, para dar ao mundo testemunho da comunhão. Eis o perfil de uma Igreja desafiada a viver a sinodalidade em tempos de fragmentação da fé e de acirrada polarização político-ideológica.

Uma ação evangelizadora com renovado ardor missionário não é um processo que depende somente da eficiência dos recursos humanos. É, antes, dom do Espírito Santo, agente principal da missão. Por isso, se requer do evangelizador, daquele que anuncia o Evangelho, além do preparo teológico-pastoral, uma profunda experiência de Deus; um mergulho na fonte primeira do amor e da alegria que ele é chamado a compartilhar. Em outras palavras, nesta nova etapa evangelizadora, o evangelizador precisa ser, ao mesmo tempo, um mistagogo.

A espiritualidade, por parte de quem evangeliza, torna a ação evangelizadora mais credível, pois as pessoas tendem a ser atraídas mais pelo testemunho do que pelas palavras. O estilo de vida de quem anuncia a Boa Notícia do Reino é certamente a primeira mensagem a ser lida. Afinal, o mensageiro é também uma mensagem. Por isso, a Igreja é chamada sempre a viver o que anuncia e a anunciar

o que vive e crer: “Temos fé e, por isso, anunciamos”, afirma o Apóstolo (2 Cor 4,13).

Dada a abrangência e a complexidade do tema da evangelização, no que diz respeito ao anúncio querigmático, há outros aspectos que não foram contemplados nas pretensões desta dissertação. Seguramente a pesquisa poderia avançar, aprofundando questões como: a relação entre evangelização e diálogo interreligioso, Evangelho e cultura, o anúncio do Evangelho e as mídias digitais, dentre outros. Há um caminho de reflexão aberto para o desenvolvimento de uma teologia do querigma e da missão.

A *Evangelii Gaudium* contém uma reflexão sólida e envolvente que desperta no leitor o desejo de ir além em suas buscas. Suas perspectivas apontam para várias direções. Apreciar de perto esta Exortação é fundamental para conhecer o Papa Francisco, seu estilo de pastor e o que esperar do seu pontificado.

Desde quando assumiu o ministério de Bispo de Roma, no ano 2013, o Papa Francisco tem surpreendido a Igreja e o mundo com seu jeito simples, com uma postura profética, com palavras cheias de sabedoria e suavidade que têm tocado a todos. O fato de ter sido o primeiro Pontífice a viver de perto a caminhada de fé da Igreja na América Latina já desperta atenção do mundo. É um Papa que se distingue pelo seu espírito de comunhão. Assim como Francisco de Assis, o Francisco de hoje aponta a fraternidade, o amor aos pobres, o cuidado com a ecologia e a promoção da paz como a vivência do Evangelho puro. Que o canto de Francisco seja sempre o cantar da Igreja, chamada a ressoar em todo o mundo a alegria do Evangelho.

Em se tratando dos caminhos por onde a Igreja deve percorrer no seu serviço à evangelização, há de se estar atenta aos sinais do Espírito de Deus, que sempre surpreende. A teologia não tem respostas para todas as questões, e não é sua pretensão tê-las. A reflexão teológica é sempre uma porta que se abre no horizonte da fé, apontando novas possibilidades, ampliando os diálogos, construindo pontes. A busca por novas respostas continua, porque da realidade sempre podem emergir novos apelos, pois, segundo interpretou Francisco, a realidade é maior do que a ideia; é um processo em contínua construção. Resta então à Igreja uma dócil abertura ao Espírito, uma sábia atenção aos sinais dos tempos e uma destemida fidelidade ao mandato do Senhor.

O encontro com Jesus Cristo e o desejo de segui-lo, para testemunhar o seu amor, é o que tornam a Igreja discípula missionária, impulsionando-a sempre a viver a missão com lucidez profética, convicção e paixão, a exemplo dos primeiros

discípulos: “Quanto a nós, não podemos nos calar diante do que vimos e ouvimos” (At 4,20).

Que Maria, Mãe do Evangelho vivo, modelo de discípula, inspire a Igreja em seu caminho sinodal, para que ela continue testemunhando, com renovado ardor do espírito, o Evangelho da alegria e da esperança.

6 Referências bibliográficas

AMADO, J. P. O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 58, p. 65-90, jan/abr. 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32793/32793.PDF>>. Acesso em: 28 jun 2021.

AMADO, J. P. Mudança de época e conversão pastoral: Uma leitura das conclusões de Aparecida. **Atualidade Teológica**, v. 12, n. 30, set/dez. 2008. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18418/18418.PDF>>. Acesso em: 28 jun 2021.

AMADO, J. P.; GARCIO RÚBIO, A. (Orgs.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs.) **As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP: Santuário, 2013.

BENTO XVI, PP. Discurso do Papa Bento XVI na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. **Convergência**, n. 403, p. 261-271, jun. 2007.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI, PP. **Declaração de renúncia ao ministério de Bispo de Roma**, 28 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html>. Acesso em 29 jul. 2022.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica Spe salvi sobre a esperança cristã**. São Paulo: Loyola, 2007.

BENTO XVI, PP. **Homilia na abertura da Assembleia Sinodal sobre a nova evangelização para a transmissão da fé**, 07 de outubro de 2012. Disponível em: <<https://www.vatican.va/synod>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

BENTO XVI, PP. Carta Apostólica sob forma de motu próprio **Porta Fidei** com a qual se proclama o ano da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI, PP. Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais. **Silêncio e Palavra: caminho de evangelização**, 20 de maio de 2012. Disponível: <<http://www.vatican.va/documents>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BÍBLIA SAGRADA, tradução da CNBB. Brasília: ed. CNBB, 2010.

BINGEMER, M. C. L. Exigências éticas da misericórdia. In: MILLEN, M. I. DE C.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **O imperativo ético da misericórdia**. Aparecida-SP: Santuário, 2016, p. 139-159.

BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. **Deus-Amor: A graça que habita em nós**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOFF, C. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. **Revista Pistis Prax.** Teol. Pastoral. v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015.

BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador**: Ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRIGHENTI, A. Nueva evangelización y conversión pastoral: um abordaje desde la Iglesia em América Latina y el Caribe. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, Colômbia, v. 63, n. 176, p. 331-366, jul./dic. 2013. Disponível em: <revistas.javeriana.edu.co/index-php/teoxaveriana/essue/view/685>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CALANDRO, E. A. **Processos de iniciação à vida cristã e resiliência**: um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes/SP. Rio de Janeiro, 2019. 476p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <maxwell.vrac.puc-rio/46701-PDF>. Acesso em: 16 out.2022.

CATELAN FERREIRA, A. L. A sinodalidade eclesial no Magistério do Papa Francisco. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago. 2018.

CATELAN FERREIRA, A. L. Ecclesiology do Concílio Ecumênico Vaticano II: antecedentes históricos. **Encontros teológicos**, v. 62, n. 2, p. 51-79, 2012

CAVACA, O. A Igreja, povo de Deus em comunhão Lumen Gentium 1-59. In: ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs.). **As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP: Santuário, 2013. p. 101-136.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. Rumo à Quinta Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). **Documento de participação**. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMISSAO TEOLÓGICA INTERNACIONA. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: CNBB, 2018.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Doc. 109).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015**. São Paulo: Paulinas, 2011. (Doc. 94).

CNBB. **Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental**. Brasília: Edições CNBB, 2021 (Subsídios Doutrinários 4).

CNBB. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

CODA, P. **A Igreja é o Evangelho**: Nas fontes da teologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre atividade missionária da Igreja. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 353-399.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 119-139.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In.: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 141-256.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 39-117.

CONRADO, S. Da missão ao povo para o povo em missão- *Ad Gentes*. In: ALMEIDA, J.C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs.) **As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida, SP; Santuário, 2013. p. 353-368.

COSTA, A. S. Teologia e espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca. **Perspectiva Teológica**, v. 38, p. 323-348, 2006.

CZERNY, M. Uma Igreja que caminha junto. Sinodalidade na era do Papa Francisco. **Perspectiva Teológica**, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5009/4828>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a alegria do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete Et Exultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Homilia na missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta**, 03 de maio de 2018. Disponível em: <<http://www.vaticannews.vapapafrancisco>>. Acesso em 03 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. **Homilia pelo 60º aniversário do início do Concílio Ecumênico Vaticano II**, 11 de outubro de 2022. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20221011>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. **Mensagem para o dia mundial das missões**, 20 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.vatican.va/documents>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FRANCISCO, PP. **A esperança cristã**. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Homilia na missa do primeiro domingo do advento com os novos cardeais**, novembro de 2021. Disponível em: <https://www.accidigital.com/noticias/homilia-do-papa-francisco-na-missa-do-i-domingo-do-advento-com-novos-cardeais-59034>. Acesso em: 19 nov. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. **Abri as Portas ao Redentor**: Bula de proclamação do Jubileu pelo 1950º aniversário da Redenção. São Paulo: Paulinas, 1983.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte no início do Novo Milênio**. São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM**. Haiti, 09 de março de 1983. Disponível em: vatican.va/content/John-Paul-II/pt/speeches/1983-assembly-celam. Acesso em: 30 dez. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Redemptor Hominis**. São Paulo: Paulinas, 2010.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia In América sobre o encontro com Jesus Cristo vivo**, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. São Paulo: Paulinas, 1999.

JOÃO PAULO II, PP. Encíclica *Redemptoris Missio*. In: SARTORI, L. M. A. (Org). **Encíclicas do Papa João Paulo II: o profeta do ano 2000**. São Paulo: LTr, 1999. p. 343-399.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis**. São Paulo: Paulinas, 1988.

KUZMA, C. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. p. 195-208.

KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

LIMA, M. L. C. A alegria do Evangelho na Evangelii Gaudium: aspectos relevantes da teologia do Antigo e Novo Testamento. In: AMADO, J. P; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. p. 51-74.

MAÇANEIRO, M; PESSOTO, D. M. A pneumatologia missionária de Papa Francisco em Evangelii Gaudium. **Pistis Práxis**, v. 10, n. 3, p. 551-590, set.dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/24508/23203>. Acesso em: 17 set. 2022.

MADRIGAL, Santiago. La sinodalidade em la vida e y en la misión de la Iglesia. Texto y comentario del documento de la Comisión Teológica Internacional. **Biblioteca de autores cristianos**, Madrid 2019. Disponível em: <https://drive.google.com>. Acesso em 17 mar. 2021.

MATTOS, L. A. Aparecida: Esperanças e temores. **Revista Espaços**, p. 5-27, ano 15/1, 2007.

MIRANDA, M. F. Em vista da Nova Evangelização. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 45, n. 125, p, 13-34, jan-abr. 2013. Disponível em: faje.edu.br/periódicos.php/perspectiva/article/2828/2980. Acesso em: 30 out. 2021.

MIRANDA, M. F. **A reforma de Francisco: fundamentos teológicos.** São Paulo: Paulinas, 2017.

MISSAL ROMANO. Oração Eucarística VI-C. São Paulo: Paulus, 2013.

MORAES, A. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. p. 33-48.

MORAES, A. A catequese hoje: reflexões teológico-pastorais. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.** São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC, 2014. p. 263-276.

PASSOS, J. D. Exortação *Evangelii Gaudium* – Aproximações a um texto reformador. **Revistas Espaços**, v. 22/1, p. 7-20, 2014.

PARANHOS, W. S.; PONTE, M. N. Q. A sinodalidade como estilo. **Perspectiva Teológica**, v. 54, n. 1, p. 11-19, jan/abr. 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5061/4840>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** São Paulo: Paulinas, 1975.

PEREIRA, S. C. **A formação de discípulos missionários: o Kerigma à luz da teologia da cruz de Antônio Pagani.** Rio de Janeiro: Vozes, Petrópolis, RJ: PUC-Rio, 2021.

PERRONI, M. **Querigma e Profecia: a hermenêutica bíblica do Papa Francisco.** Brasília: CNBB, 2019.

PIMENTEL, A. M. **O tempo é superior ao espaço: a dimensão social da evangelização como “processo possível” e “longa estrada”.** Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/simposio2021/arquivos/seminarios/Seminario4.pdf>>. Acesso em 15 set. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e Anúncio.** São Paulo: Paulinas, 1996.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2005.

POSADA, I.C. Redescubrir la sinodalidade eclesial, invitación y objetivo del Papa. **Perspectiva Teológica**, v. 54, n.1, p. 105-131, jan/abr. 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5011/4832>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

QUEVEDO, L. G. **O novo rosto da Igreja: Papa Francisco.** São Paulo: Loyola, 2013.

REPOLE, R. **O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco.** Brasília: CNBB, 2018.

RECH, H. T. Apostar na esperança. A espiritualidade como caminho de esperança. **Convergência**, ano XXIX, n. 374, p. 373-384, jul./ago.2004.

SCHILLEBECKX, E. **Jesus, a história de um vivente.** São Paulo: Paulus, 2008.

SILVEIRA, I. H; KUNRATH, P. A. A índole missionária da Igreja na perspectiva da Conferência de Aparecida. **Telecomunicações**, v. 38, n. 161, p. 360-378, set./dez. 2008.

SINODO DOS BISPOS. XIX ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. **Instrumentum laboris**. Cidade do Vaticano, 2012. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 20 abr. 2022

SUESS, P. **Missão e misericórdia**: a transformação missionaria da Igreja segundo a *Evangelii Gaudium*. Paulinas, 2017.

TEIXEIRA, F. Entre o desafio do diálogo e a vocação do anúncio. **Convergência**, v. 34, n. 327, p. 520-529, nov. 1999.

THEOBALD, Christoph. A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II. **Cadernos de Teologia Pública**, v. 12, n.104, p, 1-21, 2015. <Disponível em www.dbd.puc-rio.br>. Acesso em 27 abr. 2022.